

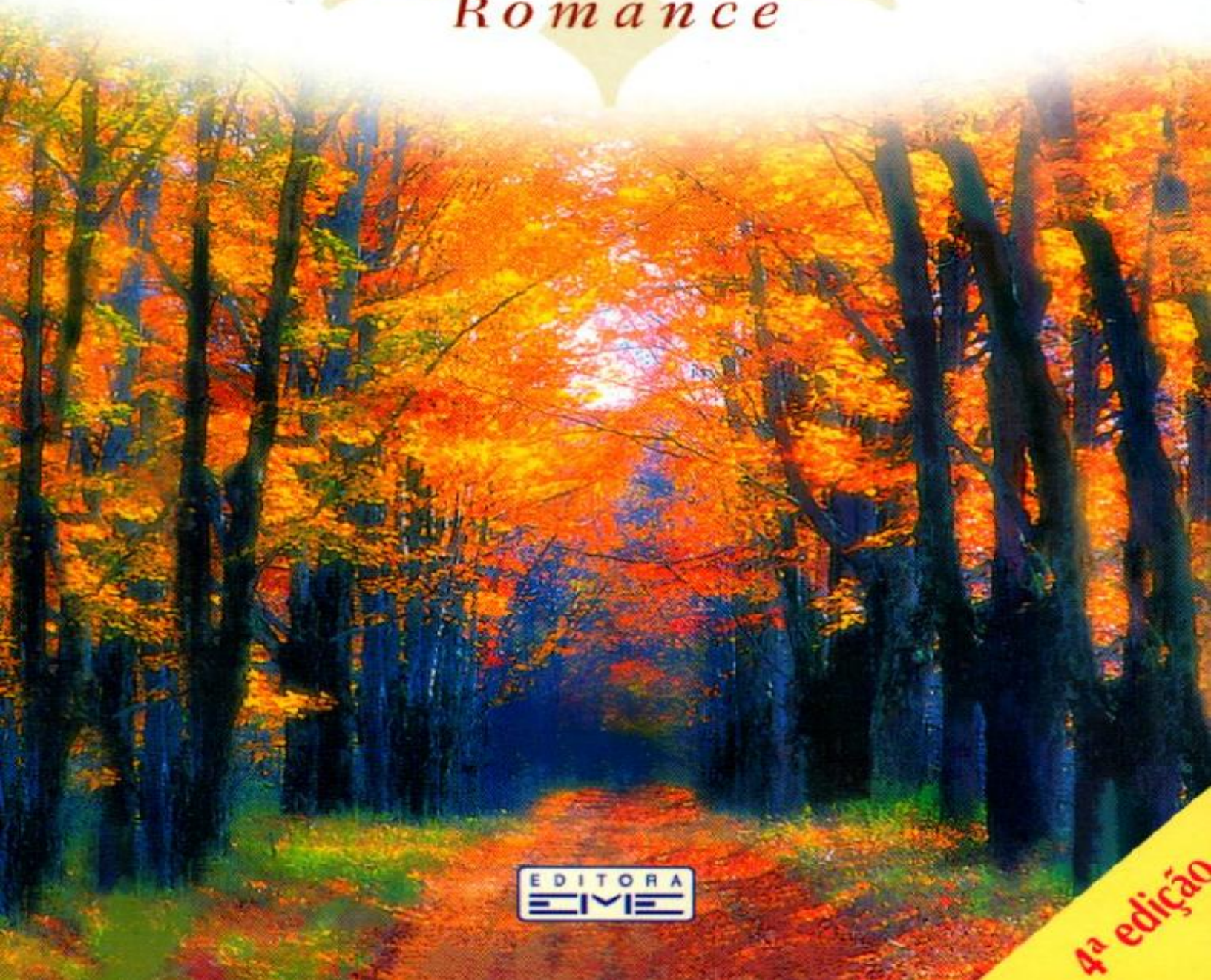
*G r a ç a   L e ã o*

---

# O SOL NASCE PARA TODOS

---

*R o m a n c e*



EDITORA  
**EVE**

4ª edição

ÿpmaria da Graça Leão Espírito Fernando O Sol Nasce Para Todos

Romance 2 - História do Brasil Imperial

## APRESENTAÇÃO

7

Através desta história, que descreve a Colônia dos Reeducandos, homenageamos esse Espírito de Luz que tanto benefício presta nos dois planos da vida.

Este Espírito tem sido nossa estrela-guia em momentos de maiores dificuldades. Seu olhar sereno, que acalma nossos espíritos atribulados, nos acompanhará sempre. Seus conselhos, queremos guardar na memória, onde quer que estejamos. Ele, que poderia estar fazendo parte de mundos mais felizes, pede novamente permissão para voltar à Terra, mais precisamente à Pátria do Cruzeiro, para auxiliar seus irmãos. Renascerá Benedita em nobre missão, levando Luz onde há trevas.

E nós, que seremos os “filhos do abandono”, portadores de dificuldades físicas e mentais, encontraremos nos braços de Benedita respaldo necessário para resgatar tão grandes débitos perante a Justiça Maior.

sentimo-nos felizes, pois iremos conviver com esse valoroso Espírito e, temos certeza, iremos trilhar o caminho do Amor, pois o Amor será nosso amparo nos braços de nossa Mãe Preta.

Os Internos

## PALAVRAS DO AUTOR ESPIRITUAL

9

Quando conheci Benedita, na Colônia dos Reeducandos, logo percebi que estava diante de um Espírito iluminado pelo conhecimento das Leis Divinas.

Benedita, ou Mãe Preta, como gosta de ser chamada, tem muito a ensinar para nós, Espíritos em evolução, ainda envolvidos por raízes seculares de um passado nas sombras.

Quando nos fala, mostra toda a nobreza de sentimentos que norteiam aqueles que aprenderam a amar e exercitam esse Amor em prol de todas as criaturas.

Ao ser procurado pelos internos da Colônia, com a sugestão de trazer ao público a história desse Espírito admirado por todos, senti a responsabilidade da incumbência.

Mas nós, Espíritos desencarnados, que escrevemos para os homens, trazendo nossa contribuição de Além-túmulo, temos o dever de servir.

Que possamos estar inspirados por Jesus para darmos

10

mais um testemunho de Amor, luta e plantio, pois as sementes de Amor, plantadas por Benedita nos corações daqueles que com ela conviveram em épocas tão difíceis, germinaram, trazendo compreensão àqueles que tiveram seus corpos cativos, mas que, pelas mãos de Benedita, encontraram a Verdade, e esta os libertou.

Fernando

NO EDUCANDÁRIO

11

No Educandário da Colônia, Fernando faz a palestra cujo tema é Reencarnação.

Após ter proferido a palestra da tarde, dirigi-me ao pátio do Educandário. Encontrando alguns internos, aproveitei para trocar opiniões sobre o tema que havia abordado.

Durante a conversa, Francisco, um dos internos, perguntou-me se já havia solicitado a Benedita permissão para levar sua história ao conhecimento dos leitores.

Respondi-lhe que aguardava uma oportunidade para tanto, quando Samuel veio ao meu encontro:

Fernando, estão solicitando sua presença no hospital da Colônia, pois acaba de chegar mais uma caravana trazendo nossos irmãos das regiões inferiores. Há muito trabalho e estão em péssimas condições.

Obrigado por chamar-me, Samuel. Não é sempre que tenho oportunidade de estar aqui e auxiliar na chegada das caravanas.

12

Despedindo-me dos internos, dirigi-me ao hospital. Ao chegar, o movimento era intenso. Deparei-me com os assistentes assoberbados auxiliando os irmãos que chegavam. Havia muitos que choravam e gemiam completamente alheios àquela movimentação.

Embora por diversas vezes tenha presenciado a chegada desses irmãos resgatados pelos caravaneiros, causa-me ainda certo constrangimento ao ver tanta dor e desespero. Meus pensamentos e sentimentos estavam confusos, quando uma voz me chamou a atenção.

Procura elevar seus pensamentos, Fernando. Pensamentos elevados são gotas de luz que podem auxiliar aqueles que sofrem.

Era Benedita que vinha ao meu encontro. Devemos compreender que esses irmãos estão passando por processos de evolução inevitáveis, resgatando através da dor e das lágrimas o mal praticado. Quanto a nós, precisamos de serenidade para socorrê-los. Compreendi que lamentar a situação em que se encontravam nenhum benefício lhes traria. Deveria, sim, fazer minha parte, prestar ajuda necessária, colocando Amor em cada gesto.

Enquanto prestava assistência a esses irmãos, pensava no Grande Arquiteto do Universo que fez a todos iguais.

Vinha-me à lembrança o tempo em que, envolvido nas teias da maldade, encontrava-me em idêntica situação e mãos piedosas levantaram-me do lodo em que mergulhara.

Meu coração batia em ritmo de alegria. Agradecia ao Pai por estar ali presente e saber que o mal é transitório e o bem é eterno. Olhava para Benedita que, com suas mãos, retirava os fluidos deletérios transmitindo energias restauradoras, ao passo que eles pouco a pouco iam se aquietando. Fechando os olhos, mergulhavam no sono restaurador.

Benedita fez-me um sinal e fui ao seu encontro. Saímos do hospital e dirigimo-nos até o jardim, que o

13

circundava, buscar na Natureza e no perfume das flores energias revigorantes, assim como usufruir da paz que sentíamos por termos sido úteis. Sentados em um banco, olhamos o céu de um azul límpido. A brisa que soprava era como o sopro daquele Divino Amigo, o Médico das Almas, e, em nossos corações, escutávamos sua voz a nos dizer: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo, porque, só vos amando, encontrareis a verdadeira felicidade.”

Olhei para Benedita. Seu rosto irradiava tanta paz e serenidade, que procurei penetrar seus pensamentos. Mas não obtive sucesso: algo o bloqueava. Talvez porque, nesse momento, Benedita estava ligada a Irmãos Maiores no ‘colóquio silencioso, em que as grandes almas se encontram para render homenagem ao Pai Universal.

Comecei a refletir no pedido que os internos me haviam feito. Benedita estava ao meu lado. A oportunidade surgira, mas debatia-me na ansiedade se ela aceitaria ou não trazer a público sua história.

Sua mão pousara na minha. Levantei os olhos deparando-me com Benedita a sorrir.

Fernando, meu caro amigo. Sei o que o preocupa e também do pedido que queres fazer-me. Por diversas vezes pediram-me para que escrevesse minha

história e a enviasse a nossos irmãos encarnados, porém acredito que nada há de interessante a relatar. Ao lembrar-me de tantos irmãos missionários que estão encarnados, trabalhando na Grande Causa Universal, levando Amor em todos os recantos deste planeta, não me acho merecedora.

Saímos a passear pelo jardim. Ao ver uma rosa que desabrochava, Benedita falou:

Fernando, sintome como a partícula de pólen em uma rosa. A raiz é Deus. Os ramos são os irmãos que nos amparam na trajetória terrena. As pétalas, os amigos que fazemos. Os espinhos são os sofrimentos que porventura

14

tenhamos. Mas nós, que compreendemos os sofrimentos, jamais somos feridos pelos espinhos, como também eles não interferem para que a rosa tenha seu perfume. Sabedora da homenagem desses queridos irmãos, que meu coração adotará como filhos em próxima existência terrena, sintó-me honrada em permitir que conte minha história, assim como sei que dará o brilho que creio não merecer.

Falarei com Samuel e pedirei que o autorize a acessar o arquivo de minha última vivência terrena. Espero, com isso, prestar também minha homenagem a tantos que na Terra sofrem o preconceito de cor.

## AUTORIZAÇÃO EXPRESSA

15

Tendo recebido permissão de Benedita, dirigi-me ao prédio próximo do Educandário. Ao encontrar-me com Samuel, depois de um breve colóquio, onde acertamos a data para iniciarmos o acesso ao arquivo das reencarnações progressas da benfeitora, fui dar a notícia aos internos. A felicidade foi geral.

No dia marcado, Samuel encontrava-se a minha espera. Após passarmos por diversos corredores, chegamos a uma grande sala. Ao adentrar, percebi que era muito simples. Continha apenas um pequeno painel com alguns

botões e uma imensa tela. Havia também uma poltrona ao centro, onde Samuel me convidou para sentar. Depois de ouvir as explicações necessárias, deixou-me só.

Queridos leitores, convido-os para, juntos, emprendermos esta viagem ao passado.

Alguns episódios que aqui serão narrados não fazem parte da história relatada pelos historiadores terrenos. Iremos conviver com alguém que, embora anônima, viveu

11)

pessoalmente a história.

Rogamos a Jesus seja ele o nosso guia.

Fernando

A tela do passado

se ilumina, as cenas, ganham vida...

CAPITULO 1 SUDÃO,1807

19

Nossa história tem início numa pequena aldeia da África. Começa o grande espetáculo da Natureza. Amanhece. As brumas da noite são dispersadas pelo alvorecer. O sol aparece no horizonte. Seus raios dourados, refletindo nas copas frondosas das árvores, lentamente despertam os pássaros que se agitam, emitindo trinados alegres, saudando a formação de um novo dia.

As choupanas simples recobertas de palha estão dispostas graciosamente em forma circular. Por detrás, há pequenos cercados com alguns animais.

A distância, plantações de milho e trigo balançam ao toque suave da brisa.

As primeiras claridades da alvorada vêm despertar a comunidade. Ao saírem de suas choupanas, admiram as

20

nuvens, que, no céu opalino de um azul esgazeado, parecem bailar para celebrar com eles esse dia.

Haverá muito trabalho. Precisam preparar-se para a festa que irá acontecer à noite.

Finalmente Jhana completou a idade estabelecida por Amaru, conselheiro da tribo, para unir-se a Joshua.

Essa união era esperada por todos. Desde crianças percebia-se neles uma profunda afeição, que, com o correr dos anos, transformara-se em Amor. Amaru está feliz, deseja nesse dia tranquilizar o coração. As notícias que chegam das tribos vizinhas causam-lhe preocupações. Informam o desaparecimento de alguns guerreiros. Por esse motivo vive apreensivo. Tem ciência de que se trata. Lembra-se de quantas vezes tivera de deslocar-se de um lugar para outro, ora fugindo das secas nas regiões áridas para lugares mais férteis, ora fugindo devido às constantes notícias desses desaparecimentos. Era seu dever proteger a comunidade.

Chegara a esse lugar e aqui permanecera. Acreditara ser seguro. Havia água, terras férteis e colheitas abundantes. Mas teria de ficar alerta, pois o perigo novamente os rondava.

Hoje é um dia festivo. Precisa esquecer seus medos e suas amarguras. Ao olhar para Jhana, verifica o quanto está feliz. Nesse momento, invadido pela saudade, passa a recordar.

Lembra do dia em que Jhana, trazida por Zimbo, chegara até ele. A tribo de Zimbo ficava distante algumas léguas. A menina aparentava ter 4 a 5 anos, estava assustada e de seus olhinhos desciam lágrimas sentidas. Ao chegar, se refugiara em um canto a soluçar.

Zimbo, dialogando com Amaru, colocara-o a par dos últimos acontecimentos de sua aldeia. Contaralhe da grande seca que assolava aquela região, trazendo-lhe

21

preocupações constantes. Nada podiam plantar. Os animais, que antes eram a principal fonte de sua subsistência, deslocavam-se para regiões cada vez mais distantes em busca de água.

Para agravar a situação, as cacimbas estavam secando, guerreiros desaparecendo sem deixar vestígios e, para finalizar, a maioria de seu povo encontrava-se febril. Não sabia a causa. Acreditava ser proveniente da água que restara em uma cacimba, a qual era utilizada pelos aldeões para saciar a sede. Poderia estar contaminada, pois, havia poucos dias, fora encontrada uma ossada de um animal perto do local.

A mãe de Jhana havia perecido vitimada por essa febre desconhecida. O pai, ela não chegara a conhecer. Era um guerreiro. Ao sair em busca de caça, não mais retornara. Talvez tivesse sido devorado por algum animal feroz, ou desaparecido como tantos outros, sem deixar vestígios.

Aconselhara Amaru que saísse desta região e levasse a menina, visto que o local se tornara perigoso. Previa dias difíceis para seu povo, mas precisava ali permanecer até que se restabelecessem.

Amaru não tinha filhos. Amara extremamente sua companheira, mas esta o deixara havia muitos anos, vitimada por essas mesmas febres, que tanto mal causavam, dizimando tribos inteiras. Desde então, para superar a dor da perda, passara a acolher crianças da tribo que ficavam na orfandade.

Sentia-se venturoso. Seus anos eram dedicados a essas crianças, ensinando-lhes tudo que sabia. Ensina-los a caçar, a plantar e conhecer as ervas medicinais. Muitas das crianças que acolhera haviam crescido, construindo suas próprias choças, constituindo famílias.

Restava-lhe duas crianças: Joshua e Korbe, que eram a alegria de sua velhice. Para o coração amoroso de Amaru

chegava mais alguém, pedindo amor e proteção.

Acercando-se da garota, enxugou suas lágrimas, aconchegando-a ao peito. Chamou Joshua, o mais velho, pedindo-lhe que fosse brincar com a menina. Passados alguns minutos, já se ouviam os risos alegres de Jhana. A partir desse dia, ela passou a ser a sombra de Joshua. Onde quer que fosse, ela estava junto dele, sendo a companheira de todos os momentos.

Orientado por Zimbo, Amaru e seu povo saíram dessa região árida. Estabeleceram-se próximo ao Vale do Rio Nilo, região fértil e promissora. Nunca mais souberam notícias de Zimbo e sua tribo.

Ao recordar-se de Korbe, uma nuvem de tristeza tolhe seus pensamentos. Korbe, alguns anos mais jovem que Joshua, fora sua alegria e agora era o motivo de sua amargura.

Jhana crescia e desabrochava como uma rosa em botão. Silhueta delgada, traços delicados, nariz afilado, lábios finos. Na pele marrom-escura se destacava o sorriso encantador, deixando à mostra dentes brancos e perfeitos.

Joshua diferenciava de Korbe na estatura. Era muito alto. Mas ambos de uma beleza máscula, cor de ébano. Ao perceber o interesse de Jhana por Joshua, o ciúme se instalara, corroendo-lhe o coração. A paz entre eles estava ameaçada.

Korbe modificara-se, tornara-se ardiloso. Sempre atento, não perdia oportunidade para prejudicar Joshua. Amaru tentara conciliar, mas sem sucesso. A vida na aldeia, antes pacífica, tornara-se difícil.

Korbe em momento de desatino, ateara fogo nas plantações. A comunidade solicitara a Amaru que o expulsasse da tribo e daquela região. Apesar de toda sua influência, Amaru não conseguira que eles o perdoassem e, com pesar no coração, pediu-lhe que deixasse a

comunidade. Korbe retirou-se ameaçando a todos. Jurara vingança, principalmente a Joshua e Jhana. Ele não fora mais visto na região e Amaru sentia saudades do filho que criara com tanto amor.

Apagam-se da mente de Amaru as recordações. Sua atenção é desviada devido à agitação que se estabeleceu na aldeia. Os homens estão absorvidos na alimentação de uma fogueira que servirá para clarear a aldeia nessa noite festiva. As mulheres preparam as iguarias que serão servidas. As crianças, absorvidas em seus folguedos, esperam alegres a chegada da noite. Joshua está dando os retoques finais em sua choupana, preparada durante meses para receber sua amada. Jhana, com desvelo, organiza seu ninho de amor. Leva os utensílios que fez com mestria trabalhando a argila. Aprendera também a trabalhar com fibras tecendo esteiras, que agora encobrem o chão.

O dia passa neste ambiente de alegria contagiante. O sol começa a deitar seus raios sobre o horizonte despedindo-se do dia; a lua surge no firmamento. Amaru está feliz; logo mais abençoará essa união.

A noite chega revestindo o céu de estrelas. A fogueira começa a crepitar espalhando claridade sobre a aldeia. Surgem os nubentes sorridentes e felizes acompanhados por Amaru. O silêncio é total, todos prestam atenção ao ritual.

Amaru, em sua linguagem tribal, abençoa seus filhos. Ao se voltar para sacrificar o animal, oferenda ao Deus Supremo e Perfeito do Universo, subitamente se depara com dois olhos injetados de ódio assistindo àquela cena por detrás dos arbustos.

Era Korbe. Mostrava através do olhar o que seu coração sentia.

Amaru vacila, o coração pulsa forte, porém, a cerimônia

## 24 25

precisa continuar. Ao oferecer o animal em sacrifício, faz uma prece silenciosa rogando ao Deus Supremo proteção para os filhos que acabara de unir, também para aquele que sofria sentindo o ciúme corroer suas entranhas.

O ritual chega ao fim. O som dos tambores corta o silêncio da noite. A festa tem início. Em volta da fogueira todos cantam e dançam. As iguarias são servidas, estão todos felizes e celebram a felicidade do casal. As horas passam, a lua em sua trajetória dá sinais que deve se recolher para dar espaço ao sol, que começa a surgir. Pouco a pouco a aldeia silencia, todos se recolhem para o descanso.

Ao entrar em sua choupana, Amaru se entristece, olha para os lados, está só, não ouve mais os risos alegres e não tem mais a companhia dos que criara. Sente também que não tem mais a energia de outrora. Recolhido à solidão de sua pequena choupana, recorda sua juventude e se questiona: “Onde está aquele guerreiro que um dia sentiu o vigor da mocidade?” “Os anos passaram e não se apercebeu. Na luta constante para proteger seu povo, não prestou atenção ao relógio do tempo. O tempo silencioso fizera seu trabalho, e ele ali estava, sentindo a seiva da vida pouco a pouco se esvaindo. Sente que não demorará para ir habitar a tribo de seus ancestrais.

Pensa em Korbe e sente o coração se confranger. Prevê que alguma desgraça está por acontecer. Conhece-lhe o caráter, sabe que de alguma forma ele procurará vingar-se.

Para reequilibrar-se, faz uma prece ao Deus Supremo, Criador do Universo e da Humanidade, pedindo-lhe que auxilie aquele filho que se transviara do caminho.

Após ter proferido a prece, adormece tranquilo. Passados alguns meses, Jhana procura por Amaru para contar-lhe o sonho estranho que tivera.

Dizia-lhe que surgira diante dela uma vaporosa forma de mulher e esta lhe falara:

Jhana, aproxima-se a hora em que deverás dar testemunho de coragem e fé, para auxiliar aquele que elegeste por companheiro. Teu ventre já carrega o fruto desta união. Este ser que chega, deverá nascer em terras distantes de além-mar. Deixarás esta terra que lhe serviu de berço e irá habitar a Pátria do Cruzeiro. Para que se cumpra o que foi estabelecido quando aceitaste esta prova, precisamos de tua calma e coragem. Os acontecimentos que se sucederão, causar-te-ão espanto e dor, mas estaremos amparando-te durante a travessia. O Amor que te uniu a Joshua continuará unindo-os nessa nova terra. Quando acordares, lembrarás destas palavras, e, nos momentos de temor, lembres que estarei te protegendo.

Ao terminar de relatar o sonho, percebeu que Amaru chorava, pois ele compreendera o motivo de sua tristeza e aflição dos últimos meses. Durante a narração, em sua mente projetava-se a história de sua vida e o papel que desempenhara junto aos que amava. Sentia estar se aproximando o dia da separação.

Mais calmo acercou-se de Jhana. Depositando um beijo em sua fronte lhe disse:

Filha, compreendo que o momento de nossa separação se aproxima. Se porventura algo acontecer, lembra-te sempre de que, onde estiveres, meus pensamentos estarão também. Sinto meu corpo cansado, alquebrado pelos anos. Logo deixarei esta terra para ir ao encontro daqueles a quem amei e partiram para a terra de nossos ancestrais. Tua vida deve continuar. Se tiver de deixar esta região e seguir para o além-mar, lembra-te de que a terra é nosso habitat natural. Onde quer que estejamos, procuremos amar a Pátria que nos recebe. Quando receber nos braços este filho que seu ventre abriga,

## 26 27

ensina-lhe o que te ensinei. Conta-lhe a história de nosso povo, a fim de que não esqueça o berço onde foi gerado. Sintome mais tranqüilo, porque sei que estarás sendo amparada.

Jhana sai confiante indo ao encontro do companheiro para dar-lhe a notícia que esperava um filho. Ao tomar conhecimento do fato, Joshua, que sempre fora introvertido, não consegue conter a alegria. Extravasa na dança tribal, que a todos contagiou.

Os dias foram passando, Jhana não mais lembrava do sonho. Junto de Joshua saía ao cair da tarde para dar longos passeios. Olhavam suas plantações ao longe e faziam planos. O dia da colheita se aproximava e iria ser farta.

Amaru tornara-se meditativo. Sempre que o casal se ausentava da aldeia, ficava ensimesmado. Acompanhava-os com o olhar até vê-los desaparecer por entre as árvores. Só se tranqüilizava quando os via regressarem. Faltava apenas alguns dias para a colheita. Esse seria o último passeio que dariam até que os produtos fossem armazenados. Joshua e Jhana estavam sentados sobre a relva fazendo planos e não se aperceberam que olhos hostis os fitavam.

Korbe com mais dois comparsas, esgueirando-se como cobras peçonhentas, deram o bote. Tudo acontece muito rápido. Joshua, incapacitado de qualquer reação, recebe um violento golpe na cabeça. Jhana, ante a surpresa, tenta reagir, mas não obtém sucesso. Após ter-lhes desferido o golpe brutal, Korbe gargalha diabolicamente. Enquanto isso, seus comparsas os amordaçam lançando-os no fundo de um carroção. Logo após, saem conduzindo o veículo em desembestada corrida.

As horas passam. Amaru, que ficara aguardando a volta dos filhos, agoniava-se. O sol foi lentamente se apagando. A lua surge tímida no horizonte, o céu se cobre de estrelas.

Depois de muito esperar, conclui que chegara o dia da revelada separação. Erguendo os olhos para o céu, vislumbra o Cruzeiro do Sul brilhando no firmamento. Faz sentida prece, rogando que a Pátria do Cruzeiro acolha os filhos de seu coração. Para Amaru a noite ficou escura, pois as estrelas de sua vida naquela noite não apareceram.

O casal, semiconsciente, continua se afastando. Percorre as savanas sem atinar para onde está sendo levado. Quando o veículo pára pôr breves momentos, Korbe, conhecedor de ervas, mitiga a sede dos dois com uma poção feita de ervas anestésicas. Se eram horas ou dias que estavam nesta situação, Joshua e Jhana não sabiam precisar. Sentem os corpos doridos e machucados pela corrida desordenada.

Começam a recobrar a consciência, devido a agitação e o burburinho que ouviam. Como que despertando de estranho torpor, percebem que o carroção se encontra parado. Korbe e seus companheiros os retiram do veículo ainda vacilantes. Pensam estar sofrendo um terrível pesadelo. Estão profundamente tocados pelo trágico destino que os aguarda. Era um navio cargueiro, cuja carga são seres humanos acorrentados e amedrontados. Joshua e Jhana, aflitos, emudecem. Apenas o olhar traduz o horror de que estão possuídos. O barulho tétrico das correntes arrastadas pelo chão parece ser a marcha fúnebre para aqueles seres que não sabem se chegarão com vida ao destino incerto para o qual estão sendo conduzidos.

Ao som das gargalhadas de Korbe e com passos trôpegos, sobem na ponte que os separará da Pátria que os vira nascer. Voltam-se para lançar o último olhar, e o que vêem e o que sentem não é mais o temor do momento presente. Seus olhos retrocedem às savanas da África.

Pensam nas árvores, nos arbustos, vêem os animais correndo livres nas pradarias, sentem sob seus pés a relva macia e o cheiro do trigo maduro. Pensam em sua aldeia e

28

vêem Amaru em frente à sua choça, acenando naquele gesto característico que ele tantas vezes fizera quando saíam a passear. As lágrimas rolam e o soluço fica preso na garganta ao receberem a primeira chibatada. Acabara o

devaneio. A realidade surgira, e aos empurrões são conduzidos para o porão fétido do navio.

O navio parte levando sua carga, seres humanos tratados como animais. O porão onde são jogados tem pouco espaço para acolher tantas pessoas que se apertam entre si. Na escuridão do lugar não percebem que pisam umas nas outras. O calor é insuportável, não há ventilação, pois para evitar suicídios, os traficantes fechavam as escotilhas do navio. Ao adaptar-se à escuridão, Joshua chama por Jhana, tentando localizá-la. Ela responde. Assim ele consegue chegar junto dela.

Passada a agitação, os negreiros retornam ao porão do navio para acorrentá-los.

Inicia-se a travessia e a agonia deste povo, que trocado ou vendido por bagatelas, foi seqüestrado de suas tribos, afastado do convívio de sua gente e de sua pátria.

Passados alguns dias, a sede e a fome atormentava-os. Muitos se encontravam entorpecidos pelo sofrimento. Quando a porta do porão se abre, os negreiros retiram os doentes e aqueles que haviam perecido pisoteados por seus próprios irmãos. Em seguida trazem-lhes água para mitigar a sede e o parco alimento que eles ingerem com sofreguidão. Os mortos e os doentes são jogados ao mar, tendo como sepulcro as ondas do oceano.

Joshua, ante o sofrimento, começara a crer que a única opção que restara para ele e Jhana seria a morte. Resolve persuadi-la a deixar-se morrer. Ele em seguida iria ao seu encontro. Jhana se surpreende com tal pacto. Nesse momento ouve a voz de Amaru lembrando-a do sonho. Não consegue atinar de onde viera aquela voz.

29

O que ela desconhecia é que Amaru e a tribo, após as buscas infrutíferas, iniciavam a colheita quando foram pegos desprevenidos. Kor e chegara com vários comparsas rendendo a comunidade. e prosseguia insano. Com sua vida desregrada, tornara-se negreiro. As crianças foram sacrificadas, os

guerreiros aprisionados, os velhos assassinados e entre eles estava Amaru. Este desvelado pai, ao deixar as vestes carnavais, viera em espírito ao encontro dos filhos amados.

Jhana, ao lembrar do sonho, sente um bafejo transmitindo-lhe calma e esperança. Sentindo-se amparada, procura esquecer as agruras do presente para pensar no futuro que os aguarda. Sabe que Joshua precisa de sua coragem. Ao colocar a mão no ventre, sente os primeiros sinais deste ser que cresce em seu interior, tem certeza que sobreviverão. Conta a Joshua o sonho que tivera pedindo-lhe coragem para resistir, certa de que chegarão incólumes ao outro lado do mar.

A viagem prossegue lenta. A sede, a fome e os sofrimentos pelos quais passam são muitos, mas no olhar de Jhana há um novo brilho; é desse brilho que Joshua se alimenta.

Quarenta dias extremamente difíceis haviam se passado. Certo dia, ouvem o grito de terra à vista, no convés. Muitos não haviam sobrevivido devido à fome e maus-tratos. Os que resistiram às vicissitudes, embora machucados e cobertos de feridas, agitaram-se, aguardando os acontecimentos.

Passado algum tempo, são retirados dos porões e trazidos ao convés. Desacostumados que estavam com a claridade, abriram os olhos devagar. O céu estava claro, pássaros riscavam o ar em seus vôos rasantes, como se estivessem dando-lhes boas-vindas. O cheiro da maresia, a brisa, que soprava suave, refrescava seus corpos doridos.<sup>30</sup> GRAÇA LEÃO 31

a paisagem que se descortinava aos seus olhos comovia-os. Muitos choravam ao lembrar o martírio pelo qual haviam passado. Iniciaram uma canção. Suas vozes, tímidas de início, foram adquirindo tom mais alto, cortando os ares no lamento triste de um povo, que havia deixado a pátria mãe, para com seu suor fertilizar a Pátria do Cruzeiro.

## CAPITULO 2 SALVADOR, BAHIA

Brasil colonial Inicia-se o ano de 1808. o navio negreiro atraca no Porto de Salvador. Longos e intermináveis dias haviam transcorrido, desde que degredados de sua Pátria pisaram em solo brasileiro.

Ao desembarcarem, são prontamente conduzidos às carroças de aluguel que partem em direção às cercanias da cidade. Após um lapso de tempo, os veículos param defronte a um barracão.

Os traficantes usavam esse local, porque os negros africanos, em sua maioria, desembarcavam doentes. Chegavam com escorbuto', cobertos de feridas e mal alimentados. Ali permaneciam por vários dias. Logo após, refeitos da longa viagem e com melhor aparência, eram

1 - ESCORBUTO - Doença causada pela carência de Vitamina C e caracterizada pela tendência à hemorragia.

## 32 33

encaminhados ao mercado de escravos.

Pois bem! Voltemos aos nossos personagens. Jhana, não obstante seus padecimentos, mantinha-se confiante. Ao sentir-se fraquejar, recordava da visão beatífica que tivera e revigorava-se. Em contrapartida, seu companheiro estava alquebrado e taciturno.

Joshua, apesar de sua mudez, os pensamentos não lhe davam trégua. Perguntava-se o porquê de tamanha desventura. Lembrava-se da tribo e de sua liberdade. Ao olhar para Jhana, ficava apreensivo devido ao seu estado. Vaticinava futuro nefasto para seu filho, longe de sua terra e origem. O futuro, que há pouco lhe sorria, hoje lhe era sombrio.

No decorrer dos dias Jhana preocupava-se; Joshua encontrava-se debilitado e febril. Nos porões do navio ele havia se ferido, advindo-lhe, como conseqüência, uma ferida na perna que não apresentava sinais de melhora. Pelo contrário, dia a dia, devido à infecção, o abscesso aumentava. Quando os traficantes se aproximavam, Jhana procurava distraí-los, para que não percebessem as condições de Joshua. Temia por sua vida, pois aqueles que não se recuperavam, eram sacrificados ou abandonados à sua própria sorte.

Os dias e as noites eram intermináveis. Havia aqueles que, ante a tristeza e o medo, alienavam-se. Não emitiam nenhuma reação. Os sentidos entorpecidos e os olhos parados, era a forma que encontravam para fugir dos grilhões que os prendiam. Eram chamados de zumbis e eliminados impiedosamente.

Em certa manhã, as carroças retornam. Em seguida os traficantes distribuem algumas peças de roupas. Jhana sentese mais tranqüila ao verificar que a calça que Joshua veste encobre o ferimento. Logo depois deixam o local que servira de abrigo por vários e longos dias.

As carroças fazem o caminho de retorno até a cidade.

Param defronte a uma pequena igreja, onde o padre os esperava para ministrar-lhes o batismo. Ao adentrarem o recinto, o silêncio do templo é cortado pelo arrastar das correntes. Em frente ao altar, muitos negam-se a receber o sacramento do batismo. Os negreiros, não logrando demovê-los com gritos, recorrem à chibata.

Jhana, diante do altar, ergue os olhos e contempla a imagem de Jesus Crucificado, busca sintetizar seu pensamento com aquele ser sofrido. Numa fração de segundo, sente-o tão próximo, que não consegue conter a emoção, deixa que as lágrimas tantas vezes contidas venham suavizar-lhe o coração. Sabe que Jesus compreende seu sofrimento e a crueldade dos homens. Pedelhe amparo e proteção para Joshua e o filho que carrega no ventre.

O padre aproxima-se para ministrar-lhes o batismo. Jhana recebe o nome de Ana, e Joshua passa a chamar-se José. Logo após deixarem a igreja, são conduzidos ao mercado de escravos.

Ao chegarem são encaminhados a um tablado e expostos como animais em leilão. Os compradores aglomeram-se para avaliar o novo grupo que chega. Esses homens e mulheres que ali estão, amedrontados e temerosos por seus destinos, tudo perderam; a liberdade, a identidade, suas famílias, encontrando-se à mercê de quem pagará mais por suas vidas.

Ana é olhada com desdém, pois os compradores percebem que está esperando um filho. Para eles o investimento na escrava grávida era tido como antieconômico devido a seus interesses imediatistas.

José é examinado por vários compradores, e, possuidor de belo porte, chama atenção, sobrepujando os outros escravos. Mas o exame lhes revela que está febril e perdem o interesse. Os negreiros aproximam-se para verificar. Ao comprovarem tal fato, o escravo é açoitado e arremessado

34

ao chão como mercadoria avariada.

Nesse exato momento, desce a rua o Coronel Gregório de Menezes e sua esposa, Amélia. O Coronel se detém ao ver aquele escravo sendo agredido,

percorre com o olhar aqueles seres segregados que ali estão subordinados a seus algozes. Seus olhos cruzam-se com os de Ana. Percebe a tristeza que há neles, nota também seu ventre volumoso. Quer sair dali, mas algo o impede. O olhar daquela escrava sensibilizara-o.

O coronel Gregório é senhor de engenho. Viera à cidade com o propósito de comprar víveres para a Fazenda. Não necessita de escravos, mas não consegue arredar pé de onde está. Seu coração lhe diz para adquirir aquela escrava e dar àquele ser, que se prepara para vir ao mundo, condições melhores de sobrevivência. Pensa no filho que deixou em casa no berço, com todo o conforto, amado e protegido. Resolve ouvir a voz do coração e assim o faz. Em questão de minutos, negocia com os negreiros.

Ao ser trazida, Ana reluta e se desespera. Gregório, com olhos perspicazes, observa a cativa, ao ver com que ansiedade ela olha para o escravo que há pouco havia sido açoitado, e compreende seu drama. Deixa-a junto de Amélia, indo em seguida falar com os negreiros.

Decorridos alguns minutos, retorna trazendo José, amparado, pois ele mal podia caminhar. Ana, entre soluços, abraça José e beija as mãos do coronel, externando sua gratidão. Gregório, então, faz sinal para que Josias, escravo da fazenda, aproxime-se com a charrete. Depois de acomodados, seguem em direção ao engenho.

Chegando às proximidades da fazenda, Ana escuta uma cantoria lamentosa de saudade. Reconhece nesse canto o lamento de seu povo. Logo passam pela porteira, avistando o canavial. Os escravos agitam os chapéus, saudando com alegria o coronel que regressa.

O caminho está agora ornamentado por gigantescos

35

coqueiros. Ao longe está a casagrande. É um sobrado majestoso; sua cor branca contrasta com a grama verdejante. Quando a charrete pára defronte à casa, Ana contempla o local fascinada com tanta beleza. No ponto mais alto do terreno, está a capela construída em estilo barroco, destacando-se a cruz talhada em madeira na cumeeira. Na parte mais baixa, do lado esquerdo,

encontram-se várias construções interligadas; são as senzalas. Ao lado direito, pequenas casinhas feitas de taipal, moradias de escravos que formavam famílias.

Distante, a casa de engenho. Abrange várias instalações destinadas à produção do açúcar. Entre elas, a moenda<sup>3</sup>, as fornalhas<sup>4</sup>, a casa de purgará e os galpões, onde os blocos são quebrados em várias partes e reduzidos a pó. Ao lado da casa do engenho, encontram-se outras construções destinadas ao mestre do açúcar, capatazes e outros trabalhadores assalariados. Ana escuta o som melodioso de um riacho que corre por detrás da casagrande. As lembranças correm céleres em sua mente. Pensa em sua aldeia, único lugar que conhecera. Lembra da terrível travessia e do temor que sentira.

Recorda do sonho que tivera, e aqui estava, na Pátria do Cruzeiro. Passa lentamente a mão por sobre o ventre. Seu filho está bem. Sente-o acomodarse nas entranhas. José está com ela. As pessoas que se aproximam são sorridentes e cordiais. Embora não compreenda o que falam, transmite-lhe conforto e segurança. O sofrimento maior findara; iria aprender a amar esta terra que os acolhia, conforme Amaru

2 TAIPA - Parede feita de barro ou de cal e areia com estacas e ripas. 3

MOENDA - Onde se mofa a cana para a extração do caldo. 4

FORNALHAS - Onde o caldo da cana era devidamente fervido e

purificado em grandes tachos de cobre. 5 CASA DE PURGAR - Onde o açúcar, depois de resfriado e

condensado era levado para ser branqueado.

36

havia aconselhado. Enfim, o sonho profético se realizara.

O devaneio de Ana é interrompido pela voz do coronel Gregório, que chama o capataz.

Pedro, vá chamar Tonha, pois trago um doente que precisa de seus cuidados.

Pedro sai para buscá-la, enquanto José, alheio ao que acontece, devido à febre e dor, perde a lucidez. Tonha surge no patamar, descendo apressada a escada para atender ao chamado do coronel.

Ao chegar o examina. A perna está intumescida pela ferida purulenta, a temperatura do corpo, altíssima. Olha para Gregório, fazendo um muxoxo.

Coronel. Esse negro tá mais morto que vivo; tá pelando de quentura. A perna já está com cheiro ruim. Acho que meu emplastro não vai adiantar.

Gregório fica calado. Apenas olha firme para Tonha, e ela sai ligeira em busca de suas ervas, resmungando.

A negra sabe fazer benzimento, cura picada de cobra e tira espinho do pé. Cura esse negro, só se a Virgem ajudar. Vou fazer um emplastro para sua dor aliviar.

Assim era Tonha. Sempre resmungona, mas em seu coração só existia bondade e candura. Irradiava simpatia. Sua estatura parecia menor, devido ao corpo avantajado. Rosto redondo, olhos pequenos escondidos nas bochechas gordas e salientes. Uma de suas características era que, ao resmungar, usava de trocadilhos, causando naqueles que a escutavam gostosas gargalhadas.

Nesse ínterim, o coronel Gregório e Pedro levam José até a senzala, improvisando um leito. Ficam aguardando Tonha. Logo ela surge trazendo um tufo de ervas. Ana acerca-se para examinar o que ela traz, faz um gesto de aprovação. Tonha percebe que ela conhece o poder curativo das ervas. Enquanto Tonha prepara o emplastro de ervas maceradas, a cativa, por sua vez, faz a tisana para José beber.

37

Gregório sai pensativo da senzala deixando José aos cuidados de Tonha. Segue em direção à casagrande. Ao chegar, sobe as escadas dirigindo-se

para a varanda, seu lugar predileto quando quer meditar. Senta-se e libera seus pensamentos. O dia transcorrerá calmo e tranquilo, mas algo em seu íntimo lhe dizia que fora diferente de tantos outros vividos em sua rotina diária. Ao acordar pela manhã, sentira-se eufórico. Uma euforia estranha invadira-lhe o ser. Lembrava-se de que havia sonhado com sua saudosa mãe. Ela no sonho lhe falara, mas não conseguira lembrar-se do assunto. Ficara apenas a lembrança do momento sublime e o sentimento de alegria que o acometera. Ao lembrar-se da mãe, sente a saudade, fazendo abrir o livro do passado e ele retrocede no tempo...

Seus pais, vindos de Portugal, estabeleceram-se nas Minas Gerais. Com o pecúlio que trouxeram, compraram terras, uma mineradora e escravos. Com a mineradora adquiriram uma sólida fortuna. Passados alguns anos, ele nasceu. Seu pai deu-lhe o nome de Gregório, em homenagem ao avô. Tivera uma infância feliz. Seus companheiros de folguedos foram os filhos dos escravos. Poucas são as lembranças do pai, sempre ausente. Não era dado a demonstrações de carinho e raramente sorria. Sentira falta de sua atenção e companhia.

Em contrapartida, recebera de Catarina, sua mãe, carinho e atenções redobradas. Todos os valores e conhecimentos que lhe norteavam a vida, advieram dela. Mulher benévola e caridosa, colocara em seu coração três palavras sempre presentes em suas ações: Igualdade, Fraternidade e Solidariedade. Com isto, fizera com que ele nunca se sentisse diferente dos negros e procurasse de uma ou de outra forma ajudá-los. A semelhança de pensamentos e sentimentos entre mãe e filho fazia deles almas afins.

O tempo transcorrerá. Chegara o momento de iniciar

## 38 39

seus estudos e com eles a primeira separação. Seu pai mandara-o a Portugal, a fim de que recebesse uma educação condizente com os filhos dos grandes senhores. Embora a saudade da mãe lhe torturasse o espírito, procurava esmerar-se nos estudos. O tempo correrá célere. Preparava-se para ingressar na carreira advocatícia, quando lhe chegou a notícia que seu pai encontrava-se enfermo. Pedia-lhe que retomasse ao Brasil com urgência. Ao chegar, encontrara-o nos estertores finais. Após o desenlace, não obstante sua insistência em permanecer na companhia da mãe, esta pediu-lhe que voltasse a Portugal e concluísse seu curso. Ele assim o fez.

Passados alguns anos, terminara os estudos e realizara o sonho acalentado desde criança, pois, na convivência diária com os escravos, viu-se ante a necessidade de advogar em favor desses seres desprotegidos e dominados. Seu coração juvenil, palpitava na ânsia dos grandes idealistas. Entrara a bordo do navio que o traria de regresso com o coração repleto de saudades.

Imaginava a alegria de sua mãe ao revê-lo após tão longo período de ausência. Quando saíra de sua casa era ainda uma criança; agora retomava homem feito.

Ao desembarcar, rumara diretamente para as Minas Gerais. Conforme se aproximava das imediações da Fazenda, uma aflição lhe invadia o peito. A propriedade familiar, antes tão majestosa, estava agora com aspecto desolador. O silêncio era angustiante, não mais havia o vaivém dos escravos em seus labores diários.

Chegando defronte à casagrande, subira correndo os lances da escada invadindo-a sem se fazer anunciar. As mucamas que se encontravam no interior assustaram-se, mas logo reconheceram que era o sinhozinho que regressava.

Sem tardança procurou inteirar-se da situação. Sua mãe,

explicaram elas, encontrava-se acamada há vários meses. Poucos escravos restavam. Apenas aqueles que possuíam famílias. Os outros haviam sido alforriados. Sentira o coração se contrair de dor, ao saber do estado de saúde da mãe.

Após refazer-se da triste notícia, foi ao seu encontro. Esta, ao vê-lo, não conseguiu conter as lágrimas de emoção. Abraçando-o, deixou que elas lavassem a alma saudosa.

Gregório surpreendeu-se ao vê-la frágil e envelhecida. As marcas do tempo sulcaram o rosto amado. Os cabelos grisalhos exprimiam ternura. Deixou extravasar em carinhos a saudade contida.

Quanta emoção sentira ao abraçá-la. Seus corações pulsaram em uníssono. A alegria do reencontro compensara os anos de ausência.

Durante a enfermidade da mãe, mais consolidava-se o amor entre eles. Foram meses de total convívio em que ela procurara transmitirlhe todos os conhecimentos e sentimentos de que era possuidora.

Gregório dizia-se ateu. Mas em conversação com a mãe, passara a cultuar no coração o Deus que ela apregoava. O Pai Justo, Bondoso e Misericordioso que amava todos os filhos e não discriminava nenhuma de suas criaturas. Perante o Pai éramos todos irmãos. Por isto, ela não podia admitir que irmãos escravizassem outros irmãos. Contaralhe que, após o desencarne de seu pai, havia alforriado os escravos dando-lhes a liberdade. Ficara apenas com aqueles que tinham famílias, pois eles não quiseram a liberdade pelo medo das dificuldades que com certeza iriam enfrentar.

Gregório levava a mãe a vários médicos, mas eles não lhe davam esperanças. O mal era irreversível; estava tísica. Os dias passavam, e a doença minava-lhe as forças.

Em certa manhã, as mucamas correram a fim de chamá-lo, pois o mal se agravara. Ao chegar junto ao leito, encontrou-a desfalecida. No momento que recobrou a

## 40 41

consciência, pediu ao filho que permanecesse junto dela, pois queria fazer-lhe um último pedido. Pedira-lhe que, após seu decesso, dividisse as terras com os escravos, legando a cada um condições de subsistência. A fortuna que seu pai amealhara era sólida, permitindo-lhe fixar-se em Portugal e desempenhar suas funções de advogado.

Ao cair da tarde, em seus braços, Catarina exalou o último suspiro. Grande foi sua dor com a morte da querida mãe.

Gregório permanecera alguns meses nas Minas Gerais com o objetivo de cumprir as últimas determinações da mãe. Após concluí-las, retomara a Portugal.

A fim de fugir da solidão, passara a freqüentar os bailes da Corte. Conhecera Amélia; sua graça e beleza o conquistaram. Dentro em pouco estavam casados.

Os meses passaram, os anos transcorreram tranqüilos, mas a voz da saudade ressoava no coração chamando-o de volta ao Brasil. Acabou aquiescendo às solicitações da saudade. Vendera todos os bens adquiridos em Portugal e regressara.

Estabelecera-se na Bahia. A primeira providência foi comprar terras. Em seguida, instalou o engenho. Concluídas as instalações, faltava-lhe adquirir escravos. Gregório debatia-se ante o impasse gerado. Por um lado, necessitava da mão-de-obra escrava; por outro, comprá-los seria contrário aos valores que aprendera a cultivar no convívio com a mãe.

De conjectura em conjectura, não chegava a nenhuma conclusão.

Mas, eis que, uma noite, a desvelada mãe aparece-lhe em sonho trazendo-lhe a solução para tão intrincado problema. A voz suave de Catarina dizia-lhe:

- Querido filho. Quando atravessamos os pórticos terrestres é que compreendemos nossa existência como espíritos imortais. O pecúlio que trazemos são os atos, as

boas obras que deixamos, as lágrimas que secamos e também o amparo que proporcionamos a todos aqueles que estiveram sob nossa guarda. Estamos na Terra entrelaçados por vínculos de existências pretéritas. Não deixe que a dúvida mate as mais belas sementes de progresso de sua evolução como espírito imortal. As leis terrestres possuem erros lamentáveis, mas a lei que deve nos reger na Terra é a Lei do Amor.

Portanto, ame seus semelhantes acima de tudo. Não importa de que modo venham ao seu encontro. Os talentos a ti confiados servirão para que proporcione a esses irmãos desfavorecidos melhores condições para saldar os débitos perante a Justiça Maior. Somos todos devedores; precisamos quebrar os elos da cadeia que nos prendem a erros de antigas eras, assim como auxiliar aqueles que por nosso intermédio desviaram-se do caminho. Ame e exemplifique, querido filho, que suave será seu despertar deste outro lado da Vida.

Depois do sonho, passara a comprar escravos. Procurava adquirir aqueles que os compradores rejeitavam, pois sabia que estes, por terem sido rejeitados, seriam os que mais iriam sofrer nas mãos dos traficantes.

Levava-os doentes, malnutridos e em péssimas condições. Não se preocupava com o tempo que levavam para se recuperarem e ficarem aptos para o trabalho. Ficava feliz em unir-se a eles no corte da cana e nos trabalhos do engenho. Trabalhando lado a lado com eles, sentia-se como se fizesse parte desse povo. A tarde ia fenecendo. O sol declinava no horizonte. Em seu percurso lançava sombras sobre a Terra, anunciando que chegava ao fim mais uma jornada de trabalho.

O coronel desperta de suas reminiscências, abre os olhos fechando o livro do passado.

## 42 43

Os escravos aproximam-se da casagrande. Ao vê-lo, acenam-lhe, sorrindo. Eles têm, pelo seu senhor, respeito e admiração.

A fama de Gregório corria solta por aquelas paragens. Se por um lado os escravos admiravam-lhe a bondade, por outro, os grandes senhores tinham-no como frouxo.

Tonha se aproxima, chamando-o: Coronel, sinhá Amélia mandou chamar que a janta está na mesa; é melhor vir ligeiro, que ela está soltando fogo pelas ventas!... Gregório emite um suspiro. Fazia já alguns dias que Amélia estava irascível. Titubeara para tomar uma atitude; porém, chegara o momento de fazê-lo.

Vamos, Tonha, enfrentar a dona Amélia e levar-lhe a solução para seus achaques nervosos.

Sentando-se à mesa para o repasto, olha de soslaio para a esposa percebendo que está com a fisionomia carrancuda. A refeição transcorre com Amélia calada e Gregório taciturno. Ao terminar, Gregório dirige-se à varanda, a fim de fugir daquele ambiente tenso. Após um lapso de tempo, ela vem ao seu encontro. Gregório fica a refletir por alguns minutos. Voltando-se para Amélia, diz:

Amélia, sei que a vinda da Corte de Portugal para o Brasil trouxe-lhe saudades de sua terra. Ao chegar em casa, encontro-a de ânimo abatido, como se quisesse punir-me de algo que não consigo concatenar. Se quer rever seus familiares, tem a minha permissão. Providenciarei o que for necessário, a fim de que viaje com conforto e segurança. Ficarei longe de você e de nosso filho. Todavia, resignarme-ei, se isto contribuir para que nossa convivência se tome mais amena. Nosso amor está arrefecendo e matando os mais belos sonhos de nossa juventude. Precisamos voltar a alimentar o sentimento que nos uniu. A distância será benéfica, se contribuir para que façamos uma revisão de nossa vida em comum.

Amélia, cabisbaixa, ouvia tudo em silêncio. Sabia que Gregório estava coberto de razão. Ela estava se tornando intolerante. A distância nesse momento seria o remédio salutar para ambos. Logo depois ele se retirou, deixando-a só para que refletisse.

Ao adentrar a casa, Gregório dirigiu-se ao quarto do filho Carlos, tomou-o nos braços aconchegando-o ao peito. Amava-o tanto! Queria dar a ele o carinho e a atenção que não recebera do pai. Por certo sentiria saudades, porém, a situação entre ele e Amélia era preocupante; impunha-lhe providências para resgatar o amor da esposa.

Pela manhã bem cedo, Tonha vai à senzala ver como José passara a noite. Encontra-o bem melhor. A febre havia abrandado; a ferida na perna estava com bom aspecto, mas requeria ainda alguns cuidados.

Logo depois chega Gregório. Determina que Pedro providencie uma das casas, a fim de abrigar José e Ana. Em seguida, sentindo necessidade de trabalhar para desanuviar os pensamentos, segue junto dos escravos para o corte da cana. A conversa do dia anterior com Amélia deixara-o melancólico.

Enquanto isso, Tonha e Ana dirigem-se para a casa que lhe fora designada levando alguns utensílios. A casa é pequena possuindo apenas dois cômodos; mas Ana sentese feliz, pois terá com José a privacidade que na senzala não teria. Ao cair da tarde, Gregório retorna do engenho. Encontra Amélia atarefada com os preparativos para a viagem. Sente o peito oprimir-se. Acalentava a esperança de que a esposa, após refletir, optasse por ficar.

Os dias que antecediavam a partida transcorreram em clima ameno. Gregório sentia-se degredado dos carinhos da esposa. No entanto, estava otimista. Confiava que a nuvem que nublara o relacionamento deles seria dissipada.

Finalmente, chega o dia programado para a viagem.

44

Gregório, em frente à casa, aguarda na charrete, enquanto Amélia desce as escadas com o filho no colo, acompanhada de duas mucamas que lhe farão

companhia. Logo depois de acomodados, partem em direção a Salvador para embarcar no navio que os conduzirá a Portugal.

Ao chegar ao Porto, despede-se da esposa e do filho com os olhos marejados. Fica à beira do cais acenando enquanto o navio se distancia.

No caminho de retorno para a fazenda, sentese só. Uma solidão dorida o faz pensar: “Não será fácil superar a ausência de Amélia e de Carlos. Terei de algo fazer para preencher meus dias”. Passado algum tempo, chega em casa melancólico. Tonha, vendo-o tristonho, acerca-se carinhosa.

Coronel, não fique de banzo<sup>6</sup>. Logo sinhá Amélia vai voltar. Não vai agüentar de saudade. Vai voltar mansa, que o sinhô vai até estranhar.

Gregório, percebendo a preocupação de Tonha, procura acalmá-la:

Amanhã será um novo dia. Com certeza acostumarme-ei com a situação. Aproveitarei a ausência de Amélia para fazer algumas melhorias na fazenda. Há tempos venho arquitetando uma idéia e chegou a hora de realizá-la. Pretendo fazer com o auxilio dos escravos uma escolinha ao lado da capela, a fim de que seus filhos recebam alguma instrução.

Tonha não conseguiu se conter ante tão agradável notícia. Num ímpeto, abraça o seu senhor.

Deus o abençoe por tanta bondade! Quem poderia acreditar que a negadinha ia poder ler e escrever!? E não vão ficar mais soltos por aí fazendo molecagem?

Ah! Se Tonha soubesse como fora gratificante aquele

6 BANZO - Nostalgia mortal dos negros da África.

45

abraço. Chegara num momento oportuno; estava carente de afeto. Gregório pigarreou, disfarçando a emoção. Voltandose, perguntou:

Como é o estado de saúde de José? Hoje mesmo estive na casinha deles, Coronel. O José está bem bom. Até está querendo trabalhar. Ana está quase nos dias de dar cria e, depois, vou pedir pro sinhô deixar ela me ajudar.

Está bem. Pela ausência das mucamas de Amélia, com certeza precisará de ajuda.

Logo depois, Gregório sai para as lides da fazenda. Ao regressar no entardecer, Tonha, esbaforida, corre ao seu encontro.

Coronel, o “coisa ruim” está aí. Chegou logo cedo só prá me incomodar. Até escalda-pés pediu pra eu fazer; e pelo jeitão dele, veio pra ficar.

Gregório sorri para Tonha, sabendo que o “coisa ruim,” era frei Simão, capelão que, de tempos em tempos, chegava até a fazenda. Ora para rezar missa, quando Amélia solicitava, ora para fazer uma “boquinha”, como ele mesmo dizia. Vamos lá, Tonha, saber o que traz frei Simão até a fazenda. Entrando em casa, encontra-o muito à vontade, sentado em sua poltrona favorita. Ao cumprimentá-lo, pergunta:

Boa tarde, frei! O que o traz por estas paragens? Estou vindo do engenho do coronel Antônio e resolvi pernoitar aqui, isto é, se o coronel me der guarida por esta noite.

Pois seja bem-vindo, frei! Estava necessitando de companhia. Amélia viajou para rever seus familiares em Portugal e estou me sentindo solitário. Mas desde já vou dizendo para não vir com seus conselhos, pois os dispenso.

Gregório dispensava os conselhos do frei, porque tinham ambos opiniões contrárias em relação aos escravos.

## 46 47

Enquanto o coronel tratava-os com humanidade, não medindo esforços a fim de dar-lhes melhores condições de vida, o frei, instigado pelos coronéis dos engenhos vizinhos, queria que Gregório mudasse a forma de tratá-los, daí decorrendo discussões infrutíferas, causando-lhe aborrecimentos.

Frei Simão apenas sorri. Ficam por bom tempo a conversar. Todavia, o frei não perdia oportunidade de manifestar ao coronel seu desagrado pela forma com que ele tratava os escravos. Gregório, por sua vez, gostava de vê-lo com o rosto vermelho de indignação, ao ter conhecimento de algum fato que os beneficiaria.

Sabe, frei Simão, estou fazendo algumas melhorias na fazenda. Uma delas é construir uma pequena escola, a fim de possibilitar aos filhos dos escravos condições de se alfabetizarem, preparando-os para o futuro. Pois tenho certeza que um dia este povo será livre. Quando esse dia chegar, e espero que seja breve, os encontre preparados para assumirem suas vidas de homens libertos.

Frei Simão, com o rosto congestionado, olha para Gregório como se este houvesse dito alguma temeridade.

Esteja certo, coronel, que todos os benefícios que fizer em prol desses escravos causar-lhe-ão aborrecimentos futuros. Esses negros nasceram para o eito e não merecem concessões. Insiste em compará-los com os brancos, mas Deus em sua sabedoria já os marcou pela cor.

Definitivamente, frei, nosso Deus não é o mesmo! Porque Aquele a quem cultuo não faz discriminações e não usa de ferrete para com seus filhos. Perdoe-me, mas não sabe o que significa sabedoria!

O ambiente ficara tenso. Gregório, percebendo que a conversa enveredava para as mesmas discussões infrutíferas e que não os levaria a nenhum consenso, resolve mudar de assunto.

Esteve na fazenda do coronel Antônio... Como estão

as coisas por lá?

Mal! Muito mal, coronel. Pois é, fiquei sabendo que a última revolta de escravos trouxe-lhe sérios prejuízos.

Não só para ele, como para todos os coronéis da região. Os trabalhos nos engenhos ficaram comprometidos devido à fuga em massa. Os capitãesdo-mato estão no rastro dos negros fujões. Creio que logo tudo voltará à normalidade.

Mas até quando, frei? Nos últimos anos tem havido muitas revoltas. Os escravos estão se organizando e surgindo cada vez mais quilombos; e isto, com certeza, gerará conflitos.

E de sua fazenda, coronel, fugiram muitos negros? Não, aqui não houve fugas nem revoltas, apenas três deles foram embora. Apenas três! Mas como foi isto? Explique-me. Tudo aconteceu ao cair de uma tarde. Estava sentado na varanda, quando avistei ao longe, na plantação de cana, um pequeno tumulto. Em seguida, fui ver do que se tratava. Ao chegar, deparei-me com dois escravos fugitivos. A finalidade deles era promover a revolta entre os escravos e convidá-los a fugir. Ao inteirar-me da situação, reuni os meus e disselhes que aqueles que desejassem ir embora, estavam liberados para assim fazê-lo, como também não mandaria capitãesdo-mato capturá-los. Expliquei-lhes que, se fossem capturados pelos capitães de outros engenhos, não poderia reclamar sua posse, pois em minha fazenda não se faz uso de ferrete. Após me ouvirem, apenas três resolveram segui-los. Portanto, não tive maiores prejuízos .

Permita-me, coronel, fazer-lhe uma pergunta? Pois não, frei, sinta-se à vontade. Por que não alforrias de uma vez todos os seus negros?

O frei fez-lhe a pergunta em tom sarcástico, mas o

Gregório não se deixou abater. E com firmeza em suas convicções lhe respondeu:

Porque não estaria lhes trazendo nenhum benefício. Pelo contrário, estaria conduzindo-os à fome e à miséria, porque, para dar-lhes a liberdade, é preciso antes prepará-los. Foi devido a este fato que resolvi construir aqui na fazenda esta escola. Para proporcionar aos seus filhos alguma instrução, a fim de que no futuro e, espero não muito distante, eles, instruídos, tenham condições de assumirem a liberdade. De uma coisa tenho certeza, frei: a liberdade chegará mais dia menos dia. Minha saudosa mãe ensinou-me ainda em criança que, se na Terra somos separados pela cor, perante Deus, o Pai, somos todos iguais, com os mesmos direitos e deveres.

Nesse momento, Tonha, que por detrás da porta ouvira a resposta de Gregório para o frei, não querendo dar a este condições de réplica, intervém:

Coronel, a janta está na mesa. Gregório convida o visitante para o repasto. Frei Simão senta-se à mesa em silêncio e assim transcorre o jantar. Ele procura com isso demonstrar a insatisfação com o que ouvira. Ao acabar a refeição, comunica que se vai recolher para o devido repouso, pois pela manhã deverá seguir viagem em visita a outros engenhos. O coronel permanece ainda por alguns minutos a meditar. Logo depois encaminha-se para o leito, a fim de descansar após o dia exaustivo de trabalho.

Ao acordar pela manhã, dirige-se à cozinha para o desjejum. Ao encontrar Tonha, pergunta pelo hóspede. Esta responde-lhe:

O “coisa ruim” acordou bem cedo, tomou o café e pôs o pé na estrada. Saiu daqui soltando fogo pelas ventas e resmungando. Dizia bem assim: Que o Coronel ia ter muito aborrecimento com essa negada toda. Que um dia ia dar razão pra ele, porque negro é negro e branco é branco.

II

Essa era a diferença: que nós nascemos pretos para trabalhar pros brancos. Gregório não fez comentários e tomou o desjejum em silêncio. Ao levantar-se para sair, Tonha lhe pediu:

Coronel, deixa que vá ver Ana? O José esteve aqui bem cedinho e me disse que ela não está passando bem. Acho que vai dar cria hoje. Eu vou lá pra ajudar.

Está bem, passe o dia com Ana. Procure auxiliá-la no que for preciso e não se preocupe, pois vou almoçar no engenho e só voltarei ao anoitecer.

Logo após a saída de Gregório, Tonha sai ligeira para ver Ana. Chegando em sua casa, encontra-a deitada. Perguntalhe como está se sentindo:

Estou um pouco melhor; as dores se acalmaram, mas creio que meu filho não demorará para nascer.

Tonha passa o dia prestando assistência a Ana. Ao anoitecer, retorna à casagrande para preparar o jantar. Gregório já estava à sua espera.

Como está Ana? Já nasceu-lhe o filho? Ainda não, Coronel. Passei o dia inteiro com ela e nada do bichinho nascer. Depois da janta, voltarei lá, pois acho que não passa desta noite.

Após a ceia, Tonha retorna à casa de Ana. Gregório dirige-se à varanda, senta-se em sua poltrona preferida meditativo.

Passara o dia ansioso, como se algo estivesse por acontecer, causando-lhe inebriante felicidade. Várias vezes ao dia estivera com os pensamentos voltados para Ana e o filho, o qual estava prestes a nascer. Tivera de conter-se para não ir até sua casa em busca de notícias. Questionava-se o porquê de dispensar a ela cuidados que não tivera com outras escravas. Desde o primeiro momento em que a vira, despertara em seu peito uma vontade imensa de ajudá-la e albergar aquele ser em formação.

Absorto em pensamentos, não viu as horas passarem. o

céu se cobrira de estrelas, a lua altiva, majestosa, se fazia presente clareando aquelas paragens. Seu desejo era prolongar o momento e usufruir da paz que estava sentindo, mas o corpo precisava descansar para as lidas do dia seguinte. Olhou para o firmamento, uma estrela cadente riscou o céu, deixando um rastro luminoso.

Com passos lentos, dirigiu-se ao quarto. Enquanto isso...

### CAPÍTULO 3 O RETORNO À CARNE

51

é noite alta quando, no interior da casa de Ana, Tonha está em vigília. Aguarda o momento de aparar o bebê. Está também Joana, mãe de Tobias, garoto de quatro anos, esperto e ladino, que se afeiçoara a Ana, desde que esta chegara ao engenho.

As duas verificam se estava tudo em ordem: a água fervente, os apetrechos para o parto e as roupinhas que Gregório comprara na Capital.

Levam tudo para perto do leito. Ana começa a dar sinais de que o bebê estava prestes a nascer. O momento é importante, pois une os dois planos.

Ainda que o quarto seja de proporções mínimas, o espaço amplia-se, com a finalidade de albergar espíritos que ali aportam e acompanhar o sublimado momento em que Benedita regressa à Terra pelos canais da reencarnação. Seu objetivo é saldar débitos milenares, os quais pedem

52

ressarcimento no tribunal de sua consciência.

Portanto, junto ao leito, no Espaço, encontram-se Amaru, Catarina, Gregório, Tobias e Benedita.

Gregório e Tobias, mesmo encarnados, estão presentes, porque durante o sono físico ocorre a projeção da alma, como está bem explicado em O Livro dos Espíritos, na questão 401 apresentada por Allan Kardec. Vamos recordar:

Durante o sono, a alma repousa como o corpo? Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, os laços que o unem ao corpo se relaxam, e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com outros Espíritos.

Pois bem. Esse grupo de espíritos encarnados e desencarnados encontra-se interligado por comprometimentos que se perdem nas dobras do tempo. Durante séculos, de vivências em vivências, eles foram vencendo as duras etapas de regeneração, para finalmente reencontrarem-se com o objetivo de auxiliar aqueles que se retardam na marcha evolutiva.

Nossa história volta no tempo, indo ao encontro dos Godos, no exato momento em que Clisérico (Amaru), mortalmente ferido, passa o comando de seu povo para Georg (Gregório), seu único filho.

Os Godos eram uma confederação de tribos germânicas que invadiram o Império Romano durante o século III d.C. Os Godos e outros bárbaros ajudaram a causar a queda do Império Romano do Ocidente.

Georg tinha como companheira Nadja (Catarina) e duas filhas, Armênia (Joana) e Astria (Benedita). Quando do desencarne de Clisérico, eles estavam em plena guerra de conquistas. Georg assumira o comando, tendo ao seu lado como companheira de luta Astria, que trazia em si um instinto bélico, sobressaindo-se pela coragem nos campos de batalha.

53

Esses povos considerados bárbaros viviam de pilhagem, invadiam as aldeias, fazendo prisioneiros, que escravizavam, deixando por onde passavam um rastro de sangue, fogo e desolação.

Astria uniu-se a Silos (Tobias), dando continuidade às lutas fratricidas, até que um por um foram tombando vencidos pelo fio das lanças nos campos de conflito.

Mas a vida continua ininterruptamente, dando a todos oportunidades iguais para se harmonizarem com as leis desrespeitadas no passado.

E assim, através dos séculos, a cada nova vivência, esses Espíritos jornadaavam com passos firmes em busca do progresso. Finalmente surgira a oportunidade de, com atitudes, exemplos e ensinamentos, resgatarem os povos que no passado foram seus comandados.

Aqueles Espíritos que ali estão, no Espaço, readquirem suas antigas formas físicas. Astria está linda, os cabelos longos encaracolados cor de ouro brilham sob a luz que vem do alto. Clisérico está comovido. É com carinho que olha para Teodora, hoje Tonha, a companheira de outrora. Esta aguarda o filho de Ana, sem saber que estará recebendo a neta que tanto amara. Clisérico volve a cabeça para o alto, transfigura-se em Amaru e faz sentida prece:

Pai de Infinita Bondade e Misericórdia! Neste momento em que estamos reunidos para reconduzir nossa querida Astria à ribalta terrestre, queremos agradecer-te pela dádiva da Vida. Vida esta que se renova a cada existência, concedendo-nos oportunidades de ressarcir os descabros de vivências pretéritas.

Pai! Que cada um descubra dentro de si a centelha divina ainda adormecida que colocaste como prova de teu imenso Amor. Concede-nos paz, força e sabedoria, para que, no convívio com nossos semelhantes, esta centelha pulse dentro de nós fazendo-nos

54

aprender a amar incondicionalmente.

Que nossos lábios se caleem contra a injúria, julgamento e maledicência. Ajuda-nos a debelar em nós o egoísmo e orgulho, que são os cancros seculares que nos remetem aos desvãos da vida.

Que sejamos mansos e pacíficos como Teu Dileto Filho Jesus, e, ao descer para o educandário da Terra, possamos sedimentar em nós seu exemplo, despertando-nos para a Vida, e assim despertando-nos para o Amor.

Astria começa a sentir um torpor progressivo, fazendoa perder a consciência.

Nesse exato momento, Ana sente que o filho se desliga de suas entranhas. Tonha, emocionada, corta o cordão umbilical, laço físico que unia mãe e filha.

Enquanto isso, na parte exterior da casa, José está nervoso aguardando o nascimento. Para ele havia um quê de mistério ao sentir a presença de Amaru. As lágrimas descem-lhe copiosas ao lembrar do pai. Embora José e Ana não pertençam ao mesmo grupo de Espíritos, estão também comprometidos por erros pretéritos.

Sua angústia chega ao fim ao escutar dentro da casa um vagido de criança. Era a filha que acabara de nascer!

Enfim, nasce Benedita, para cumprir sua programação.

Façamos uma pequena pausa para explicar o fato de Astria estar no espaço físico na companhia dos demais Espíritos. Em O Livro dos Espíritos, na questão 344, Kardec pergunta:

Em que momento a Alma se une ao corpo? A união começa na concepção, mas não se completa senão no momento do nascimento. Desde o momento da concepção, o Espírito, designado para habitar tal corpo, a ele se liga por um laço fluídico que se vai apertando cada vez mais, até que a criança nasça; o grito que se escapa, então, da criança, anuncia que ela se

55

encontra entre os vivos e servidores de Deus.

Na questão 340 do referido livro está: O instante em que o Espírito deve se encarnar é para ele um momento solene?

É como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e não sabe se encontrará a morte nas ondas que enfrenta.

Convido os queridos leitores para juntos acompanharmos a travessia de Benedita. Ela por certo encontrará ondas terríveis, assim como nós também

as encontramos em nossa viagem pela Terra, mas, queira Deus, ela, assim como nós, encontremos um porto seguro’.

7 Nota da médium.

56

#### CAPITULO 4 ALMAS QUE SE REENCONTRAM

No dia seguinte, Gregório desperta com as primeiras claridades da manhã. Após fazer a higiene pessoal, dirige-se à janela abrindo-a de par em par.

O dia está lindo. O sol brilha enchendo os campos de vida.

É começo do outono. O vento brando lhe toca o rosto em suave carícia. Fecha os olhos por uns instantes a fim de usufruir da paz daquele belo despertar. Ouve o roçar das folhas dos coqueiros e o trinar dos pássaros que cantam em doce sinfonia. Sorve num longo hausto o perfume das flores visitadas pelo orvalho da madrugada.

Abrindo os olhos deixa que sua visão se estenda até os limites da fazenda ainda silenciosa e se detém por breves momentos na casa de Ana. Indaga-se mentalmente se já lhe nascera o filho.

Está concentrado em seus pensamentos, quando sente o aroma convidativo do café com bolinhos que Tonha

57

prepara. Desce a escada que o separa do andar térreo cantarolando. Ao chegar na cozinha, encontra-a absorta no preparo do desjejum. Silencioso, acerca-se dela enlaçando-a por detrás. Sussurra-lhe ao ouvido:

Como está a minha mãe preta? Ah! Se Gregório soubesse que estava abraçando a mãe de outrora! Que sublime momento esse, em que Espíritos se reencontram em novas roupagens, mas com amor e afinidades que o tempo não consegue apagar!

Pois bem, pega de surpresa, Tonha se sobressalta. Logo após se comove com o gesto de carinho; voltando-se, afaga o rosto de Gregório com ternura. Por breves instantes seus olhos se encontram, a emoção que sentem é expressada pelas lágrimas mal disfarçadas.

Gregório pigarreia, procurando dissimular; senta-se à mesa aguardando que ela o sirva. Após um lapso de tempo, Tonha quebra o silêncio a perguntar:

Como estou contente de ver meu coronelzinho feliz! O que aconteceu? Garanto que sonhou com a sinhá Amélia... Não, Tonha! Embora saudoso, não sonhei com Amélia, mas acordei sentindo-me bem disposto, talvez devido à época do ano, que deixa o clima ameno nos renovando para o trabalho.

É. O dia amanheceu bonito. Hoje de noite vai ter festa no terrero. É dia de oferenda pros nossos santos e vamos aproveitar pra apresentar Benedita pra eles.

Benedita?... É, coronel, Benedita nasceu ontem, eram altas horas da noite. É a filha de Ana mais José. Fui eu que escolhi o nome. Não deu trabalho pra nascer; mas na hora que eu a segurei, me passou um arrepio da cabeça pros pés. Sabe, coronel, eu já peguei muita negrinha aqui na fazenda, mas nunca senti nada igual!

Gregório fica pensativo. Ao terminar o desjejum, fala

58

para Tonha:

Hoje não vou ao engenho. Vou aproveitar o dia para adiantar a construção da escolinha. Espero que, quando Amélia voltar, já a encontre terminada. Quem sabe não seja o incentivo de que ela precisa para se sentir útil ensinando as crianças a ler e escrever?

É verdade, Coronel. Ela me disse que é moça estudada; bem que podia ensinar essa negadinha. Só assim param de ir pra beira do riacho.

Ao sair de casa, Gregório chama pelo capataz. Pedro, reúna alguns homens e leve-os até a escola. Precisamos adiantar a construção.

É pra já, Coronel! Se precisar de meus préstimos, estarei a sua disposição.

Logo mais davam início ao trabalho. Gregório não conseguia concatenar os pensamentos. Eles estavam voltados para Ana e a criança que nascera. Seus olhos volta e meia detinham-se naquela pequena casa como se algo o chamasse até lá. Assim passou a manhã.

A tarde já ia avançada quando deixaram o trabalho. O dia havia sido produtivo, apenas faltava a cobertura da pequena escola, mas isso ficaria para o dia seguinte.

Logo mais dispensou os escravos. Não podendo mais esperar de tanta ansiedade, dirigiu-se à casa de Ana.

Lá chegando, encontra José junto ao leito com a filha no colo.

O casal se surpreende ao ver o coronel como que hipnotizado olhando para o pequeno fardo que José segura. Este, sem atinar o que fazer ante a inusitada visita, estendelhe os braços oferecendo para que pegasse a criança. Gregório não titubeou. Acolhe aquele ser aconchegando-o ao peito. A emoção que sente ao ver aquele pequeno corpinho quente junto ao seu é indescritível. Nem mesmo quando seu filho Carlos nascera, ficara tão sensibilizado e emocionado como agora. Sentia-se bafejado por uma paz e

59

alegria que há muito não sentia.

Permanece mimando a criança por algum tempo, até que ouve o vaivém dos escravos preparando a fogueira no meio do terreiro para os festejos. Despede-se de José e beija o bebê entregando-o para Ana.

Foi com passos lentos e pensativo que chegou em casa. Tonha esperava-o com o jantar na mesa. Logo após o repasto, senta-se na varanda. Gostava de

ver a preparação dos festejos nos dias de oferenda. Participava como espectador dos rituais que os escravos ofereciam para seus santos e orixás.

Nas fazendas próximas, tais rituais eram proibidos, muitas vezes os escravos eram castigados quando na calada da noite se reuniam sorateiros para cultuar seus deuses. Em várias ocasiões, dissera a frei Simão que não deveriam proibir tais cultos, porque neles estava contida a crença e a cultura tão rica desse povo.

O frei ficava possesso. Dizia ser do Coronel a responsabilidade de proibir tais rituais, porque os negros eram hereges. Gregório, como sempre, fazia ouvidos moucos para os apelos do frei.

Com a chegada da noite, o crepitar da fogueira e o som dos tambores anunciavam os festejos. Logo mais estarão envolvidos em suas danças e cantos. Gregório, a distância, participa de tudo. Ao ouvir o estalido da madeira seca devorada pelo fogo e as fagulhas que dela saem como pequenas estrelas faiscantes, sente um misto de saudade e nostalgia, como se de alguma forma e em algum lugar já tivesse participado desses encontros em volta da fogueira, junto de um povo que, como este, sente ser sua família. A noite já vai alta, quando chega José carregando Benedita. Junto dele vem Ana e Tonha. Esta, com um gesto, chama o coronel para que se aproxime. Os tambores se calam, os escravos silenciam. Quando chega junto deles, José estendelhe os braços e entrega-lhe a criança. Em

## 60 61

seguida pedelhe que a erga em direção à Lua. Ele assim o faz. José profere algumas palavras que para Gregório soam ininteligíveis, mas sabe ser este o ritual que usavam como batismo. Gregório está emocionado. Junto deles está também Amaru. Sua emoção não é menor ao ver pai e filha se reencontrarem após tantos séculos de separação. Enfim, estavam novamente juntos para cumprir na Terra a programação feita no Mundo Maior.

E para Amaru restava a mais sublime das missões: acompanhar Benedita em sua trajetória terrena como seu protetor.

### CAPÍTULO 5

#### DOCE ESPERA

Gregório está na varanda, triste e meditativo. Um ano havia se passado, desde que Amélia viajara. Nem uma carta, nenhuma notícia.

Acordara saudoso da mulher e do filho. Olhava para o jardim em frente à casa. As plantas estavam esturricadas pelo sol abrasador daquela manhã. As flores feneciam, e, com elas, a esperança de ter a esposa de volta. Sentia-se solitário. Nem mesmo frei Simão havia aparecido no decurso do ano. Na fazenda o trabalho seguia seu curso normal. A escolinha que construía estava pronta, mas não encontrara na região uma professora disposta a ensinar as primeiras letras aos filhos dos escravos.

Havia vários motivos para que isto não acontecesse. As revoltas dos escravos se faziam cada vez mais violentas levando os engenhos à falência. Os proprietários em melhores condições financeiras fechavam-se entre si, não permitindo nenhuma sugestão a fim de amenizar a

## 62 63

situação. Sentia-se excluído das reuniões e decisões que levavam a efeito, uma vez por mês, para tratarem de assuntos concernentes à venda do açúcar e de outros temas em pauta.

Ele era mal visto pelos grandes senhores de engenho pela forma com que tratava os escravos, principalmente por não haver em sua fazenda notícias de revoltas. O que eles desconheciam era que, justamente pelo fato de o Gregório tratá-los com respeito e dignidade, era admirado e respeitado por todos, não só por aqueles que tinha sob sua guarda, como também pelos revoltosos dos outros engenhos.

A fazenda prosperava cada vez mais. A qualidade do açúcar era superior, advindo desse fato propostas para a venda do engenho, as quais o coronel Gregório rejeitava, sofrendo por isso, muitas vezes, sérias ameaças. Os momentos gratificantes eram quando, ao cair da tarde, ia ver Benedita. A menina pressentia sua chegada fazendo manha. Ao vê-lo chegar, erguia e agitava os bracinhos para que a pegasse no colo. José e Ana estranhavam o apego dos dois. Todavia, era com satisfação que verificavam o apreço que o seu senhor tinha pela filha.

Gregório está absorto em pensamentos, quando Tonha chega esbaforida.

Coronel! Coronel! Está vindo um homem a cavalo em disparada lá pelas bandas da plantação. Acho que é um mensageiro. Virgem Nossa Senhora! Tomara que seja notícia da sinhá Amélia.

Gregório levantou-se, desceu as escadas aguardando a chegada do cavaleiro.

Não levou muito tempo para este chegar até ele. Tonha estava certa. Era um mensageiro trazendo nas mãos uma carta.

O coração de Gregório pulsava descompassado. Com as mãos trêmulas pegou a correspondência. Reconheceu pela

letra delicada do envelope tratar-se de notícias de Amélia.

Subiu as escadas indo sentar-se. Volveia nas mãos aquela carta sem coragem de abri-la. Tonha em volta estava curiosa e não parava de falar.

Eu sabia que os meus santos não me iam falhar. Pedi tanto pra eles fazerem sinhá Amélia escrever!

Gregório olhou para ela, pedindolhe: Tonha, me deixe só. Ela saiu resmungando: Tomara que seja notícia boa, dizendo que ela vai voltar. Só assim meu coronelzinho volta a se alegrar.

Ao ficar só, ele abre o envelope, a carta contém a seguinte mensagem:

Caro esposo Gregório, Após longa ausência sem ter notícias minhas, pego na pena para escrever-te.

É meu desejo que esta carta, seja a confissão e a reabilitação de uma esposa saudosa.

Quando ela te chegar as mãos, já se terá passado um ano em que estou separada de teus carinhos; mas, como disseste que a separação era remédio salutar, ele agiu em mim fazendo-me raciocinar e compreender que minha vida se liga à tua pelo mais sublime laço: o laço do Amor.

Hoje sou no tribunal de minha consciência a ré confessa que te pede perdão.

Perdoe-me, querido, pela minha incompreensão, por não compreender tua bondade e a integridade de teu caráter, que te faz perante aqueles que te são subordinados admirado e respeitado.

Nosso filho Carlinhos está bem e começa a caminhar. Ao olhá-lo com seus passinhos trôpegos, sei que também eu caminhei ao teu lado com passos vacilantes. Hoje anseio caminhar contigo com passos firmes.

A saudade não me dá tréguas. Para mitigá-la, olho para nosso filho. É no olhar dele que encontro teu olhar. Ao aconchegá-lo ao

peito, sinto teu abraço. Sei que estando ao teu lado fui uma esposa ausente, não participando de teus sonhos e anseios. Procuraste em mim a companheira que não soube ser.

Não te faço promessas, pois as promessas são vãs. Se aceitares meu pedido de perdão, é no dia-a-dia que provarei o quanto mudei.

Querido esposo. Ao iniciar esta, tinha por finalidade esperar tua resposta, concedendo-me perdão e autorizando-me a voltar, mas, ao escrever-te, sinto-o tão próximo que temo não suportar a longa espera, visto que temos um mar a nos separar.

Deixarei Portugal no primeiro navio de regresso ao Brasil, e aguardo esperançosa, como ré que sou, ouvir pessoalmente meu veredicto.

Da esposa que te ama.

Amélia.

Ao terminar de ler a carta, Gregório não conseguia conter a torrente de lágrimas. Os soluços estremeciam seu corpo.

Enfim, Amélia e seu filho estariam de volta. Quanto esperara por esse momento, quantas noites de solidão, quanto martírio ao pensar que havia perdido a família que formara. A tristeza que sentira naquela manhã dava lugar a uma imensa alegria.

Fechou os olhos trazendo para junto de si a imagem da mulher e do filho, na certeza de que em breve estariam reunidos.

Foi ao encontro de Tonha para dar-lhe a grata notícia. Esta, ao vê-lo, notou que trazia um novo brilho no olhar. O semblante estava sereno.

Tonha! Amélia embarcará no primeiro navio de volta para casa, precisamos agir rápido, deixar tudo em ordem para sua chegada. A primeira providência será reformar o jardim, pois se encontra abandonado. Quero que esteja com flores novas e perfumadas tão ao gosto de Amélia.

Pois pode deixar por minha conta. Já sei até quem é

que vou chamar. A Ana tem mão boa para plantas. É só olhar em volta da casinha dela. O senhor já viu flores mais bonitas do que aquelas?

Tens razão. São lindas! Amanhã bem cedo darei ordens a Pedro para chamar Quitéria e alguns escravos para ajudá-la. E transmita-lhe que de agora em diante ficará encarregada do jardim. Quanto a ti, deverá cuidar da comida e da casa.

Está certo, eu vou dizer. E sei que ela vai ficar contente, pois ela falou que a coisa que mais queria fazer aqui na fazenda era cuidar do jardim e plantar bastante flores. Mas me diga, coronel, quanto tempo leva até sinhá Amélia chegar?

Não sei precisar bem a data, mas creio que levará de dois a três meses, tempo suficiente para deixarmos tudo em ordem.

Gregório, eufórico, retirou-se para o quarto. Lá chegando, leu e releu diversas vezes a carta da esposa. Logo depois foi até a janela. A vista era maravilhosa, podia avistar toda a fazenda. Seu quarto ficava de frente, na parte superior do sobrado. Olhou tudo com olhar crítico: o engenho, as senzalas, as pequenas casas dos escravos, a capela e a escola que havia construído. Tudo estava com ar de abandono. Pensou por uns instantes e concluiu que tudo aquilo estava precisando de uma boa mão de tinta.

Desceu as escadas apressado dizendo a Tonha que iria até a Capital. Chegando defronte à casa, chamou pelo capataz

Pedro, traga a charrete. Vamos até Salvador comprar algumas tintas. Amanhã começaremos a pintar todas as casas da fazenda. Quero tudo isso com ar de novo.

É pra já, coronel! Tonha, olhando pela janela, vê a charrete ir em direção à porteira levantando poeira por onde passava. Não consegue conter seu resmungo:

Como é bom ver meu coronelzinho feliz de novo. Pelo menos ele vai ficar assim até sinhá Amélia chegar. Mas não sei, não... Aquela é uma peste. Não confio que vá melhorar.

Está falando sozinha, Tonha? Era Ana quem chegava. José foi me chamar no engenho. Quer falar comigo? É verdade, Ana. O coronel pediu para nós darmos um jeito no jardim. É que sinhá Amélia está para voltar. Ele quer o jardim bem bonito, com muita flor. Ele disse também que é pra você a partir deste dia tomar conta dele, até depois da sinhá Amélia chegar.

Ana sorri. Era tudo que queria, visto que Amaru lhe ensinara os segredos da terra. Ficava triste ao vê-lo tão abandonado.

Então vou começar a providenciar a terra. Lá perto do riacho, debaixo das árvores, há uma muito boa e fofa. Amaru dizia-me que a Natureza se renova de tempos em tempos e é junto dela, nas folhas mortas e raízes secas, que encontramos a vida se renovando.

Então vá, Ana. Que amanhã bem cedo começamos nosso trabalho.

Ana despede-se rumando para os lados do riacho. No meio da tarde, Gregório retorna trazendo vários materiais.

Pedro! Peça para Josias desatrelar os cavalos e alimentá-los. Logo mais à noite, retina os escravos e o pessoal do engenho para uma reunião lá na senzala. Preciso escalar o serviço para amanhã.

Está bem, coronel! Se precisar de minha ajuda, estarei no engenho.

Gregório segue para casa, sobe as escadas e vai ter com Tonha. Ao chegar, esta pergunta-lhe:

Já almoçou? Fiquei esperando. Como estava ficando tarde, levei a comida pro engenho. Se quiser comer algo, eu

67

vou preparar.

Não, Tonha! Faça-me apenas um café. Pois estou sem fome. Até parece que a carta serviu de comida pro senhor. Não esqueça que saco vazio não pára de pé.

O coronel sorri com a resposta, senta-se à espera do café. Tonha olha de soslaio. Notando que volta e meia sorri, lhe diz: Vou dizer uma coisa que até o senhor pode não gostar, mas assim mesmo vou dizer. Cuidado, coronel! Cobra brava não fica mansa de uma hora para outra...

Gregório levanta-se, abraça a velha criada, dizendolhe: Tonha, querida Tonha! Abra teu coração para Amélia, assim como ela o abriu para mim. Logo nossa família estará reunida. Digo “nossa” porque és como uma mãe cuidadosa, sempre querendo o meu bem e preocupada que algo me cause sofrimento. Compreendo tua preocupação, mas creio que agora teremos dias melhores. Eu também errei muito com Amélia, mas há sempre tempo de remediar os erros cometidos.

Tonha deitara a cabeça no ombro de Gregório. Aquelas palavras refrigeraram-lhe a alma, pois eram o reconhecimento do afeto que ela lhe dedicava.

Após o café, Gregório resolve ir ver Benedita, visto que à tardinha estaria ocupado preparando os assuntos que levaria à reunião. Passou com ela o resto da tarde. Ao ver que o sol já se deitava no horizonte, voltou à casagrande.

Já é noite quando se encaminha à senzala. Os escravos e trabalhadores do engenho aglomeram-se ansiosos e preocupados, sem atinar qual o assunto tão importante que fizera com que ele os reunisse.

Ao chegar, pede a Pedro para providenciar um banco no qual sobe. Percebe o ar de preocupação estampado no rosto de cada um.

Ele toma a palavra.

Sei que estão ansiosos a fim de saber o motivo desta reunião. Como é do conhecimento de todos, minha esposa e meu filho encontram-se em Portugal. No entanto, chegou-me a notícia de que em breve estarão de volta. Embora este acontecimento tenha me causado alegria, também me fez constatar que as casas, a senzala, a capela, assim como o engenho estão em péssimas condições. E meu desejo que, quando chegar, Amélia encontre tudo na mais perfeita ordem. Todavia, para que isso aconteça, precisarei de ajuda.

Em seguida, dirige-se a Pedro. Pedro! A partir de hoje você não será mais o capataz. Ouviu-se um buchicho. Todos queriam falar ao mesmo tempo. Pedro era tido como ótimo administrador. Era dele que os escravos recebiam ordens e tinham nele um amigo.

Silêncio! disse o coronel. Vou explicar: Há algum tempo Pedro tem me acompanhado na venda do açúcar e em todos os negócios gerados na fazenda. Por esse motivo, a partir de hoje ficará sob seu encargo o trabalho que até então era feito por mim, pois deposito nele toda a confiança. Depende dele agora a última palavra.

E virando-se para Pedro, interroga: Aceita ou não? Pedro se aproxima. Muito obrigado, coronel, pela confiança! Tudo farei para que o engenho assim como a fazenda continuem prosperando. Sei que se tiver dúvidas sobre algum assunto o senhor irá me esclarecer.

Claro, Pedro! Poderá contar com minha ajuda. Gregório continuou: Quanto a mim, estarei junto de vocês participando do trabalho, a fim de que a fazenda readquira a beleza de outrora. Minha função não será a de dar ordens. Para isso preciso da cooperação de todos. Para que não haja ciúmes

69

nem rivalidades, escolherão, dentre vocês, aquele com melhor capacidade para chefiar cada equipe de trabalho. Não podemos nos esquecer de reorganizar o cemitério que fica atrás da senzala. Lá faremos uma taipa de pedra ao redor. Tiraremos também o mato que já encobre o leito dos que já se foram.

Olhando firme para aquelas fisionomias que o respeitavam, completou:

E, para finalizar, ficará ao encargo daquele, a quem escolherem, a construção durante o dia de uma fogueira no meio do pátio. Ela servirá para que, de hoje em diante, não só nos dias de cultos e oferendas, possamos nos reunir em sua volta.

Com certeza, esta foi a melhor parte, pois os escravos levantaram os braços dando vivas ao coronel.

Quando Gregório se retirou, iniciaram a escolha daqueles que chefiariam as equipes de trabalho, a fim de que pela manhã já estivesse tudo resolvido.

A noite ia alta quando se recolheram. No alvorecer, estavam em frente à casagrande à espera do coronel. Gregório desce as escadas dirigindo-se à cozinha. Encontra Tonha correndo de um lado para outro a resmungar:

Virgem Nossa Senhora, que deu nessa negada hoje? Até parece dia de festa. Estão todos mostrando os dentes de faceiro!

O que está a resmungar, Tonha? É essa negada que está toda aí fora, esperando o senhor. Até parece que não dormiram hoje. Chegaram todos no raiar do dia.

É que vamos ter um longo dia de trabalho. Gregório, assim que tomou o café, foi ao encontro dos escravos.

A manhã foi de muito labor. Na hora do almoço chega

70

Tonha com a comida. Era o momento de parar, a fim de reabastecer as energias. Depois do lauto repasto, descansaram por alguns momentos e voltaram para as lidas.

Pararam ao entardecer. O dia havia sido produtivo. A fazenda começava a rejuvenescer pelo trato.

Chegando em casa, encontra Tonha estatelada na cadeira, a gemer.

Credo, coronel! Até parece que levei uma surra de reio. Estou com as paletas amortecidas, o corpo pesado e não quer mais me ajudar. Aquele jardim vai dar muito trabalho pra ajeitar.

Ele dá uma sonora gargalhada. Ah!...Ah!...Mandei Quitéria para ajudar Ana e José, mas você a dispensou, dizendo que não precisava de seus préstimos! Eis aí o resultado.

Ai! Ai! coronel. Manda que venha amanhã. Do contrário, não vou poder mais me mexer. Vou ficar só pra fazer a comida. Vou caprichar pra ninguém reclamar.

Ele sai rindo encaminhando-se para a varanda. Sente o cansaço do corpo, mas está satisfeito. Tudo correrá na mais perfeita ordem. Estavam todos unidos com o mesmo objetivo: fazer renascer a antiga beleza que sempre caracterizara a fazenda. A brisa lhe traz o cheiro da tinta fresca como doce perfume. Sorri consigo mesmo ao escutar os ais de Tonha dentro da casa.

O corpo começa a relaxar e ele cai no sono. As estrelas começavam a salpicar o céu, quando é despertado pelo canto dos escravos traduzindo na canção a saudade da pátria distante.

Ele desce as escadas. Os escravos estão em frente à senzala a conversar. Para lá se dirige. Ao chegar, percebe que eles perdem a espontaneidade e se calam, e estranha essa atitude.

Começa a falar discorrendo sobre sua vida. Faz deles nesta noite seus confidentes. Conta-lhes da tristeza que

71

sempre sentira em vê-los cativos. Fala-lhes da impossibilidade de alforriá-los em um país ainda preconceituoso. Conta-lhes sobre sua infância vivida no meio dos escravos e como aprendera a respeitá-los. Os ensinamentos de sua mãe e a atitude desta ao morrer. A sua ida para Portugal e o sonho que acalentava ao formar-se, sonhos esses desfeitos no decorrer dos anos, ao perceber que estava preso a leis e preconceitos.

Os escravos escutavam-no com atenção admirando aquele homem que abria o coração. As lágrimas caíam-lhe sem que este percebesse. Compreenderam por que era tão solitário e o motivo pelo qual não era visitado pelos coronéis de outros engenhos.

As horas passavam. A noite já ia alta quando Gregório encerra sua história. Despede-se deles rumando para a casagrande.

Naquela noite ficou selada a amizade entre Gregório e os escravos, pois compreenderam que todos os homens, independente da cor, são cativos uns dos outros.

No dia seguinte bem cedo foram para o trabalho. Havia um total entrosamento entre eles e nem viam as horas passar. Entre o trabalho e as brincadeiras não sentiam o cansaço, e, assim, nos dias subseqüentes, a fazenda readquiria o brilho de outrora.

Os meses passaram-se. Chegara finalmente o dia em que o navio iria atracar no Porto de Salvador trazendo Amélia e Carlos.

Estava tudo pronto para recepcioná-los.

## 72 73

### CAPÍTULO 6 VIDA nova NA FAZENDA

Ao ouvir a chamada informando a proximidade do Porto, Amélia sobe ao convés com o filho no colo. Caminha de um lado para o outro. Está apreensiva. Não sabe como o esposo irá recebê-la.

Enquanto isto... Gregório acordara muito cedo. No dia anterior deixara tudo pronto para recepcionar a esposa. É com pressa que toma o café fazendo ouvidos moucos aos apelos de Tonha pedindolhe calma.

Sem demora chama por Josias para que este traga a charrete. Em seguida estão a caminho de Salvador.

Chegando no cais do Porto, procura um lugar entre as pessoas que aguardam o navio. Com ansiedade olha para o convés na esperança de vê-la. Ao avistar uma mulher com o filho nos braços, sente o coração pulsar descompassado. É Amélia. Está linda! O porte altivo lembra uma estátua de mármore. Ela também já o havia visto e lhe acena.

O navio atraca. Logo em seguida é colocada a ponte por onde os viajantes descem. São minutos que para ele parecem intermináveis.

Amélia desce com as mucamas e vai em sua direção. Aproximando-se, deposita o filho no chão. O pequeno menino, ao ver o pai, com os bracinhos abertos e passinhos trôpegos corre até ele segurando em suas pernas em busca de apoio. Gregório se abaixa pegando o filho no colo, enche-o de beijos e afagos. Quanto esperara e ansiara por este grato momento: poder novamente aconchegá-lo e estreitá-lo junto ao peito. Amélia está estática, sem saber que atitude tomar. Gregório entrega o filho às mucamas e, voltando-se, estendelhe os braços. Ela refugia-se neles a soluçar. Seus olhos se encontram, e lê no brilho dos dele o seu perdão.

Estão comovidos e enlevados, quando chega Josias com as bagagens. Gregório percebe nela a primeira mudança, ao vê-la estender a mão ao

servidor e cumprimentá-lo com um sorriso nos lábios.

Depois de acomodados na charrete, seguem para a fazenda. Ao chegar, Amélia tem uma agradável surpresa. Era como se fizesse uma viagem de retorno ao passado, à época em que se casou e ali chegara. As casas brancas com a tinta ainda fresca, o jardim impecável exalando um perfume de flores de diversas variedades, as cercas de sempre-vivas aparadas, o solar com uma guirlanda de flores no topo da escada adornando a entrada para a varanda. Sentia que estava tendo uma segunda oportunidade. Estava em casa, mas doravante seria diferente. Faria deste lugar seu lar e aqui permaneceria.

Tonha se aproxima ensimesmada. Amélia, ao vê-la, lhe dá um forte abraço: Quanta saudade, Tonha! Senti tanta falta de seus

74

sábios conselhos!...

Pois seja muito bem-vinda, sinhá! Que meus conselhos não hão de faltar.

Amélia sorri. Em seguida, voltando-se, cumprimenta um por um os escravos que se achegam desejando-lhe um feliz regresso. Gregório, com o filho no colo, convida-a para entrar. É sob aclamação deles que sobem as escadas da casagrande.

O dia foi de festa. A noite veio encontrá-los sentados na varanda, no doce colóquio dos apaixonados. A distância havia sido benéfica, reavivando o sentimento que um dia os unira.

No dia seguinte, Amélia acordara ao raiar do dia. Desceram de mãos dadas as escadas do andar superior e rumaram para a cozinha.

Tonha se surpreende ao vê-la: Credo, sinhá! De pé tão cedo? Vou com Gregório percorrer a fazenda. Pretendo ir também ao engenho acompanhar de perto como se processa a produção do açúcar. Almejo participar e me enfronhar das lidas do dia-a-dia. Já perdi tempo demais na ociosidade.

Gregório olhava-a admirado. A esposa traduzia em palavras o que sempre esperara ouvir de uma companheira.

Enquanto fazem o desjejum, ele pede a Tonha: Mande Josias selar dois cavalos, pois logo mais estaremos de saída.

Acho que vai demorar. Os cavalos estão todos lá na baia, mas vou pedir pra ele se apressar.

Ao retornar, encontra-os descendo as escadas e entra em casa a resmungar com ciumeira:

Hum! Hum! Não sei, não, até quando isso vai durar. O coronel hoje me pôs de lado. Nem me olhou...

Logo mais se repreende: nega linguaruda! Devia mais de se alegrar de ver o

75

coronelzinho tão feliz, e pedir para a Virgem amparar, para eles não voltar a brigar...

Sorri consigo mesma, voltando para as lidas da casa. Nesse ínterim, Gregório sai a cavalgar com Amélia. Mostra-lhe as benfeitorias feitas na sua ausência. Ela olha tudo com ar de aprovação. Logo mais, descobre ao longe uma pequena construção ao lado da capela. Esporeia o cavalo, deixando Gregório para trás.

Ao chegar, salta da sela e corre para seu interior. Percebe ser uma escola. Passa a mão sobre os bancos feitos com capricho pelos escravos. Gregório chega logo atrás.

Enlevada, ela deita a cabeça no ombro dele e suspira: Ah! Querido, quando quiser me encontrar durante o dia, é aqui que estarei. A partir de hoje esta escola terá uma professora. Dedicarei meu tempo a ensinar. é com satisfação que ele lhe responde: Foi pensando também em você que a construí. Tinha esperanças que voltaria. Errei muito, Amélia. Queria uma companheira, mas não dei a você oportunidade de participar de minha vida

e da vida na fazenda. Tenho dentro de mim um anseio que não consigo explicar, mas sei que se relaciona com esses escravos que aqui estão. Sinto que sou para com eles devedor em busca de redenção. Se pelos adultos pouco consigo fazer, que pelo menos aos seus filhos eu proporcione um melhor futuro.

Ficaram por bom tempo a conversar. Foi ali, na cumplicidade daquelas paredes, que passaram a se conhecer melhor. Falaram dos sonhos e anseios que acalentavam e o que esperavam construir juntos.

Ao final concluíram que seu verdadeiro casamento e união iniciava-se naquele dia.

76

## CAPÍTULO 7

### fidelidade MANIFESTA

Cinco anos haviam se passado. Embora o preço do açúcar no mercado internacional houvesse sofrido uma relevante queda, causando aos engenhos sérias dificuldades, o engenho do Coronel Gregório continuava prosperando. Permitia com isso proporcionar àqueles que faziam parte daquela pequena comunidade uma vida tranqüila.

Amélia havia se tornado a companheira ideal. Quando o marido precisava ausentar-se por algum motivo, era ela quem ficava com a responsabilidade de tomar decisões a fim de resolver os problemas gerados na fazenda. Inúmeras vezes era chamada para separar contendas entre os cativos. Nesses momentos agia com firmeza e justiça. Pouco a pouco, foi amalhando o respeito de todos.

A escola onde era professora havia se tornado pequena. No princípio começara a ensinar os filhos dos escravos, em seguida, atendendo às solicitações destes, estendeu seus

77

ensinamentos também aos adultos.

Amélia era uma excelente educadora. Ao perceber que as sementes do saber caíam em solo fértil, transferiu os adolescentes para as escolas da Capital.

Mas nem tudo era prazeroso. A preocupação maior de Gregório e Amélia ficava por conta do filho, Carlos.

Contava ele sete anos de idade. À medida que crescia revelava enraizado dentro dele o germe do preconceito. Sentia verdadeira ojeriza pelos negros. Os pais tudo faziam para extirpar dele esse mal, mas não logravam êxito. Ao se aproximar dos escravos, mostrava uma agressividade e maldade imprópria em uma criança. Brincava sempre sozinho, embora, em raras ocasiões, permitisse que Benedita se aproximasse.

Benedita estava com cinco anos. Era uma criança tranqüila. Puxara da mãe os traços delicados e do pai a sisudez. Não era dada a brincadeiras e risos fáceis. Mostrava em seu semblante um ar de seriedade. Seu olhar traduzia mansuetude e uma profunda tristeza. Possuía inteligência privilegiada e gostava de fazer perguntas deixando na maioria das vezes os adultos sem respostas, pois seus questionamentos traziam uma seriedade e profundidade que causavam embaraços.

Recebia de Gregório e Tonha carinho e atenção; da mãe, represálias, ao encontrá-la sozinha conversando com pessoas e crianças “imaginárias”. Essa era a origem de sua inquietação. Proibia que a filha relatasse aos outros as conversas e as visitas desses “seres invisíveis”, receando que fosse mal interpretada.

As estripulias na fazenda ficavam por conta de Tobias. Já com 9 anos, ele era terrível, sempre aprontando das suas. Não respeitava nem mesmo o coronel, enrodilhando-o muitas vezes em suas maluquices.

Gregório tinha apreço pelo moleque, porque em suas fanfarrices não existiam maldades; pelo contrário,

provocava risos a maioria dos seus feitos.

Tonha ficava de cabelo em pé, quando ele entrava sorrateiro em sua cozinha, deixando rastro por onde passava, quer nos potes ou tachos de doces. Nos dias de festas, ela passava o dia a confeccionar bolos, o que lhe proporcionava grande orgulho. Mas o malvado sempre deixava suas impressões digitais sobre o merengue. Nas raras vezes em que ela conseguia pegá-lo com a boca na botija, castigava-o com uma vara que conservava atrás da porta da cozinha. Após apanhar, Tobias corria para o canto da cozinha e ficava a soluçar olhando-a “com olhos de peixe morto”. Logo depois, ela estava a fazerlhe carinhos enchendo-o de doces. O moleque atrevido, após se fartar, saía porta afora e de longe a provocava. Quando ela saía em seu encalço, ele procurava proteção junto de Benedita, que apaziguava Tonha.

Benedita adorava acompanhar a mãe até o riacho a fim de lavar roupas. Sentava sobre uma pedra com os pezinhos na água e ficava a parlamentar com seus amigos invisíveis. Fizera desse o seu lugar preferido.

Ana continuava a cuidar do jardim para Amélia. Esta havia adquirido mudas de roseiras de diversas variedades. Ana escolhia a terra com cuidado e baseava-se na lua e nas estações do ano para fazer a poda e replantá-las.

Os poucos visitantes que chegavam até a fazenda perguntavam-lhe qual era o segredo para cultivá-las, principalmente por ser esta uma região muito quente e de difícil cultivo.

Ana, toda prazenteira, mostrava seu segredo. Havia descoberto atrás da casagrande um olho d’água encoberto pela vegetação. Com todo o cuidado, limpou a borda e a seguir fizera uma pequena vala deitando sobre esta pequenos bambus. A água corria por dentro deles e chegava até o jardim, irrigando as rosas. Estas, agradecidas, nasciam lindas e perfumadas.

79

Foi num desses dias em que revolveia a terra que chegou Benedita entristecida.

Ana havia deixado a menina na companhia de Carlos, pois ele a mandara chamar para brincar. Ao chegar perto da mãe, pergunta-lhe:

Mamãe! Por que Carlinhos é branco e eu sou preta? Ana assusta-se com a pergunta. Não sabe o que responder à filha. Fica a pensar por uns instantes e inspirada por Amam responde-lhe:

Porque Deus, quando criou o Universo, deu-nos um Reino multicolorido, e nós, filha, fazemos parte desse Reino. Veja, neste jardim, quantas rosas lindas e perfumadas, e cada uma tem sua cor! Benedita olha as rosas com atenção e em seguida exclama:

Mas não há nenhuma rosa negra! É porque essa é uma rosa rara, plantada no coração do homem. Suas raízes são profundas e de perfume inebriante. Aqueles que a sentem, não vêem em nós a diferença da cor.

Benedita olha para a mãe sorrindo. Compreendera que ela se referia ao Amor. Permanece junto dela ajudando-a. Passados alguns minutos, volta-se para Ana e pergunta:

Quem é Amaru? Ana sobressalta-se com a pergunta, sabendo que nunca mencionara o nome de Amaru para a filha e nem mesmo José o havia feito. É com voz trêmula que a interpela: O que sabe de amaru? Eu não sei nada, mamãe! Mas ele está ao seu lado; diz para não esquecer de me ensinar o que ele lhe ensinou.

Ana fica paralisada diante da filha. Olha para os lados e nada vê, mas cada palavra da conversa que tivera com ele ao relatar-lhe o sonho tantos anos atrás ressoa em seu íntimo, fazendoa lembrar-se da promessa feita. Sente que nesse momento seu dever não é repreender a filha, mas ensinar-lhe os segredos da terra e das ervas medicinais.

A partir desse dia, Ana deixa de repelir o dom de Benedita, passando a ministrar-lhe os conhecimentos que Amaru lhe transmitira.

## ORFANDADE

Estamos em 1818. Fim da época colonial. Um pouco mais que a metade da população brasileira é composta de escravos.

Cinco anos haviam se passado, desde o primeiro contato de Benedita com Amaru. Anos esses, para ela, de muito aprendizado. Enquanto Ana instruía no manejo das ervas medicinais, Amara iniciava-a no aprendizado das verdades espirituais.

A fazenda, antes tão próspera, vivia um período de crise. Vários eram os motivos. No ano anterior, começara-se a falar em abolição. De forma lenta, mas gradual.

Os grandes senhores, donos de engenhos, começaram a ver no coronel Gregório um inimigo. A pequena escola construída na fazenda, de cujas sementes do saber Amélia fartamente distribuía aos filhos dos cativos, já começava a dar os primeiros frutos.

Ao serem transferidos para as escolas na capital e

82

concluírem seus cursos, Gregório os alforriava, dando-lhes condições para seguirem suas vidas de homens libertos.

Pois bem. Esses ex-cativos, unindo-se a militantes com idéias liberais, tomavam de assalto os engenhos libertando os escravos, e, posteriormente, encaminhava-os aos quilombos. Os coronéis, então, culpavam Gregório por tal situação. Em contrapartida, boicotavam suas transações comerciais gerando com isso sérias dificuldades.

Um de seus inimigos mais ferrenhos era o filho do coronel Antônio. Este havia desencarnado há poucos anos e deixara à frente dos negócios Januário, seu único filho.

Januário, com pouco mais de 20 anos, era conhecido por sua crueldade. Usava em sua fazenda todo tipo de torturas. Era com orgulho que falava que

possuía o melhor plantel de escravos reprodutores da região, advindo desse fato o seu maior comércio, pois, ao nascerem as crianças, ele as mercadejava com os senhores de engenho.

Carlos, filho do coronel Gregório, encontrava-se em Portugal, iniciando seus estudos. Cristina, irmã de Amélia, tinha vindo visitá-los e, ao retomar, levava o sobrinho.

Amélia, na presença do marido, procurava transmitirlhe esperanças e bom ânimo. Mas com Tonha desabafava as inquietações e temores devido às ameaças que Gregório sofria.

Esta, a fim de lhe tranqüilizar, dizia: Das vezes, sinhá, nós nada podemos fazer, e temos de entregar na mão de Deus. Ele sabe mais que nós aquilo que os filhos dele têm de passar. Nós, sinhá, não viemos a este mundo só para se fartar de coisa boa. Viemos também para aprender e pagar o mal que fizemos os outros passarem.

Ah! Tonha, quanta sabedoria em suas palavras arrevesadas!

Ao cair da tarde, Gregório, sentava-se na varanda à espera de Benedita. Eram para ele momentos gratificantes.

83

Aquela menina de apenas 10 anos de idade dava de maneira didática verdadeiras lições sobre as verdades espirituais. Inspirada por Amaru, ela lhe falava da vida na Terra e da sobrevivência do Espírito.

Quanta diferença entre os diálogos com frei Simão! Este com 70 anos, já no final da vida e nada aprendera. E aquela menina, no limiar da existência, era possuidora de tamanha sabedoria.

Benedita confiara a Gregório seu pequeno segredo. Contarlhe que tais ensinamentos advinham de Amaru, um amigo espiritual que encontrara à beira do riacho.

Um dia, à tardinha, Benedita dialogava com Amaru, quando escutou gritos vindos da direção da fazenda. Sem perda de tempo, correu para saber o que havia ocorrido.

Ao chegar, viu José, seu pai, sendo carregado por alguns escravos. Nota o desespero da mãe que vem logo atrás. Perplexa com a cena, não consegue reagir. Nesse ínterim, surge Joana e lhe conta o que acontecera: seu pai estava no corte da cana, quando fora atacado por uma cobra venenosa. Não houvera tempo para nenhuma intervenção. O ‘veneno mortífero entrara na corrente sanguínea, causando-lhe a morte.

Já é noite quando o corpo de José é levado à senzala. Enquanto isto, os escravos, ao redor da fogueira, cantam velhas canções da pátria distante querendo com isto homenagear o amigo que partira.

Benedita, não obstante seus conhecimentos, sente a alma dilacerada pela dor. É em vão que tenta consolar a mãe. Ana revê em sua tela mental os anos percorridos junto daquele a quem amara.

No dia seguinte, o corpo é colocado no bangüê’ e levado

8 BANGÜÊ - Padiola em que se conduziam cadáveres de pretos, escravos.

84

ao cemitério que ficava atrás da senzala. Coronel Gregório, pesaroso, participa a distância. Não quer interferir nesse momento tão difícil...

Chegara para José o epílogo de mais uma existência. Talvez uma das mais difíceis, mas dando-lhe condições para continuar sua jornada como Espírito imortal, quiçá, em situações mais amenas...

Dois anos haviam se passado desde o desencarne de José. A vida na fazenda prossegue no seu ritmo normal. Ana, para mitigar a saudade do companheiro, conta para Benedita sua história junto de Joshuá e Amaru, nas

terras longínquas da África. Benedita vai enraizando no coração o amor pela sua origem e pelo seu povo.

Desse modo passam os dias. Ana começa a definhar. Sente uma tristeza mortal consumindo-lhe as forças. Certa noite, acorda sobressaltada, vendo José junto ao leito, de braços abertos a lhe chamar. Ana se aconchega naquele abraço.

Pela manhã, Benedita sofre a segunda separação. Encontra a mãe no leito sem vida.

Pobre Benedita. Pobre criança assustada! É com desespero que sacode o corpo da mãe, no afã de despertá-la do sono mortal. Seu esforço é inútil. A mãe partira. Sente a teia da solidão a envolver. Está só e assustada.

Enquanto isto, Coronel Gregório, na casagrande, sente a ausência de Benedita. Toda manhã ela chegava trazendo nas mãozinhas rosas frescas e perfumadas colhidas no jardim, as quais oferecia com carinho a Amélia. Resolve ir até a casa de Ana saber por que ela se demorava. Ao chegar, se depara com Benedita a soluçar abraçada à mãe. Ele se aproxima penalizado com a triste cena. Abraça aquela criança assustada a fim de confortá-la. Sente seu corpinho trêmulo aconchegar-se ao seu em busca de proteção. Não consegue conter a emoção, chora junto

85

com Benedita. Suas lágrimas misturam-se no mesmo sentimento de dor.

Algum tempo mais tarde, ao vê-la mais calma, Gregório chama por Pedro a fim de que ele tome as providências.

Em vista desse acontecimento, Benedita passa a morar na casagrande. Ela vai crescendo cercada de atenção e carinho por parte de todos. Muitas vezes ela perguntara a Amara o motivo da afinidade existente entre eles. Ele nada respondia. Apenas sorria.

Benedita chega à puberdade e perde a faculdade de ver Amaru e os “seres” que agora sabe serem Espíritos. Mas continua sentindo a presença amiga,

nos diálogos mentais sempre esclarecedores.

A vida continua. Os anos passam...

86

## CAPÍTULO 9 PRESENTINDO DORES

Chegamos ao ano de 1827. Desde o ano anterior, a Bahia passava por momentos difíceis.

O Brasil tornara-se independente, desde 7 de setembro de 1822.

A independência não fora motivo de festas para todos. Enquanto os brasileiros festejavam o acontecimento, o mesmo não acontecia com os portugueses que viviam aqui. Principalmente na Bahia, maior foco de resistência à Independência. Havia muitas revoltas. Os portugueses queriam a recolonização. Nos engenhos a situação não era das melhores. Ainda no Período Colonial, em consequência da guerra contra os holandeses, a produção açucareira havia sofrido sérios abalos: canaviais destruídos, engenhos abandonados e a concorrência do açúcar antilhano.

No Império, novos problemas surgiam: os velhos

87

engenhos movidos a água estavam sendo substituídos pelos engenhos centrais, os quais usavam maquinários pesados e dispendiosos que encareciam o produto, causando a ruína dos pequenos produtores. No mercado internacional, o açúcar brasileiro tinha de concorrer com o açúcar de cana indiano ou cubano e com o de beterraba, produzido pelos europeus.

“Como podemos observar, a economia brasileira sempre navegou em ondas turbulentas, e os brasileiros se adaptando ao balanço do navio.

Em vista disso, o engenho do Coronel Gregório passava por sérias dificuldades, o motivo principal não era a situação econômica, era o cansaço da vida. O curso dos anos e as perdas sofridas deixavam suas marcas visíveis nos cabelos brancos e nas rugas da face.

Ele contava 70 janeiros. Seus velhos amigos cativos, com o passar dos anos, foram tombando como guerreiros que depõem as armas no campo da luta terrena. Faltava-lhe a mão-de-obra escrava. Não quisera mais adquiri-los. Cada vez mais consolidava-se no coração o repúdio pelo cativo.

Em sua fazenda não havia mais escravos. Havia homens livres, pois dera a todos a alforria. Os que quiseram permanecer na fazenda eram agora trabalhadores assalariados.

A escolinha, que tanto orgulho lhe dera, estava agora com as portas cerradas. Não mais havia crianças para ensinar. Elas haviam crescido. As sementes do saber, ao caírem em solo fértil, capacitava-os a lutarem em prol da liberdade dos irmãos que permaneciam no cativo. Tinham ciência de que a luta seria ferrenha.

Entretanto, as grandes conquistas não se fazem sem

88

grandes lutas. A casagrande, antes tão alegre pelos risos e resmungos de Tonha, estava agora silenciosa.

Em uma dessas manhãs, Amélia foi ao quarto dela saber por que se demorava e surpreendeu-se ao vê-la inerte na cama. A idade avançada e o coração enfraquecido fizeram a querida Tonha despedir-se do mundo enquanto dormia.

Carlos concluíra seus estudos em Portugal, mas não quisera regressar. Amélia sofria calada a ausência do filho. Os cabelos negros de outrora estavam salpicados de branco dando-lhe um ar maduro de serenidade.

Benedita tornara-se uma bela jovem de 19 primaveras, de formas perfeitas e proporções harmônicas. Possuía uma expressão de mansuetude e bondade, que a todos contagiava. Seus olhos negros traduziam tristeza, como se um véu toldasse seu brilho.

Com o passar dos anos, recebera de Amaru um cabedal de conhecimentos espirituais, dos quais falava com clareza e eloqüência.

Entretanto, há alguns dias não sentia sua presença amiga. Acordava sobressaltada no meio da noite debulhando-se num pranto compulsivo, o qual perdurava até o amanhecer. Em vão dirigia-se à beira do riacho. Tinha esperança de, junto à Natureza, ouvindo o som melodioso dos pássaros e das águas a deslizar por sobre as pedras, ouvir novamente as ponderações sábias do querido amigo que um dia se apresentara a ela nesse mesmo local.

Acordara pela manhã sentindo o peito oprimido. Pressentia que algo estranho estava para acontecer. Para apaziguar o coração, dirigiu-se ao jardim.

Procurava buscar junto das flores, que tanto amava, a paz almejada. Acariciava as rosas com ternura, como se estivesse acariciando o rosto da querida e saudosa mãe.

As lágrimas descem-lhe mansas ao sentir a presença querida. Escuta no recôndito da alma a voz suave da mãe a lhe sussurrar:

89

Coragem, filha! Eleve seus pensamentos a Deus, Pai e Criador. Ele é o bálsamo que alivia nossas dores. Harmonize sua mente com as Esferas Superiores, visto que o medo estabelece atritos. Deixe brilhar a Luz interior, porquanto ela nos traz esperança. O Amor, filha, é a meta luminosa nas lutas da Terra; baseados nele, encontraremos todas as respostas e o roteiro seguro do caminho a seguir, de modo a avançar vitoriosamente pelas veredas da ascensão.

Benedita estava nesse doce colóquio quando escuta alguém chamando:

Benedita! Benedita! Era Pedro que vinha ao seu encontro. Benedita! onde está o patrão? Coronel Januário quer conversar com ele.

Ele está no escritório da casagrande redigindo alguns documentos. Quer que eu o chame?

Não. Eu mesmo vou chamá-lo! Benedita e Pedro circundam o jardim subindo juntos a escada. Ela aproveita para lhe falar:

Pedro, não gosto desse coronel Januário! Ele me causa medo. Por isto não deixe coronel Gregório a sós com ele. Fique sempre próximo e atento. Sinto que alguma coisa de ruim está para acontecer.

Pedro sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Algo lhe dizia que Benedita estava com a razão, visto que também não simpatizava com Januário. Portanto, tomaria cuidado. Para tranquilizá-la, falou:

Fique despreocupada. Estarei sempre junto do patrão, mesmo porque ele sempre sai em minha companhia, e tudo farei, a fim de que nada de mal lhe aconteça.

Ao chegarem no interior da casa, ela dirige-se à cozinha, enquanto ele vai ao encontro do coronel no escritório.

Lá chegando, bate à porta, abrindo-a em seguida. Encontra-o absorto redigindo um documento. Ao perceber que alguém entrara, levanta a cabeça.

90

Bom dia, Pedro! Algum problema na fazenda? Não, coronel, está tudo em ordem! É que o coronel Januário está lá na porteira e pede permissão para entrar. Está bem! Pode deixá-lo entrar. Vamos ver o que o traz por estas bandas.

Pedro sai apressado para buscá-lo. Enquanto isso, Gregório guarda o documento em uma das gavetas da escrivaninha. Após um lapso de tempo, chega Pedro acompanhado de Januário. Este, sem mais delongas, vai logo dizendo:

Perdoe-me a ousadia de vir visitá-lo tão cedo! Mas venho tratar de um assunto de nosso interesse. Portanto, gostaria que dispensasse o capataz.

Pedro que não quer deixar Gregório a sós com Januário, sente o sangue ferver nas veias. Contudo, fica firme esperando a resposta do patrão.

Creio não ser do seu conhecimento, mas o cargo exercido por Pedro é de administrador. É ele o responsável por minhas transações comerciais; logo, se esse é o assunto que o traz, precisaremos da sua presença.

Januário não consegue disfarçar seu desagrado. Com a voz quase imperceptível, pede desculpas a Pedro. Logo em seguida, com ares de superioridade se dirige a Gregório:

Realmente! Venho até aqui para tratar de negócios; sendo assim, consinto que seu administrador permaneça conosco.

Então, sentemo-nos falou Gregório indicando a poltrona em frente à escrivaninha, enquanto Pedro tomava assento na poltrona ao lado.

O ambiente ficara tenso, pois estavam ali reunidas pessoas com pensamentos e sentimentos divergentes entre si. Houve um silêncio significativo, como se cada um, engolfado em pensamentos, avaliasse-com o olhar a sua presa. Passados alguns minutos, Januário quebra o silêncio ao

91

se dirigir a Gregório:

Soube através de frei Simão que pretendes vender a fazenda. E conforme pude constatar ao chegar, o engenho está sendo desativado. Por esse motivo, gostaria de fazer-lhe uma proposta de compra. Serei generoso, pagarei uma boa quantia por suas terras.

Gregório sorri ante a “generosidade” de Januário, respondendo em seguida:

A informação que lhe deram não é verdadeira. Não pretendo vender minha propriedade. Quanto ao engenho, estou realmente desativando-o devido à instabilidade do mercado do açúcar nos últimos anos e a chegada dessas máquinas a vapor.

Então pretendes deixar as terras ociosas? Não! exclamou Gregório. Pelo contrário, pretendo colocar algumas cabeças de gado e em seguida preparar a terra para plantar mudas de cacau. Estou cansado do engenho. Por muitos

anos venho sofrendo perseguições e boicotes na venda do açúcar. Agora quero comercializar meu produto direto com o importador.

Era visível a irritação de Januário ao constatar que mais uma vez seu intento não obtivera o resultado esperado. Foi trêmulo de ódio que esbravejou:

Maldito seja o dia que meu avô lhe vendeu estas terras! Durante anos meu pai tentou recuperá-las para voltar a anexá-las ao nosso patrimônio. Todavia, morreu sem obter êxito. Mas eu vou consegui-las de uma maneira ou de outra, nem que para isso tenha de cometer algum desatino. Portanto, fique atento, coronel! Poderá não ver o gado se reproduzir e o cacau dar frutos...

Gregório levantou-se num repente contornando a escrivaninha. Pedro, que assistia a tudo, calado, ergueu-se da poltrona se interpondo entre os dois.

Cuidado com as ameaças, Januário! Respeite esta casa e os cabelos brancos do coronel, porquanto você não passa

92

de um fedelho.

Januário engoliu em seco as palavras de Pedro. Saiu irritado batendo a porta.

Logo mais escutaram o tropel do cavalo... Precisamos tomar cuidado com esse rapazola, coronel! Suas palavras e seus olhos estavam carregados de ódio. Deixou bem claro que não desistirá destas terras. Não sabia que haviam pertencido ao avô dele!

Vamos sentar, Pedro! Vou contar-lhe como as adquiri. Depois de acomodados, Gregório abaixa a cabeça e faz uma pequena reflexão. Passados alguns minutos, diz:

Quando retornei de Portugal, no final do século, Salvador passava por um período próspero. Encontrava-se no auge da mineração. Sendo assim, minha intenção ao chegar era comprar uma mineradora na Chapada

Diamantina. Pois cresci vendo meu pai trabalhar com minério e não tinha nenhuma noção de engenho. Pois bem. Enquanto procurava um sobrado para instalar Amélia, fui apresentado ao coronel Isidoro, avô de Januário. Ele era muito respeitado em toda a região. Não só pela fortuna que possuía, mas sobretudo pelo caráter. Era também proprietário de vários sobrados, os quais alugava.

Ao sermos apresentados, sentimos uma simpatia recíproca, que foi crescendo à medida que conversávamos. Ele, muito prestativo, resolveu em poucas horas o meu problema mais imediato: conseguir uma moradia.

Passados alguns dias, após estarmos instalados, coronel Isidoro veio nos visitar. Durante a visita, contei-lhe que desejava comprar uma mineradora. Ele procurou dissuadir-me. Dizia-me que a melhor maneira de empregar dinheiro, fazendo-o render, era comprando terras.

Lembro-me ainda hoje de suas sábias palavras: As minas, Gregório, são fontes esgotáveis; chegará o dia que não mais produzirão. Ao passo que a mãe-terra nunca nos deixa órfãos. De seu seio tiramos o alimento, que

93

se transforma em fontes inesgotáveis de riquezas.

Essas palavras, Pedro, vieram contribuir para que tomasse a decisão, que viria alguns dias após, ao receber o convite para acompanhá-lo até a fazenda.

Nesse dia, lá fomos nós de charrete. Eu estava ansioso. Finalmente iria conhecer um engenho. Ao chegarmos na entrada da propriedade, um escravo veio correndo abrir a porteira. Fiquei admirado ao ver o algodoal! Assemelhava-se a um imenso tapete de plumas brancas com o qual a mãe Natureza cobria o solo. Ao perceber a minha curiosidade, convidou-me para ver de perto a colheita. Foi então que conheci seu filho Antônio. Ele era completamente diferente do pai. Olhou-me como se olhasse a um inimigo.

Neste ponto da narrativa, Gregório faz uma pequena pausa, procurando na mente a seqüência dos fatos. Falando a seguir:

Pedro, não vou me deter para falar de Antônio, visto que o conheceste muito bem.

Em seguida, continua a narração: Ao perceber que o filho havia me tratado com hostilidade, coronel Isidoro convidou-me para ir até o canavial e ao engenho. Devo confessar que fiquei aliviado com o convite, pois sentia-me mal com a proximidade de Antônio.

Gregório continua a narrativa, acompanhado atentamente pelo amigo.

Percorremos alguns quilômetros até alcançar o canavial. Lá chegando, encontramos os escravos cortando canas e colocando-as em fardos nos carros de bois, os quais, em seguida, as transportavam para o engenho.

Neste instante, Gregório fecha os olhos querendo trazer para o presente o momento vivido no passado. A seguir, desabafa: Ah! Pedro, a sensação que tive ao ver o vaivém dos cativos, sentindo o perfume adocicado que exalava

94

daquelas hastes da cana recém-cortada, foi indescritível. Pouco a pouco foi ficando para trás a vontade de comprar a mineradora, dando lugar ao desejo veemente de adquirir um engenho. Percebendo meu interesse, o coronel explicava-me com minúcias o plantio. Em seguida fomos acompanhar o processamento do açúcar. Eu, como aluno atento, procurava inteirar-me de todos os pormenores. Ele, profundo conhecedor do assunto, agindo como professor, tudo procurava transmitir-me.

Assim passamos uma boa parte do dia. Lá pelo meio da tarde, fomos para a sede da fazenda. Ao chegarmos à casagrande, fizemos uma ligeira refeição; logo após, fomos ao seu escritório, que ficava no interior da casa. Ao adentrarmos, sentamo-nos e continuamos a conversar. Eu estava empolgado, não parava de pedir informações sobre tudo que se relacionava com o engenho. Coronel Isidoro observava-me e sorria. Até que em dado momento falou:

Gregório, fico contente em ver seu entusiasmo e interesse. Como também pude constatar, você gostou do perfume adocicado da cana. Esse é o

principal indício daqueles que se tornam ótimos senhores de engenho. Portanto, esqueça o minério. O seu ouro é o pó branco do açúcar. De modo que gostaria de lhe fazer uma proposta: Se for do seu interesse, vendo-lhe a metade de minhas terras, assim como também ajudá-lo-ei na instalação do engenho, colocando à sua disposição a minha experiência.

Por todos os Santos! Era tudo o que eu queria, Pedro! Mas, ao mesmo tempo, fiquei preocupado com o alto preço que ele por certo pediria. Percebendo minha preocupação, falou: Não se assuste, Gregório! Farei um preço acessível, mesmo porque, na época em que meu avô aqui chegou, vindo de Portugal, ganhou a maioria dessas terras.

Vendo meu espanto, explicou: Poucas lembranças tenho de meu avô, pois era

95

molecote quando ele morreu. Mas, meu pai contava-me que, quando ele chegou a Salvador, vindo de Portugal, assim como todos os colonos portugueses que aqui chegavam sendo proprietários de escravos, recebiam sesmarias,<sup>10</sup> advindo desse fato a criação de fazendas com financiamentos holandeses. Foi dessa forma que se iniciaram os primeiros engenhos. Com o passar dos anos, meu avô foi adquirindo as terras vizinhas e aumentando nosso patrimônio. Embora ultimamente tenha recebido muitas ofertas por elas, nunca quis vendê-las. Mas, desde que o conheci, sinto vontade de tê-lo por perto. Não consigo explicar este sentimento, é como se, de alguma forma, já nos conhecêssemos. Sei que estranhará o que vou dizer: sintome melhor ao seu lado do que ao lado de meu próprio filho!

Em seguida, Gregório arrematou: Foi assim, Pedro, que comprei estas terras. Coronel Isidoro cumpriu o prometido. Ajudou-me na instalação do engenho e preparou-me como um pai prepara o filho para tomar as rédeas de sua vida. Por tudo isso, nunca respondi às ameaças de Antônio e agora de Januário. E se um dia houver um confronto entre nós, prefiro tombar morto do que causar a morte do neto daquele que foi um pai para mim.

Ao concluir a narrativa, Pedro percebe que dos olhos do coronel descem lágrimas furtivas. Ele se aproxima, bate-lhe no ombro no intuito de

confortá-lo.

Gregório levanta a cabeça, desabafando: Ah! Pedro, quanta saudade do coronel Isidoro! Ele foi sem dúvida um grande amigo. E agora peço que me deixe só, pois preciso tomar algumas providências. \*\*\*\*

O que eles desconheciam é que em uma de suas

10 SESMARIAS - Lotes de Terras.

96

existências pregressas, Isidoro havia sido pai de Gregório, daí advindo um sincero e forte laço de afeto, ultrapassando as barreiras do entendimento.

Em O Livro dos Espíritos, na questão 204, Kardec pergunta:

Uma vez que temos tido várias existências, a parentela remonta além da nossa existência atual? Os Espíritos esclarecem:

Não pode ser de outra forma. A sucessão das existências corporais estabelece entre os Espíritos laços que remontam às existências anteriores. Daí, muitas vezes, decorrem as causas da simpatia entre vós e certos Espíritos que vos parecem estranhos.

Pois bem! Voltemos à nossa história. Pedro sai do escritório, deixando Gregório engolfado em pensamentos. Passados alguns minutos, ele abre a gaveta da escrivaninha, pega o documento que estava redigindo antes da chegada de Januário. Lê e relê o que está escrito com um sorriso nos lábios.

Ali deixara registrada a liberdade de Benedita. Logo a seguir, pensando na ameaça que Januário lhe fizera, toma de uma folha de papel e começa a redigir um novo documento. A pena corre célere por sobre a folha num verdadeiro frenesi. Ao terminar, lê, fazendo com a cabeça um sinal de aprovação. Ele acabara de deixar sua vontade expressa naquele documento: dividia a propriedade com Pedro, Benedita e os antigos escravos que agora eram trabalhadores assalariados. Está ciente de que, se algo grave lhe acontecer, seu filho Carlos não ficará à frente dos negócios, e Amélia, com

toda certeza, voltará a Portugal. A fortuna que deixava, em espécie, proporcionaria aos dois viverem com comodidade o resto de seus dias.

Guardou o documento na gaveta da escrivaninha, pensando que no dia seguinte iria a Salvador e aproveitaria

97

para registrá-lo. Em seguida, escreveu uma carta endereçada ao filho Carlos. Ao terminar, ficou por algum tempo meditando. A visita de Januário deixara-o triste. Estava perdido em pensamentos quando alguém abre a porta. Era Benedita que vinha chamá-lo: Coronel! O almoço vai ser servido. Obrigado! Irei em seguida. Com a saída de Benedita, permaneceu ainda por alguns minutos no escritório. Queria refazer-se, a fim de que Amélia não percebesse que a visita de Januário lhe trouxera preocupações. Decorrido algum tempo, dirigiu-se à sala onde o esperavam para o almoço.

Durante a refeição, Amélia pergunta a Gregório: O que ocasionou a vinda de Januário tão cedo, saindo logo depois com cara de poucos amigos?

Veio fazer-me uma proposta de compra da fazenda. Frei Simão dissera-lhe que eu estaria disposto a vendê-la.

Januário é como o finado pai! Nunca desistiu de fazer propostas. Só espero que também não tenha vindo ameaçá-lo exclamou.

Gregório, para não responder, procurou mudar de assunto:

Amanhã vou à Capital fazer as compras do mês. Portanto, faça uma lista do que está faltando e entregue ao Pedro. Pretendo sair logo cedo.

Está bem, logo mais irei providenciar. Fizeram o restante da refeição em silêncio. Ao terminarem, foram para a varanda. Ficaram por bom tempo a conversar. Gregório, percebendo que Amélia estava com o semblante entristecido e sabendo qual a causa, resolve surpreendê-la ao falar:

Amanhã, ao chegar a Salvador, informar-me-ei quando sairá o próximo navio para Portugal. Estou pretendendo tirar umas férias antes de começar a

plantação

98

de cacau. Assim aproveitaremos para rever nosso filho e também os seus familiares.

Amélia, ante a alvissareira notícia, abraça o marido deixando que as lágrimas lavassem a alma saudosa. Finalmente, Gregório concordara em deixar a fazenda aos cuidados de Pedro. É com os olhos brilhando e a voz embargada pela emoção que agradece:

Obrigada, querido! Por mais esta alegria! E são tantas ao longo de nossa vida, que agradeço a Deus todos os dias pela dádiva de viver ao seu lado. Você sabe ler nos recônditos do meu ser as minhas mais profundas aspirações. E por mais que me esforce, a fim de tornar-me uma esposa devotada, jamais poderei retribuir tanto carinho.

Gregório se comove com as palavras da esposa. Tenta falar mas a voz não lhe sai. Pigarreia para disfarçar o nó na garganta. Sai em seguida, deixando-a com os planos para a tão sonhada viagem.

Desce as escadas. Desatreia o cavalo a fim de dar o passeio costumeiro. Logo após segue em direção ao riacho.

Estava ensimesmado. Acordara pela manhã sentindo os grilhões da saudade confranger-lhe o peito. Afrouxou as rédeas do cavalo permitindo que este lhe norteasse o caminho. No passo cadenciado do animal ele refletia sobre sua vida. No final chegara à conclusão de que cada episódio trouxera-lhe grandes lições. Principalmente os que traziam em seu bojo sofrimentos e dores.

Pensou consigo: Benedita tem razão quando diz que cada um tem seu pelourinho particular. Enquanto transgredirmos as leis baseadas no respeito e na moral, será indubitavelmente através do sofrimento e dor que limparemos as marcas dos grilhões que nos prendem a débitos próximos ou longínquos. Por isso, temos que aceitar com dignidade os tropeços da vida, não abdicando da luta, porquê, se assim o

fizemos, estaremos paralisando nosso progresso e nossa evolução.

Estava mergulhado em pensamentos, quando escutou um tropel de cavalos. Era Pedro que, ao vê-lo de longe, fustigara o animal com o intuito de encontrá-lo:

Coronel! Já fiz um apanhado do que está faltando na fazenda. Ótimo, Pedro! Então vamos até a cocheira falar com Tobias, a fim de que providencie a carroça e os cavalos para amanhã.

Ao chegarem, encontram-no restaurando uma das rodas da charrete. Ao vê-los, Tobias explica:

Estou consertando a charrete, pois sei que amanhã é dia do patrão ir à Capital.

Não será necessário diz Gregório. Prepare para amanhã dois cavalos de sela. Enquanto eu e Pedro vamos na frente com os cavalos, seguirá você com Jeremias de carroça, logo atrás, já que haverá muitas mercadorias para trazer, pois pretendo viajar no próximo mês.

Está certo, patrão! Amanhã bem cedo estará tudo pronto. Gregório sai da cocheira deixando Pedro em companhia de Tobias. Logo após, volta a cavalgar.

A tarde estava agradável. A chuva que caíra pela manhã abrandara o calor deixando no ar o cheiro da terra molhada.

Cavalgou por toda a tarde... Quando o Sol declinava no horizonte, retornou à casagrande seguindo em direção ao escritório. Ao chegar, abriu a gaveta da escrivaninha retirando o documento que levaria no dia seguinte a Salvador para ser registrado, assim como a alforria de Benedita, colocando-os no bolso do paletó.

Sorriu ao pensar que, logo mais, iria lhe entregar naquele pequeno pedaço de papel o mais sublime direito de toda criatura: a liberdade!

E foi com espírito altruístico que chegou à varanda onde

100

Benedita o aguardava. Esta ao vê-lo recepcionou-o com um belo sorriso.

Eram momentos dulcificantes esses, em que ao cair da tarde sentavam-se para conversar. Durante a palestra, Amaru, servindo-se da mediunidade psicofônica de Benedita, trazia-lhes valorosas lições através das exortações sempre esclarecedoras referentes à filosofia da vida e a sobrevivência do Espírito.

Ao orientá-los acerca das leis divinas, levou-os ao encontro, de Jesus, abrindo-lhes o coração para a fé e o amor.

Compreendendo o amor, compreenderam a Deus em sua plenitude e misericórdia, facultando a seus filhos oportunidades redentoras.

Ensinara-lhes que a morte do corpo não aniquila o Espírito, porquanto ele é uma chama indestrutível percorrendo todas as veredas que constituem escolas; onde a Alma vai aprendendo de degrau em degrau até escalar o ápice da perfeição.

Nesse clima de despertar espiritual, eles destronavam a ignorância compreendendo as leis naturais do Criador, vencendo a morte pela força da vida.

Nesse dia não foi diferente. Após as elucidações de Amaru, ficaram por algum tempo refletindo sobre as lições recebidas.

Até que, em certo momento, Gregório quebra o silêncio: Benedita! Hoje, pela manhã, repensando nas atitudes que me fizeram viver de um modo coerente com meus princípios, encontrei algo que precisa ser mudado. Como é de seu conhecimento, tempos atrás alforriei os escravos da fazenda. Porém, motivado pelo sentimento paternal e também pelo fato de jamais tê-la visto como cativa, não lhe

101

ofereci a liberdade. Mas neste mundo conturbado onde vivemos, em que os sentimentos de nada valem, precisamos ser previdentes. Portanto, guarde este documento. No futuro poderá ser-lhe útil.

Foi com emoção que ela pegou aquele papel. As lágrimas rolavam abundantes, as mãos tremiam, pois compreendera que chegara o momento de fazer uma terrível escolha.

Desde criança, aprendera com seu “amigo invisível” que cada um renasce nas condições e situações que lhes são propícias para sua reeducação. A guerra que travava consigo era imensa. Teria de decidir entre a liberdade e o cativo. Procurou sintonizar seu pensamento com Amaru na esperança que ele pudesse lhe auxiliar na escolha. Mas foi em vão, pois a decisão somente a ela pertencia.

Teria de fazer uso da liberdade que Deus lhe outorgara: o livre-arbítrio.

Porém, Benedita não estava só, assim como também nunca estamos quando as decisões e dificuldades batem à nossa porta. Porque, junto de nós, encontram-se amigos e benfeitores espirituais que nos auxiliam, enviando vibrações de paz, rogando ao Pai Celestial que nos conceda o discernimento necessário, a fim de que continuemos nossa caminhada pela senda da evolução.

Enquanto Benedita estava mergulhada em profundas reflexões, Gregório, cabisbaixo, compreendia seu silêncio. As palavras de Amaru faziam eco em seus corações.

Durante anos, esse fiel amigo procurara prepará-los para as difíceis decisões, alertando-os de que a luta maior é a luta entre a carne e o espírito. Pois embora sejam dois pontos interligados de sustentação da vida, o corpo, instrumento do qual o espírito se serve como condição ao seu

102

103

aprendizado, é perecível. Enquanto o espírito é a chama sempre acesa nos despertando para os valores maiores da existência como seres imortais.

Por tudo isso, ele confiava que ela faria a escolha certa. Passado um lapso de tempo, ela levanta a cabeça e olha para Gregório.

Ele percebe que em seus olhos não há mais vestígios de lágrimas. Seu olhar traduz uma firme decisão. Sua voz é clara ao dizer-lhe:

Coronel, agradeço-lhe pelo gesto, sobretudo pelas palavras. Quanto ao afeto, ele é recíproco, visto que inúmeras vezes questionei-me querendo buscar explicação para o sentimento filial que sempre lhe dediquei. Mas, como diz o amigo Amaru, não devemos nos preocupar com respostas, porquanto elas se escondem no passado. No futuro, certamente serão respondidas. Enquanto isso, deixemos que o amor nos guie no presente, a fim de que no

porvir, livres das vestes carnis, possamos nos reencontrar e desvendar todos os segredos que nos envolvem.

Ah! filha, sábias palavras! Quantos questionamentos fazemos no percurso de nossa existência. Muitas vezes culpando o destino por nossos desafetos, sofrimentos e dores, sem nos deter naquilo que a tudo explica: A reencarnação e a sobrevivência do Espírito.

Conforme conversavam, o semblante de Benedita se descontraía, adquirindo um ar de paz e serenidade. Seus olhos brilhavam, e a voz era firme ao explicar:

Pois é refletindo sobre isto que não posso aceitar a alforria. E peço que o coronel acompanhe meu raciocínio.

Ficou em silêncio buscando na mente a palavra que desse início a sua preleção. Passados alguns minutos, verbalizou:

Sabemos que a escravidão não é uma condição natural de vida, porquanto causa uma série de sofrimentos, sobretudo, quando visa tirar da criatura um dos mais sublimes direitos: o da liberdade. Todavia, o fato de ter nascido

cativa não me causou amarguras, como também jamais fui tolhida da liberdade que sempre usufruí no convívio com sua família. Em vista disso, seria mais simples culpar o destino ou a fatalidade por ter nascido em tal condição. Mas, como temos aprendido com nosso estimado amigo Amam, não há fatalidade e destino, senão pela própria escolha que fazemos. Por conseguinte, somos os

deflagradores de nossos destinos. Sendo assim, ao nascer nesta condição antinatural, estou cumprindo minha programação na Terra, na certeza de que no cativeiro está minha redenção. Creio também que os anos vividos aqui na fazenda, os quais têm me proporcionado paz e tranqüilidade, sejam a preparação para o que deverei enfrentar no porvir.

Nesse momento Benedita faz uma pequena reflexão. Em seguida, volta a falar:

E o que dizer dos conhecimentos adquiridos durante todos esses anos? Seriam apenas para nosso deleite? Ou para guardar conosco, como se fôssemos privilegiados? Sabemos que o Pai não nos privilegia, pois, se assim o fizesse, Ele não seria justo. Por isso, coronel, suponho que tais conhecimentos sejam o apoio ao trabalho que deverei realizar. Sinto que estou preparada, como também sei que não estarei só, pois Amaru estará comigo.

Benedita estendeu a mão, devolvendo o documento para Gregório.

Ele estava emocionado, ao mesmo tempo satisfeito, porque sentira nas palavras dela a força de sua convicção. Ao pegar o papel, disselhe:

Respeito sua escolha, assim como também admiro o raciocínio Caro com que você se expressou.

Se Benedita e Gregório pudessem ver pelos olhos espirituais, veriam quantos Espíritos ali estavam jubilosos por ouvirem as ponderações daquele Espírito que aportara

na Terra trazendo em seu perispírito cicatrizes de um passado comprometedor. As horas passavam, a noite chegava... Enquanto isso...

## CAPÍTULO 10

### A TOCAIA

Na fazenda do coronel Januário, o dia transcorrera em meio a tumultos e sofrimentos, pois, querendo descontar seu insucesso em readquirir as terras que haviam sido de seu avô, dera ordens aos feitores para castigarem os escravos ao menor deslize.

Logo depois fechara-se no escritório da casagrande. Com o passar das horas, crescia seu ódio e revolta. Em vista disso seu psiquismo se alterava. Andava de um lado para outro procurando um meio que solucionasse os dois problemas: conseguir as terras e vingar-se de Gregório. Com isso, fazia com que o ar ficasse saturado por energias deturpadas, porquanto sua mente, em desequilíbrio, trazia para o ambiente espíritos com o mesmo teor vibratório.

E não poderia ser diferente. Uma vez que nosso pensamento é energia criadora, existem as formas de pensamento, que, emitidas, se interligam com espíritos com os mesmos gostos e tendências pela lei de afinidade.

Nesse momento batem à porta. Entre! convida Januário. Era Celestino, capitão-do-mato, que trazia o escravo Tino amarrado pelas mãos e coberto de escoriações.

Conseguí achar novamente esse negro fujão, coronel! Tinha se embrenhado no mato com mais dois escravos que haviam fugido do engenho do coronel Teodoro. Deram muito trabalho, mas conseguí capturá-los.

Para surpresa de Januário, ao olhar para o escravo anteviu em fração de segundos um plano perfeito.

Chegaste em boa hora, Celestino! Pois acabas de trazer-me a solução para um difícil problema.

Fico contente, coronel! E no que puder ajudar, pode contar comigo.

Certamente! E com isso ganharás uma bela quantia, pois sabes que remunerero bem aos que me prestam serviços.

Os olhos de Celestino brilharam de cobiça ao imaginar o que faria com o pagamento.

Está certo, coronel! Umhas moedas a mais não fazem mal a ninguém; pelo contrário, pois o que ganhamos com a captura desses negros fujões é muito pouco em vista dos dias que perdemos à procura deles.

Então deixemos de conversa fiada e vamos direto ao que interessa. Leve este negro e entregue-o ao Sebastião. Diga-lhe para colocá-lo no tronco e dar-lhe 50 chibatadas.

Cinqüenta, coronel? Este negro, machucado como está, não agüenta nem dez!

Tem razão! De todo modo, entregue-o ao Sebastião. Peça-lhe para amarrá-lo ao tronco, mas que não o castigue. Depois disso, venham ter comigo. Precisamos conversar.

Celestino sai levando o pobre escravo aos empurrões. Januário sorri, pensando ter encontrado a solução de seu intrincado problema.

Não demorou muito para Celestino estar de volta trazendo consigo Sebastião, um dos feitores da fazenda.

107

Januário convida-os para sentar, indo direto ao assunto: Creio que sabem da pendenga que sempre existiu entre meu pai e o coronel Gregório, a qual, após sua morte, recebi como herança de honra. Pois bem! Finalmente hoje, após a captura de Tino, veio-me com clareza o que deverei fazer a fim de

não só livrar-me de Gregório, como, de quebra, retomar as terras que foram de meu avô.

Não vejo como isso poderá ser possível! Qual a relação entre Tino e o coronel Gregório? interrogou Sebastião, surpreso, interceptando a explicação de Januário.

Calma...! Vou responder a todas as perguntas. Mas antes preciso saber se irão cooperar comigo, pois o que temos de realizar é algo muito sério.

Dizendo estas palavras, fez breve pausa, continuando a seguir:

Antes que me respondam, preciso alertá-los que se faz necessário sigilo absoluto. Se meu intento obtiver êxito, sairemos beneficiados; caso contrário, ambos sofrerão as conseqüências, enquanto eu sairei incólume, pois minha palavra tem peso. Não se esqueçam de que sou um coronel.

Logo depois ficou em silêncio, aguardando a resposta. Não precisou esperar muito. Logo eles anuíram com um brilho de cupidez nos olhos.

Aceito a proposta; pode contar comigo, coronel! Exclamou Celestino, seguido por Sebastião.

Comigo também, sempre estive e sempre estarei às suas ordens, coronel!

Tanto Celestino como Sebastião sabiam de antemão que teriam de aceitar a proposta, pois, se não o fizessem, sofreriam as conseqüências da mesma maneira. Os coronéis da época não aceitavam de seus subordinados um não como resposta.

A seguir, Januário se levantou. Caminhou de um lado para outro pensativo. Os cúmplices o acompanhavam com o olhar,

108

respeitando seu silêncio.

Nesse ínterim, no espaço extrafísico do escritório, entidades malfazejas, antigos desafetos de Gregório e Tino ali se encontravam, com a finalidade

de dar seguimento ao plano que durante certo tempo elaboraram. Influenciar cada um dos personagens envolvidos, até que se enredassem para o desfecho final. E isso só era possível pela Lei de Causa e Efeito. Prezados leitores, nesta parte da história, peço licença para estender-me um pouco mais, a fim de explicar através das questões expostas em O Livro dos Espíritos como estes interagem em nossas vidas.

No referido livro, na questão 459, Allan Kardec pergunta: Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?

A esse respeito sua influência é maior do que credes, porquê, freqüentemente, são eles que vos dirigem. Encontramos também na questão 460 a seguinte pergunta: Temos pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos?

Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que vários pensamentos vos alcançam ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, freqüentemente, bem contrários uns aos outros; então, há sempre de vós e de nós e é isso que vos coloca na incerteza, posto que tendes em vós duas idéias que se combatem.

Ainda, no mesmo livro, a questão 461. Como distinguir os pensamentos que nos são próprios daqueles que nos são sugeridos?

Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são em geral aqueles do primeiro momento. De resto, não há um grande interesse para vós

109

nessa distinção, e é freqüentemente útil não o saberdes. O homem age mais livremente e, se ele se decide pelo bem, o faz mais voluntariamente; se toma o mau caminho, não tem nisso senão mais responsabilidade.

E, para encerrar, na questão 464, o Codificador faz mais este questionamento:

Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

Ao qual responderam as entidades veneradas: Estudai a coisa; os bons Espíritos não aconselham senão o bem. Cabe a vós a distinção.

Caros leitores, como podemos observar através das respostas esclarecedoras de nossos irmãos do Plano Maior, somos todos responsáveis por nossos atos. Embora os Espíritos interfiram em nossas vidas, está em nós o comando de nossas ações. Prossigamos nossa história. Coronel Januário, após andar de um lado para outro, volta a' sentar-se. Em seguida começa a expor para os cúmplices:

Como sabem, amanhã é o dia em que os coronéis se deslocam a Salvador para as compras do mês. Sendo assim, não poderia haver melhor oportunidade para não só executar meu plano como também fazer recair a culpa pelo que ocorrer sobre os negros fujões aquartelados nos quilombos. É nesses dias que eles praticam os assaltos, ao buscarem alimento e moedas para pagarem suas alforrias.

Tanto o feitor como o capitão-do-mato prestavam atenção sem perder uma palavra. Na seqüência, Januário olha para Sebastião, dizendo:

Quanto ao questionamento que me fez há pouco, sobre a relação existente entre Tino e Gregório, vou responder. Saberá por que a captura do negro veio a calhar,

110

assim como irá contribuir para o sucesso do plano.

Em seguida explicou: Se pensarmos nas fugas empreendidas por Tino, iremos lembrar que por inúmeras vezes esteve acoitado na fazenda de Gregório, advindo desse fato a amizade existente entre eles.

Com estas palavras, fez pequena pausa para rememorar. Continuou a seguir:

Contava-me frei Simão que Deus o tenhaj<sup>13</sup> que o Coronel, alertado por Tino, sabia de antemão quando iria haver revolta de escravos. Como também cooperava com eles na compra de víveres, os quais deixava perto dos portões da fazenda para que os quilombolas viessem buscar à noite. Dizia-me também que Gregório acoitava os negros perseguidos pelos capitãesdo-mato, encaminhando-os posteriormente aos quilombos. Muitas vezes, ele mesmo comprava esses negros, dando-lhes mais tarde a liberdade. Frei Simão, que sempre foi avesso às bondades conferidas aos negros, ficava possesso. Dizia que, em vez de Gregório ajudar a igreja, seu pecúlio era gasto com os negros, que nem ao menos tinham alma.

Então é por esse motivo que os coronéis nunca suportaram o coronel Gregório? perguntou Celestino.

Por esse e por outros, mas o que nos interessa é que, se algo de grave acontecer com Gregório, ou mesmo que algum coronel o encontre morto à beira da estrada, nada farão. A culpa com certeza recairá sobre os negros assaltantes.

Celestino retorquiu: Mas não podemos nos esquecer de que o coronel é bem relacionado em Salvador e com certeza irão investigar.

Tudo irá depender de como iremos atocaiá-lo. Por

111

Dizendo isto fez o sinal da cruz.

isso quero alertá-los de que não poderá haver falha. Tenho tudo planejado. Seguindo minhas ordens, por mais que investiguem, não encontrarão os verdadeiros responsáveis.

Sebastião, que a tudo escutava em silêncio, resolve manifestar-se:

Coronel! Não podemos nos esquecer de que as horas estão passando e temos pouco tempo. E melhor começarmos a agir.

Tem razão! Portanto, vou explicar como iremos proceder. Nesse momento, as entidades malfazejas que estavam no ambiente se aproximam. Enviam para sua tela mental imagens, as quais ele começa a traduzir em palavras.

A primeira providência que deveremos tomar é com relação ao escravo Tino. Ele será nossa principal isca. Sendo assim, vamos mandar um dos negros desamarrá-lo do tronco. Ao sentir-se livre, procurará fugir em direção ao Riacho das Pedras, local esse escolhido pelos negros para empreenderem suas fugas. Entretanto, Celestino estará à espreita, aguardando-o. Logo que ele surgir, deverá dar-lhe um tiro certo.

Por que um tiro? Pelo incômodo que já nos causou, merecia morrer aos poucos, clamando por misericórdia. Para isso, nada melhor que a chibata de couro fino exclamou Sebastião.

Nada disso! Prestem atenção no que falo e não me interpelem até terminar. Vociferou ríspidamente Januário.

Ao receberem a reprimenda, olharam assustados para o coronel. Ficaram atônitos ao ver o quanto se modificara. O semblante estava pálido com ar aterrador. Os olhos fixos em um ponto indefinido, era como se olhasse para o nada. O tom da voz havia se alterado. Estava áspera e grave. Eles se entreolharam, não sabiam o que estava acontecendo.

Em seguida, abaixaram a cabeça, aguardando que o coronel retomasse a palavra.

112

Januário, tutelado por entidades perniciosas numa verdadeira simbiose mental, volta a expor:

Depois levem o corpo até a beira da estrada. Coloquem-no próximo ao olho d'água, de tal maneira que aqueles que por ali passarem venham a reconhecê-lo. Não se esqueçam também de deixar junto dele uma arma, pois assim parecerá ter havido uma tocaia. E, realmente haverá, mas seremos nós que estaremos atocaiando-os para trazê-los para junto de nós. Dizendo isto deu uma sonora gargalhada.

Sem entender a última frase, mas aproveitando o momento de descontração, Celestino volta a inquirir:

Mas, por que deixar que o reconheçam? Não seria melhor que não soubessem de quem se trata?

Pelo simples fato de que os coronéis, ao passarem, vendo não se tratar de escravo de sua propriedade, seguirão adiante. Ao passo que, Gregório e Pedro, ao reconhecê-lo, motivados pela amizade existente entre eles, procurarão prestar o devido socorro. Ao pararem, serão um ótimo alvo para nós diz Januário.

Não deixa de ser um plano engenhoso. Espero apenas que não haja falhas e saia tudo como desejamos.

Pode ter certeza disso!... Exclamou com ênfase Januário. Logo depois de expor o plano, ficou em silêncio. Questionavase mentalmente o fato de, enquanto explicava para os cúmplices como iriam proceder na preparação da tocaia, ocorrer em seu cérebro dois pensamentos paralelos. Um expunha todo o procedimento; o outro analisava, concordando com o que ouvia.

O que Januário desconhecia, era o fato mediúnico, que nos faz, na linguagem popular, anjos ou demônios, conforme o nosso teor vibratório.

Após um lapso de tempo, não encontrando resposta a seu questionamento íntimo, resolve esquecer o que se

113

passara. Lembrou que as horas corriam céleres e precisavam agir com urgência, a fim de que tudo estivesse pronto ao amanhecer. Dirigindo-se a Sebastião e Celestino, diz:

Creio que ficou tudo muito bem explicado. Portanto, precisamos agir; caso contrário, perderemos a oportunidade que ora se apresenta. Deixem tudo preparado. Ao amanhecer irei encontrá-los para finalmente executarmos o plano. Dito isso, os cúmplices saíram para cumprir as ordens do patrão. Na calada da noite eles preparavam a tocaia... Na fazenda do coronel Gregório

todos dormiam tranqüilos. A exceção ficava por conta de Benedita. Seu sono era agitado. Diversas vezes acordara sobressaltada, sentindo-se perseguida por seres que clamavam por vingança. Outras, sonhava com Gregório. Via-o envolto em brumas espessas que pareciam sufocá-lo. Procurava libertá-lo, sem contudo obter êxito. Em seguida acordava em pânico. Cansada de se agitar no leito, resolveu esperar acordada o dia amanhecer com o intuito de alertar Pedro. Pressentia que algo de grave estava para acontecer.

Entretanto, como a vida tem seqüência e conseqüência, ela acabou sendo vencida. Foi novamente transportada para a região dos sonhos, sem perceber que o dia amanhecia.

Enquanto isso, Gregório era despertado pela claridade ainda tímida do sol. Acordara alegre e bem-disposto. Logo após fazer a higiene matinal, chegou junto à janela. Gostava de sentir a brisa fresca da manhã tocar-lhe o rosto. Perpassando os olhos pelo céu, constatou que estava azul, sem nenhuma nuvem. Olhando mais além, viu os pássaros

114

que voavam e revoavam em torno dos coqueiros cantando linda melodia, para homenagear a natureza que galanearase tão linda naquela manhã.

De repente sentiu certa nostalgia. Uma saudade dorida, anônima, visitava-lhe o coração. Suspirou, deixando o pensamento divagar no mundo da consciência. Estava, assim, nesse doce colóquio íntimo, quando sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo.

Fechou rapidamente a janela. Voltandose, quedara a olhar com carinho para a esposa adormecida. Devagar acercou-se do leito. Vergou o corpo depositando um beijo em sua frente. Sorriu ao pensar que, à tarde, ao retornar da Capital, entregar-lhe-ia as passagens tão ansiosamente aguardadas, e, assim, de posse delas, poderiam finalmente visitar o filho, Carlos, em Portugal.

Foi sorrindo, antevendo a felicidade da companheira que deixou o quarto indo fazer a primeira refeição do dia.

Terminado o desjejum, rumou para a cocheira. Pedro, que também acordara cedo, estava a sua espera com os cavalos devidamente selados.

Gregório aproveitou para lembrar a Tobias as ordens dadas no dia anterior... Simultaneamente, não muito longe dali, Espíritos, inconscientes da grande função do amor, estavam reunidos com o objetivo de matar e destruir.

Tino, ou melhor, Altino, o escravo corajoso e destemido, jazia morto em uma poça de sangue. Seus algozes ainda festejavam seu assassinato, crendo que, assassinando o corpo, estariam vingados.

Pobres seres infelizes! Ignorando as Grandes Leis Universais, não atinaram que, através dessa maléfica ação, acabavam de libertar o escravo. Em contrapartida, transferiam para si os grilhões que o prendiam, pois uma das principais leis, que nos regem, é que cada criatura recebe de acordo com o plantio que faz.

115

Pois bem. A isca estava pronta. Aquela isca inerte à beira da estrada era baseada no amor que universaliza, pois havia sido alicerçada na igualdade, fraternidade e solidariedade, sentimentos que Gregório aprendera com a mãe e fartamente distribuía, não fazendo distinção entre negro ou branco, rico ou pobre. Para ele, eram todos iguais.

Voltemos agora à fazenda do coronel Gregório. No presente momento, ele faz as últimas recomendações. Deixa Tobias ciente do que terá de fazer ao chegar à Capital.

Em seguida, ele e Pedro montam nos animais partindo a galope. Ao passarem em frente ao quarto de Benedita, esta acorda sobressaltada. Corre até a janela. Só consegue ver a nuvem de poeira que se levantara avisando que os cavaleiros já haviam por ali passado. Sente um misto de medo e solidão. Atira-se ao leito aos prantos. Fica assim, entregue ao desespero, até ouvir o barulho da carroça que passa. Sabe ser Tobias e Jeremias, que seguem ao encontro daqueles que eram o motivo de sua preocupação. Um

pouco mais calma, procura através da prece a serenidade necessária para enfrentar com coragem o que seu coração vinha pressentindo.

Enquanto isso, Gregório e Pedro seguem o roteiro programado. Gregório não sabe que cavalga ao encontro de seus carrascos. Inimigos de eras recuadas. E ninguém poderia modificar esse roteiro, porque estava fundamentado na lei de causa e efeito. E assim eles foram se aproximando.

Estavam já próximos ao olho d'água, ponto crucial da estrada. Pedro vinha um pouco mais à frente. Não percebendo o corpo de Tino caído à margem da estrada, segue adiante.

Gregório, entretanto, vinha mais devagar e, ao ver o

116

corpo, reconheceu nele o amigo. Sofreu o cavalo, fazendo empinar. No mesmo instante, sentiu que algo o atingia, causando-lhe ardência no peito. O projétil assassino fizera seu trajeto mortal. Sentiu que caía lentamente, numa queda sem fim. Surpreendeu-se ao ver um corpo chegar ao solo, fazendo o pó da estrada levantar-se. Não sabia de quem se tratava. Ao tentar firmar os olhos, quedava-se a olhar o céu imensamente azul. Sua percepção tomara-se difícil. O silêncio era absoluto, a paz indescritível. Experimentou uma sensação de leveza. A vontade de voar pela imensidão do céu era grande. Nunca havia se sentido tão feliz e integrado na Natureza.

Questionou-se mentalmente: Será que estou sonhando?... Será que estou morto, ou talvez morrendo?... Por fim, desfaleceu.

Pedro, ao escutar o estampido, olhou para trás, no exato momento em que o corpo de Gregório atingia o solo. Deu meia volta, esporeando o cavalo, na ânsia de socorrer o patrão. Mas estava na mira dos cruéis assassinos. Uma seqüência de tiros cortou o silêncio daquelas paragens.

Ao ser atingido, vergou o corpo, caindo do animal. Mesmo assim conseguiu ver e reconhecer os atiradores que se escondiam atrás das pedras em meio aos arbustos. Antes de desfalecer, escutou o rumor de uma carroça que se aproximava.

Eram Tobias e Jeremias. Ao se depararem com aquele quadro, ficaram perplexos. O sangue se misturava à poeira da estrada. Sem demora correram procurando prestar socorro. Tobias foi ao encontro de Gregório, enquanto Jeremias procurava socorrer Pedro. Ao observarem o ferimento, constataram que Pedro poderia se recuperar; entretanto, Gregório estava seriamente ferido, sem contudo,

117

conseguirem precisar a gravidade.

Procuraram removê-los do local. Ao darem a volta no veículo viram o corpo de Tino. Perceberam que estava morto. Ainda aturdidos com o acontecimento, comentaram que poderiam ter sido assaltados pelos quilombolas. Porém, Tobias, sabedor do grande apreço deles por seu patrão, descartou logo a hipótese.

De conjectura em conjectura, retomaram para a fazenda. Enquanto isso, os assassinos fugiam em direção à Capital em busca de seus álibis.

Nesse ínterim, na varanda da casagrande, Amélia dialogava com Benedita. Contava-lhe dos preparativos que fazia para a tão sonhada viagem a Portugal.

De repente, o rumor de uma carroça que transpunha os portões lhes chamou a atenção. Logo reconheceram ser Tobias que retomava.

Benedita sentiu o coração saltar no peito pressagiando más notícias. Desceram rapidamente as escadas.

Quando o veículo parou defronte à casagrande já havia certo rumor, pois, por onde passavam, Jeremias ia dando conta do ocorrido.

Amélia aproximou-se para ver a causa de tanto tumulto. Diante do que viu, desfaleceu.

Transfiro ao gentil leitor a capacidade de imaginar e descrever o sentimento de dor nos corações desses entes. Dor esta que visita tantos lares nos dias de

hoje, cuja causa é a violência. Porque, através do despreparo dos governos e autoridades, a vida humana está exposta à covardia e a ganância, servindo de alimento para a vaidade, prepotência e usura.

Mas que em nossos corações pulse a esperança de que um dia, quiçá seja breve, compreendamos que tudo é transitório e que não levaremos para além túmulo nada do

118

que amalhamos. Nosso maior dote é aquele despertado pelo amor, nas veredas do coração. Prossigamos nossa história.

Após o choque inicial, Benedita fechou os olhos por uns instantes. Pediu em fervorosa prece orientação necessária, para o que deveria fazer diante de tal quadro. Sentiu-se envolvida por uma onda de paz fazendo-a raciocinar com clareza.

Enquanto Amélia era socorrida pelas mucamas, Benedita começava a dar ordens, esquecida da própria dor.

Voltando-se para os trabalhadores que ali estavam ansiosos, a fim de prestarem ajuda, pediu:

Levem coronel Gregório para o quarto principal e Pedro para um dos quartos da casa. Em seguida procurem por Venâncio e Francisco, preciso da ajuda deles com urgência.

Esses dois eram trabalhadores da fazenda e também hábeis montadores. Além disso, conheciam aquela região como ninguém. Sempre que eram chamados para irem em busca de algo, ou alguém, com urgência na Capital, cortavam estradas passando pelo meio do mato, a fim de chegarem o mais rápido possível e assim cumprirem a tarefa.

Não demorou muito para estarem em sua presença. Aqui estamos, o que devemos fazer? perguntaram ansiosos.

Preciso que cheguem o mais rápido possível a Salvador. Peguem os cavalos de sela mais velozes da fazenda. Ao chegarem, procurem pelo doutor Joaquim, médico e amigo pessoal do Coronel. Peça-lhe para vir com urgência, devido à gravidade da situação.

Pode deixar conosco! Traremos pessoalmente o doutor.

119

E saíram apressados. Enquanto eles cavalgavam, cortando estradas em busca do socorro profissional, Benedita, embora profundamente abalada, procurava, com auxílio das ervas medicinais, lavar o ferimento na esperança de estancar o sangue que jorrava aos borbotões.

Era imprescindível que mantivesse a serenidade naquele momento. Sabia de antemão, ao perpassar os olhos em Gregório, que o fio tênue que o ligava à vida poderia romper-se de um momento para outro.

Do lado de fora do quarto, os ex-escravos, companheiros fiéis, estavam de vigia. Via-se naqueles rostos entristecidos o brilho das lágrimas, tributo sincero ao amigo agonizante.

No quarto ao lado, Pedro era assistido pelos amigos. Ao examinarem o ferimento, verificaram que o tiro não havia atingido nenhum órgão vital. Aguardavam com impaciência que despertasse para relatar-lhes o que havia ocorrido.

Passado algum tempo, Benedita lembrou-se de Amélia. Deixou Gregório entregue aos cuidados de Tobias, dirigindo-se ao antigo quarto de Carlos, para onde ela havia sido levada. Verificou, ao chegar, que estava desperta, mas melancólica, calada e triste. Respondia apenas com monossílabos e olhares expressivos. Proibira qualquer menção sobre o que havia ocorrido, recusando-se a aceitar o fato.

As horas passavam em lenta agonia. Lá pelo começo da tarde, chega Venâncio, trazendo o doutor. Imediatamente é conduzido ao quarto de Gregório. Ao chegar, examina-o minuciosamente. Logo após dá o veredicto:

Infelizmente, a bala se alojou numa artéria próxima ao coração podendo romper-se de um momento para outro. Nada mais é possível fazer, senão pedir a Deus que abrevie

120

seu sofrimento.

Benedita não conseguiu se conter. Chorou como uma criança desamparada. Para ela, naquele momento, compreender era pedir demais para si mesma.

Enquanto ela procurava desoprimir o coração através das lágrimas, o médico é encaminhado ao quarto onde se encontra Pedro.

Passado algum tempo, retorna trazendo-lhe a notícia de que o administrador está fora de perigo. O projétil causara apenas ferimento superficial. A inconsciência era devido à perda de sangue sofrida.

Quando a tarde dava lugar à noite, eis que Gregório começa a tomar consciência de si. Perpassando lentamente os olhos pelo quarto se detém em Benedita. Através das lágrimas e da tristeza que marcava aquele rosto, soube que chegara o momento da despedida.

Nos escaninhos da memória, passavam lembranças afáveis e já esquecidas. Rememorou os momentos de total conúbio, sentados na varanda, quando conversavam e recebiam esclarecimentos de Amaru, “o amigo invisível”, o qual, sintonizado com Benedita, fazia uso de suas cordas vocais.

Como haviam sido importantes esses esclarecimentos pela vida afora. Quanto aprendera e como estavam lhe valendo agora, em que se preparava para deixar a vida física!

Escutava, na acústica do coração, as palavras dele, lembrando-lhe que a vida continuaria sempre. Porque além da Terra há muitas moradas. O Universo é Vida e fazemos parte dele. Seu entendimento naquele momento se ampliava. As lágrimas que desciam dos olhos eram de gratidão; o sorriso, sinal que havia compreendido a vida e o que ela significava.

Queria falar, poder gritar para que eles ouvissem e

121

compreendessem o que ele já compreendera. A vida no solo terreno, apesar de todos os pesares, é o caminho da libertação.

Seguiu-se um momento de agonia, deixando-os apreensivos, crendo que ele sofria. Mera ilusão. Essa agonia é a luta do pássaro que está prestes a deixar a gaiola e já vislumbra a liberdade. Gregório se debatia querendo cortar os liames que o prendiam ao fardo físico, a fim de alçar seu vôo rumo ao infinito.

Foi lentamente se acalmando ao ver vultos que se aproximavam. O quarto ficou cheio deles. Começaram a tomar formas e foi reconhecendo a todos.

Ali estavam Catarina, Tonha, Joana e tantos outros que haviam feito parte de sua presente existência. Até mesmo os escravos, amigos que o foram deixando no correr dos anos. Todos estavam ali a sorrir.

De repente, percebeu que do meio deles saía alguém que se aproximava de Benedita. Procurou firmar os olhos já turvos. Foi aí que ele viu Amaru se transfigurar, assumindo sua antiga forma física. Ali estava Clisérico, o pai de outróra. Todos os que ali estavam foram se transformando. Traziam para sua memória as lembranças adormecidas. Viase nos campos de lutas, empunhando a espada. A seu lado estava Ástria, a filha querida.

Ao olhar para Benedita, viu sua tez negra tornar-se alva como a neve. Seu cabelo, encarapinhado, deu lugar a uma cascata dourada de madeixas encaracoladas, que caíam, cobrindo-lhe os ombros. Ali, entre os escravos, viu seu antigo povo reunido.

Uma lágrima lhe correu pelo canto do olho. Pronunciou o nome amado:

Ástria! Ástrial... Foram essas suas únicas palavras. Em seguida, pendeu a cabeça, desvencilhando-se do fardo biológico. Logo após estava nos braços de Teodora, a mãe extremosa.

Benedita não compreendeu por que ele a havia chamado de Ástria. Mas, para ela ficava a certeza de que a vida é um eterno reencontro, com segredos que se escondem nas dobras do tempo.

O lar enlutou-se. A tristeza tomou conta de todos. Por fim, unidos pelo mesmo sentimento de pesar, procuraram reagir, pois dependia deles tomarem as providências, uma vez que Amélia procurara refúgio na alienação mental.

Enquanto eram feitos os preparativos para velar o corpo, a notícia do passamento de Gregório corria como um raio, principalmente em direção a Salvador.

Os portões da fazenda foram abertos para dar passagem aos amigos que vinham dar as condolências.

O primeiro a chegar foi Januário, acompanhado de Celestino. Mostrava-se solícito e condoído com o momento de dor. Sua solicitude causava admiração. Recebia os amigos de Gregório, abraçando-os pesaroso. Ao mesmo tempo, indagava:

Quem terá feito semelhante barbaridade? Todos exclamavam em uníssono: Só podem ter sido os quilombolas! Interiormente, rejubilava-se com a resposta. Os mais afoitos queriam reunir os capatazes e capitães-do-mato de suas fazendas, a fim de irem ao encalço dos negros e destruir os quilombos que porventura encontrassem. Outros procuravam acalmar os ânimos. Diziam que não era hora oportuna para tal empreendimento.

Celestino já havia se inteirado da situação. Sabia que Pedro, embora ferido e inconsciente, não corria risco de vida. Não imaginava nem de longe que ele os havia reconhecido.

E assim as horas passavam.

A noite surge e com ela a lua, que se fizera cheia, para clarear o caminho daqueles que chegavam.

No pátio, em frente às senzalas, naquela noite não se acenderam fogueiras. No canto triste e no ribombar dos atabaques, as emoções se intercalavam em uma só vibração, embalando o sono daquele que, despido das vestes carnis, retornara à Pátria Espiritual.

Logo mais, em todas as fazendas da região, assim como nos quilombos sempre tão silenciosos, ouviu-se no batuque dos tambores a homenagem ao amigo que partira.

Amélia permanecia calada, ausente. Idéias confusas desorientavam seu raciocínio. Dr. Joaquim estava visivelmente preocupado, uma vez que essa alienação poderia trazer sérias conseqüências.

Pela manhã, o corpo de Gregório foi levado até a capela da fazenda. O padre, vindo da Capital, aguardava para ministrar-lhe os últimos sacramentos.

Após o culto, o corpo foi enterrado no cemitério junto aos escravos: Tal fato causou estranheza. Mas, os amigos mais chegados faziam-lhe a última vontade, pois ele sempre pedira:

Quando morrer, deixem meu corpo descansar junto aos negros, porquanto sempre os considerei como minha família. Dr. Joaquim se prontificou a permanecer mais alguns dias, a fim de prestar assistência a Amélia.

Januário, ao se despedir, deixou-os ciente de que iria escrever com urgência para Carlos, dando-lhe conta do ocorrido.

Dessa maneira, findava-se mais um capítulo das muitas vivências daquele que, nessa existência, vestira a roupagem de Gregório.

Era o merecido descanso do guerreiro que retornava à Pátria Espiritual, a fim de renovar as energias perispirituais para novas lutas futuras.

## CAPÍTULO 1 1 TIRANIA E PRECONCEITO

Após o trágico acontecimento, a vida na fazenda sofreu profundas modificações. A comunidade, antes tão alegre, demonstrava nas faces a tristeza e a saudade do amigo inesquecível.

Amélia, fechada em seu pequeno mundo particular, não dava sinais de melhora. Fizera da insanidade mental refúgio para seu infortúnio. Aos poucos a mente retroagia no tempo, fazendo-a reviver os primeiros dias de seu feliz conúbio.

Fora buscar no velho baú os vestidos vaporosos esquecidos pelo tempo. Era vestida com eles que sentava na varanda aguardando o retorno de Gregório. Dizia a todos que ele havia ido a Salvador comprar-lhe mimos. Criara na mente um mundo à parte e nele era feliz. Dr. Joaquim tudo fizera procurando trazê-la para o presente, sem contudo obter êxito. Por fim, retomara à Capital, para o atendimento de seus pacientes.

125

Pedro já se havia recuperado. Ao retomar a consciência e ser informado do acontecido, ficara perplexo ante a perfídia de Januário.

Sem demora levou ao conhecimento das autoridades os fatos ocorridos, assim como deu a conhecer os reais protagonistas do nefando crime.

Mas, infelizmente, desde aquela época a impunidade sempre se fez presente, imperando a lei do mais forte. Nem mesmo destacaram alguém para o inquirir. Entretanto, não perdera as esperanças. Acreditava que com a vinda de Carlos a situação mudasse ou, pelo menos, que o filho exigisse a abertura de uma sindicância para apurar os fatos, exercendo, assim, seu direito de filho e cidadão.

Enquanto isso não acontecia, auxiliado pelos capatazes e com a eficiência que sempre o caracterizou, continuava a administrar a fazenda, tanto no setor braçal como burocrático.

Quanto a Benedita, havia trocado a tristeza pela preocupação. Ao ser informada de que o estado de alienação de Amélia era irreversível, tomara para si a responsabilidade de dirigir a casa.

Conforme os dias passavam, a ansiedade e a incerteza tomava conta de todos. Ao se encontrarem no final de cada labuta diária, o assunto girava em torno de Carlos. Não sabiam a atitude que tomaria ao chegar, nem qual rumo daria aos negócios. Ante a incerteza, os dias fizeram-se longos e as noites curtas.

Na seqüência dos dias, quando o calendário da Terra marcava quatro meses da desencarnação de Gregório, eis que, pela manhã, ouviu-se o rumor de uma charrete que transpunha os portões. Logo imaginaram ser o filho do finado patrão quem chegava.

Benedita, Pedro e os demais serviçais correram alegres

126

para a varanda a fim de recepcioná-lo.

Ficaram atentos ao ver descer do veículo um bonito mancebo de rara beleza. Não tiveram dúvidas! O belo jovem diante deles era realmente o sinhozinho Carlos. Todavia, a euforia do momento reverte-se em decepção. Pedro inflama-se de raiva, ao ver quem o acompanhava. Era Januário e seu sorriso característico, marcado pelo cinismo.

Ao ver que Pedro se havia alterado, Benedita preocupou-se, antevendo alguma desgraça. Diante da gravidade da situação, aproxima-se falando com gentileza:

Seja bem-vindo, sinhozinho! Embora lamente o motivo que o traz.

Carlos parou por uns instantes. Com olhar prepotente, perpassou os olhos por cada um dos presentes. Ali estavam os serviçais que fizeram parte de sua infância, bem como Benedita, a companheira de folguedos.

Dir-se-ia que não os reconheceria, embora na mente as lembranças não estivessem mortas. O que realmente havia acontecido, era que, com o passar dos anos, cada vez mais reacendia em seu íntimo o real caráter que lhe norteara os passos em existência pregressa. A beleza física e as facilidades materiais, aliadas à hipocrisia da Corte, acordaram nele a alma ressequida pela vaidade e orgulho.

Pois bem! Benedita aguardava que ele lhe dirigisse a palavra. Porém, seus lábios permaneciam mudos e seus olhos demonstravam frieza. Foi então que ela não se conteve. Ao querer reavivar sua memória, esclareceu:

Sou Benedita, a Dita, como o sinhozinho chamava quando criança. E este é Pedro, administrador e homem de confiança de vosso finado pai. Lembra-se dele?

A muito custo e a contragosto, Carlos estendeu a mão para cumprimentá-lo. Em seguida, voltando-se para Benedita, falou secamente:

Providencie para que minhas bagagens sejam levadas

127

ao meu antigo quarto.

Imediatamente, sinhozinho! Januário, com os ouvidos aguçados, aguardava sem perder uma única palavra do que estava sendo dito. Sentia-se intimamente satisfeito, por ver a forma com que Carlos os tratava. Pressentia que tinha nas mãos uma presa fácil.

O novo dono da casa, com ares de superioridade, nem ao menos perguntara pela mãe. Em vez disso, disse secamente:

Afastem-se e deixem-nos passar, não temos tempo a perder, precisamos tratar de negócios.

Em seguida, acompanhado por Januário, foi abrindo caminho entre os serviçais, dirigindo-se ao escritório que pertencera ao pai. Os trabalhadores

ficaram surpresos e apreensivos, com a chegada de Carlos e de seu acompanhante.

Pedro, entre todos, era o mais surpreso. Não conseguia atinar como ele ficara sabendo da chegada de Carlos, pois nem sequer haviam sido informados que se encontrava em viagem.

Entretanto, se estivesse no escritório, não só saberia, como teria ficado espantado com o tema em pauta:

Caro Januário, gostaria mais uma vez de externar meus agradecimentos, não só pelo envio da carta, a qual com presteza fez chegar em minhas mãos, como também agradecer pelo relevante auxílio prestado quando da tragédia que se abateu sobre minha família. Todavia, custame crer ter sido Pedro o mentor de tão bárbaro crime. Por esse motivo, quero que me relates com maior clareza os fatos ocorridos, os quais vieram a culminar nesse trágico episódio. A primeira providência que irei tomar amanhã será levar ao conhecimento das autoridades, para que tomem as medidas cabíveis ao caso.

Calma, Carlos! Calma! Não se deixe levar demasiadamente pelos acontecimentos, pois nos faltam provas. Não

128

nos esqueçamos de que Pedro, ferido por seus cúmplices, adquiriu com isso um ótimo álibi. Contarei os fatos ocorridos, desde que me prometa que não tomará nenhuma atitude intempestiva sem a minha permissão. Se ele se sentir descoberto, não hesitará em fazer com você o que fez com seu pai.

Januário, com essas palavras, pretendia amedrontar seu interlocutor. Quando soubera que Pedro o havia reconhecido e delatado como autor do crime, escrevera imediatamente para Carlos dando sua versão aos fatos. Pedia-lhe, também, que retornasse ao Brasil com urgência. Procurava com isso eximir-se da culpa, ao colocar, sobre os ombros de Pedro, a responsabilidade do delito.

Feito isto, procurou saber com antecedência a data de chegada do navio. Queria ser o primeiro a contatá-lo. Com a chegada de Carlos, após o primeiro diálogo, percebeu que estava diante de um janota medroso, o qual poderia manipular conforme sua vontade.

Prossigamos. Prometo! Nada farei sem a sua concordância. Mas fala, fala tudo o que aconteceu, pois preciso saber como agir com Pedro pediu-lhe ansiosamente.

Está bem disse Januário. Tudo começou quando soube por intermédio de amigos comuns que o coronel Gregório desativara o engenho colocando as terras à venda. A princípio, fiquei surpreso. Posteriormente, fiquei sabendo que ele assim o fazia devido às dificuldades encontradas na aquisição das máquinas novas que ora chegam para facilitar a moagem.

Passados alguns dias, resolvi fazer-lhe uma visita colocando-me à sua disposição, a fim de auxiliá-lo na compra, uma vez que as havia adquirido com certa facilidade.

Ao chegar, pude constatar que as notícias eram verdadeiras. O engenho estava parado e não se viam

129

escravos no plantio da cana.

Ao fazer-me anunciar, uma das mucamas me informou que o coronel se encontrava no escritório e que para lá me dirigisse. Mas, ao chegar perto da porta, escutei vozes alteradas vindas de seu interior. Logo reconheci tratar-se de Pedro. Poucos minutos após, ele saiu sem ao menos notar minha presença. Adentrando, em seguida, encontrei o coronel completamente alterado. Falou-me, em momento de desabafo, temer por sua vida, pois estava sofrendo ameaças por parte de Pedro, seu administrador, desde que resolvera vender a fazenda.

Mas por que a morte de meu pai o beneficiaria? Interrogou Carlos.

Essa mesma pergunta fiz ao coronel! E não me surpreendi quando me relatou o que todos já sabiam há muito tempo. Disse-me que, ao haver rebelião de escravos nas fazendas vizinhas, Pedro, mancomunado com os quilombolas, fazia de sua propriedade um reduto, onde eles se acoitavam para fugir dos capitães-do-mato. Por esse motivo, não queriam a venda. Por outro lado, se viesse a sucumbir, Pedro certamente continuaria na administração.

Dito isto relanceou os olhos, percebendo que a vítima estava atenta. Fez então a pergunta, cuja resposta iria dar veracidade à trama mentirosa.

A cobra preparava-se para o bote final: Carlos...! Preciso que me responda. Se acaso não tivesse recebido minha carta, teria regressado ao Brasil a fim de tomar posse do que lhe pertence?

Não! De maneira nenhuma... Jamais sairia de Portugal. Quando recebi a missiva do doutor Joaquim, fazendo-me ciente do que havia ocorrido e afirmando que Pedro se encontrava bem, não tive dúvidas. Iria deixar tudo em suas mãos. Parecia ter uma conduta ilibada e reconhecia nele, desde a minha infância, um homem bom. As remessas de dinheiro para prover meu sustento na Corte sempre

130

foram enviadas por ele. Dessa maneira, não precisaria me preocupar com nada. Então creio que compreendeu!...A morte de seu pai não modificaria em nada a rotina da fazenda; pelo contrário, iria beneficiá-lo, porquanto ficaria tudo em suas mãos. E agora, o que pretende fazer?

Em primeiro lugar, preciso colocar meus pensamentos em ordem. Mas, pode ter certeza! Ele não ficará com estas terras! Quanto ao amigo, só posso agradecer pela amizade que demonstrou.

Ao escutar com que ênfase Carlos respondera-lhe agradecido, sentiu-se encorajado a deixar um pedido no ar:

Se quiser demonstrar gratidão, não se esqueça de procurar-me, caso queira vender a fazenda. Não tome também nenhuma atitude que possa a vir

comprometer sua integridade física. Esteve ausente por muitos anos, não sabe o perigo que pode correr.

Obrigado por tudo, amigo Januário!... Logo que tomar posse do que me pertence, mandarei chamá-lo para conversarmos.

Januário estendeu a mão despedindo-se. Então, até breve! Estarei ao seu inteiro dispor, pelo tempo que permanecer no Brasil.

Em seguida retirou-se satisfeito. Conforme caminhava em direção à porta principal, repassava os olhos pelo ambiente, pensando que aquela casa construída com tanto requinte e bom gosto logo seria sua.

Carlos permaneceu no escritório por algum tempo meditando.

Logo depois, mediu, pesou e sentiu que, de fato, Januário estava com a razão. Havia mesmo sido Pedro o autor do crime.

Minutos mais tarde, mudava a trajetória de seus pensamentos. Pensou na mãe. Embora soubesse de seu estado, estranhou o fato de ainda não tê-la visto.

131

Chamou por Benedita, pedindo-lhe para levá-lo ao seu encontro.

Amélia se encontrava no leito descansando. Ao ouvir passos adentrarem o quarto, abriu lentamente os olhos. Benedita se aproximou interpelando-a:

E então, sinhá, reconhece esse jovem? Amélia sentiu o coração pulsar forte. Seu instinto de mãe buscava nos refolhos da mente alguma lembrança que viesse dizer-lhe quem era aquele moço. Sua vontade era acariciá-lo junto ao peito, cantando doces canções de ninar.

Permaneceu calada e surpresa por alguns instantes. Logo depois respondeu:

Não! Mas pergunte para Gregório, ele deve saber quem é esse belo jovem.

Ao ouvir a resposta, Carlos baixou a cabeça, saindo do quarto. Não viu quando sua mãe, colocando a mão no ventre, deixou que de seus olhos duas lágrimas rolassem.

Em seguida, já refeito do encontro, saiu da casa rumando para a cocheira. Ao chegar, deparou-se com Pedro. Este, ao vê-lo, veio ao seu encontro:

- O senhor tem alguma ordem? Prepare-me um cavalo imediatamente respondeulhe ríspido.

Pedro, então, chamou por Tobias, pedindolhe que providenciasse o melhor animal da fazenda. Aproximando-se novamente tornou a falar:

Acho conveniente conversarmos, pois precisa saber de alguns assuntos urgentes.

Não tenho tempo agora para tratar de nenhum assunto respondeu secamente.

Logo depois montou no cavalo saindo em disparada. A medida que os dias passavam, Carlos se transformava. Em nada se assemelhava ao pai. Herdara apenas o porte altivo, mas não o coração bondoso.

132

Conquanto Gregório fora um homem bom e justo, livre de qualquer preconceito, o filho revelava-se déspota e irascível. Ao saber que o pai havia assalariado os negros, ficara furioso. Dizia que ele teria enlouquecido, para cometer tamanho desatino.

Pedro, por sua vez, saía sempre frustrado ao tentar uma aproximação. Em face ao procedimento de Carlos, a situação estava se tornando insustentável.

Benedita sempre conciliadora falava: Não se aflija tanto, Pedro, espere. Chegará o momento oportuno em que ele terá de lhe escutar.

À noite, ao se deitar, revolvendo-se no leito, pensava: Como agir? ... E assim via o dia amanhecer. Januário, por outro lado, nem bem o dia

amanhã, chegava à fazenda acompanhado por Celestino, só retornando altas horas da noite.

De volta a sua propriedade, entre risos, dizia para o cúmplice:

Meu amigo, as coisas estão indo melhor do que o esperado.

Carlos, culpando a mãe por sua permanência na fazenda, não lhe dava a mínima atenção. Ansiava poder retornar a Portugal e dar continuidade à vida boêmia na Corte. Proibira Benedita de deixá-la sair do quarto. Mandava as mucamas levar-lhe as refeições, alegando não suportar vê-la junto à mesa.

Devido à clausura, a doença de Amélia se agravava. Antes, em sua loucura, era feliz. Conservava no rosto a beleza de outrora. Agora vivia triste e acabrunhada. Os cabelos, ressequidos, branqueavam com uma rapidez impressionante. A tez perdera o viço, começando a enrugar.

Certo dia, as mucamas, atarefadas com o serviço da casa, não perceberam que Amélia saíra sorradeira do quarto. Elegantemente vestida, sentou-se junto à mesa para a primeira refeição do dia.

133

Carlos, ao deparar-se com a mãe, entre gritos e com o dedo em riste mandou que se retirasse.

Benedita, ouvindo o alarido, correu para ver o que estava acontecendo. Amélia, ao vê-la, atirou-se em seus braços a soluçar. Com todo desvelo, reconduziu-a ao quarto. Ao sentir-se segura e ainda a soluçar, perguntou chorosa:

Quem é aquele moço brabo? Sem saber o que responder, segurou as mãos de Amélia entre as suas, dizendolhe com brandura:

Confia, senhora, n'Aquele que a todos ampara, e agradece a bênção da loucura, por não deixar reconhecer nele o filho que seu ventre gerou.

Benedita, com paciência e bondade, tentava minorar os tormentos da pobre enferma.

Pedro, ao saber do ocorrido, resolveu ter uma conversa definitiva com Carlos. A situação não podia continuar daquela maneira. Ele precisava modificar o tratamento com a mãe. Devia isso a Gregório, e foi pensando nele que se dirigiu, ao escritório, onde Carlos, como sempre, estava em companhia de Januário.

Ao chegar diante da porta, procurou se acalmar, batendo discretamente: Entre! resmungou Carlos. Pegando na maçaneta, percebeu que estava apenas encostada. Pedro adentrou, acercando-se da escrivaninha. Sentado de maneira displicente, Carlos o encarou com ar de zombaria.

Procurando não levar em conta, Pedro falou educadamente:

Peço perdão pela intromissão, mas não posso mais esperar. O assunto que venho tratar diz respeito a sua família. No entanto, compreendo que está acompanhado...

Carlos não deixou que terminasse a frase, ao perguntar secamente:

134

O que tem de tão urgente para falar? Soube do tratamento que tem dispensado a sua mãe. Se pretende que ela melhore, procure tratá-la com carinho. Ela não merece ser maltratada pelo único filho, e a quem sempre amou.

Não admito censuras de sua parte! Com que direito vem dizer-me o que devo ou não fazer?

Com o direito outorgado pela amizade que sempre dediquei a sua família. Seu pai foi homem digno e justo. Convivi com ele e não me parece que lhe tenha herdado o caráter.

Colérico, Carlos retruca: O senhor está invadindo minha privacidade. Nada que se relacione à minha família lhe diz respeito.

Pela consideração que sempre tive por seu pai... diz sim!...

Carlos estava profundamente contrariado. Pedro respirou fundo, procurando acalmar-se. Em seguida dá uma olhadela para Januário, que assiste ao embate com ar de ironia. Logo a conversa toma outro rumo:

Lamento também ter de tocar em um assunto tão doloroso quanto desagradável que foi o assassinato de seu pai. Mas, os assassinos continuam soltos e precisam ser punidos. Ao dizer isto, olhou para Januário. Este remexeu-se na poltrona inquieto.

Carlos, surpreendido, vociferou: Cale-se, Pedro! não quero ouvir nenhuma palavra do que aconteceu. Já me interei do assunto falou rispidamente.

Januário, compreendendo a gravidade da situação e sem poder encarar Pedro frente a frente, tomou a atitude de todo covarde. Saiu sorrateiro do escritório.

Pedro ainda tentou argumentar. Disselhe que os quilombolas estavam sendo acusados injustamente pela

135

morte de Gregório, e que o verdadeiro assassino fizera-se seu melhor amigo para não ser acusado do crime.

Carlos não lhe dava ouvidos. Pelo contrário, começou a culpá-lo pelo ocorrido. Dizia-lhe entre outras coisas que sua ganância era sem limites e, como se isso não bastasse, sacrificara a amizade que seu pai lhe dedicara.

Pedro compreendeu que nada poderia fazer, pois Januário dera sua versão aos fatos. Uma onda de revolta o envolveu. Enveredando para perto de Carlos, desabafou:

De agora em diante, não obedeco mais as suas ordens e minha tolerância chegou ao fim. Nunca ouvi tanta infâmia e mentira.

Em seguida, saiu batendo a porta. O que acabara de ouvir o abalara profundamente.

No dia seguinte, após uma longa noite insone, Pedro havia traçado o roteiro a seguir. Concluía que não poderia mais permanecer na fazenda. Deixaria que o tempo, senhor da razão, mostrasse a Carlos o quanto se enganara.

Durante aquela noite rememorou os anos de convívio com Gregório. O saudoso amigo muito lhe ensinara. Lembrou das atitudes nobres do patrão, oferecendo sempre o melhor de si. Havia sido rico em afeto, distribuindo e recebendo. Depois de muito pensar, resolveu colocar sobre seus ombros a responsabilidade de conduzir aquele povo, o qual Gregório tanto amara. Foi pensando nisso que colocou na algibeira suas economias. Logo depois, deixou a casa, onde vivera solitário, dirigindo-se para a cocheira.

Ao chegar, colocou a sela em Ventania, seu cavalo e fiel amigo de tantas cavalgadas. Tobias, sabendo do que ocorrera no dia anterior, preocupado, perguntou:

Para onde vai?... Benedita sabe que está indo embora? Não!... mas vá chamá-la! Quero despedir-me. Tobias sem perda de tempo saiu correndo em direção à casagrande. Chegando nas proximidades, se pôs a gritar:

136

Benedita! Benedita... Pedro está indo embora e quer lhe falar.

Logo ela surge na varanda. Desce as escadas indo ao seu encontro. Os dois seguem em direção à cocheira.

Ao deparar-se com Pedro, Benedita pedelhe ansiosa: Fica, Pedro! Não vá embora. Já está tão difícil sem a presença do coronel!... É principalmente por ele que estou indo embora. Mas vou voltar! Volto para buscar nosso povo! Confia e espera...

Os olhos marejados de Pedro eram a denúncia das lágrimas que não deixava cair. Abraçaram-se ternamente, despedindo-se: Vai com Deus! Que Jesus abençoe e guie seus passos disse Benedita. Pedro montou no cavalo e partiu.

Os dias foram passando, cada vez mais difíceis. Carlos, sempre nervoso e irascível, descontava nos serviçais e na mãe, tratando-a sem a mínima compaixão o fato de permanecer preso àquela vida sem atrativos.

Foi num desses dias que Amélia, pela manhã, apesar de todo desvelo de Benedita, saiu sorrateira do quarto.

Logo após, esgueirando-se, atingiu a cocheira montando seu cavalo preferido.

Cavalgou por algum tempo, sentindo um misto de liberdade e alegria. A aragem fresca da manhã, batendo no rosto, causava-lhe enorme prazer. Subitamente, vislumbrou ao longe uma carroça parada à margem do riacho. Sorrindo, esporeou o animal. Iria surpreender Gregório tirando sua sesta no interior do veículo, sempre fizera isso, enquanto os cavalos mitigavam a sede.

No entanto, ao se aproximar, o coração começou a bater descompassado. Apeou do animal dirigindo-se para o

137

veículo. Ao olhar para o interior, de sua garganta saiu um grito doloroso de desespero, sinistro brado de horror e agonia.

Ela acabava de ver Gregório, que jazia em uma poça de sangue. Seus olhos viram o que sua mente, outrora, não quisera aceitar. Num lampejo de lucidez, diante do quadro trágico, correu em direção ao riacho precipitando-se nas águas. O momento de lucidez fizera com que cometesse o maior ato de sua loucura: o suicídio.

As mucamas, que lavavam roupas não muito longe dali, ao escutarem o grito, correram para tentar salvar a patroa. No entanto, o socorro chegara tarde. Amélia, ao ser retirada do riacho, estava sem vida. Logo todos foram chegando, atraídos pela gritaria das mucamas.

Benedita, ao chegar, ajoelhou-se, abraçando o corpo de Amélia. Os soluços sufocavam-lhe a garganta. Beijava o rosto sem vida daquela que aprendera

a amar com o desvelo de uma filha. Mais uma vez, a tragédia visitava-lhe o coração.

Carlos a tudo assistia impassível. Olhava com ar indiferente o corpo daquela que lhe albergara no ventre. Pensava apenas que agora estava livre para retomar ao seu protótipo de felicidade.

Desta vez, ninguém foi avisado do ocorrido. Apenas Januário havia sido chamado por Carlos, para finalmente dar-lhe a notícia de que poderiam tratar da venda da fazenda. Durante a noite, apenas os serviçais e Benedita choraram a partida de Amélia.

Pela manhã, entre lágrimas de despedida, depositaram o corpo da patroa junto ao esposo, a quem tanto amara.

Nos dias subseqüentes, Carlos mantinha-se atarefado. Colocava em dia os documentos para transferir o quanto antes a propriedade. Quanto aos trabalhadores, de rostos tristes e amargurados, preparavam seus parcos pertences

138

para deixar a fazenda, que fora para eles um porto seguro. Estavam temerosos, não possuíam um roteiro certo a seguir.

No dia apazado para concluir a venda, Carlos, remexendo na escrivaninha, encontrou na última gaveta um envelope manchado, contendo alguns papéis. Abriu para ver o que continha. Surpreende-se ao ver uma carta de alforria com o nome de Benedita. O outro era uma escritura passando a fazenda para o nome de Pedro e os demais trabalhadores. Ambos estavam assinados por seu pai. Virou e revirou o documento não encontrando nenhum carimbo, sinal que não havia sido registrado.

Ficou pensativo procurando entender aquele intrincado problema. Em seguida, chamou Benedita.

Esta, ao chegar, vendo o envelope sobre a escrivaninha, foi logo esclarecendo:

Este envelope estava com o finado patrão. Retirei-o de suas roupas no dia em que foi assassinado, e, como podes verificar, ainda está manchado pelo sangue de teu pai.

Carlos procurou não demonstrar surpresa; no entanto, os pensamentos martelavam-lhe o cérebro. Ansiava por ficar só e dar vazão a seus questionamentos. Em seguida, ao pegar o documento que sabia pertencer a Benedita, entregou-lhe dizendo:

Encontrei isto dentro dele e creio que lhe pertence. Reconhecendo, ao abri-lo, que se tratava de sua carta de alforria, devolveu-lhe, falando taxativa:

Engano teu. Isto não me pertence e não o quero. A liberdade que almejo é a do espírito, e esta não precisa de alforria. Quanto a do corpo? talvez seja a corrigenda de que necessito.

Em seguida pediu permissão para retirar-se. Ao ficar só, Carlos amassou o documento jogando-o na lixeira. Acomodado na poltrona, fechou os olhos perguntando a si mesmo:

139

O motivo de essa escritura estar com meu pai no dia de seu assassinato era porque estava indo a Salvador com o intuito de registrá-la, sendo assim, não haveria motivo para Pedro assassiná-lo!... Ao abrir os olhos, assustou-se, ao ver Januário todo sorridente à sua frente:

Perdoe-me por chegar tão cedo!... Aguardava com ansiedade o dia amanhecer. Tenho pressa em transferir a sede da fazenda .Há muito sonho com isso... Aqui ficarei bem instalado. A casa é sólida e muito bem construída.

Carlos ficou a olhar para o visitante em silêncio. Seus pensamentos estavam confusos com a última novidade. Começava a desconfiar que estava longe de conhecer toda a verdade sobre o assassinato de seu pai. Será que Januário fora sincero? Porém, em questão de segundos, seus pensamentos foram substituídos pelas imagens dos bailes na Corte.

O largo sorriso estampou-se no rosto ao dizer: Seja bem-vindo! Também anseio consolidar essa transação, a fim de retornar a Portugal.

Enquanto iniciavam a negociação, os trabalhadores do lado de fora aguardavam angustiados o momento em que Carlos os mandaria desocupar a fazenda.

Benedita havia passado a noite insone. A preocupação pelo destino daquele povo que amava e a ausência de Pedro deixavam-na profundamente abalada. Procurava encontrar uma solução que viesse ao encontro de seus anseios. Não pensava em si, visto que já vislumbrava qual seria sua jornada dali para frente. Todavia, queria que aqueles, a quem aprendera a amar, em tantos anos de convívio, continuassem unidos. Sabia de antemão que a carta de alforria que eles guardavam como verdadeiro tesouro não mudaria seus destinos. O preconceito e a forma com que eram vistos pelas mentes escravizadas dos coronéis fariam deles animais de carga, ou indigentes

140

morrendo à beira das estradas. Estava assim perdida em pensamentos quando escutou uma algazarra. Com o coração aos saltos, correu até a varanda. Ao olhar em direção à porteira, em meio a grande nuvem de poeira, reconhece Pedro, com seu cavalo Ventania, comboiando vários carroções. Ajoelha-se no chão aos prantos. Eleva o coração ao Criador agradecendo o socorro que chegava.

A alegria era contagiante. Os negros, que na boléia conduziam os veículos, acenavam participativos daquela festa de boas-vindas.

Pedro apeia do cavalo em frente à casagrande. Sobe os lances da escada indo ao seu encontro. Estende os braços em sua direção acolhendo-a ao peito.

Os soluços de Benedita estremecem seu corpo. Espera que ela se acalme para dizer:

Voltei como havia prometido...Voltei para buscar nosso povo.

Em seguida a convidada para irem até a cocheira, a fim de contar-lhe por onde andara. Lá chegando, relatou-lhe suas andanças. Contaralhe que, com suas economias, havia comprado uma pequena fazenda na Chapada Diamantina, a qual daria para abrigá-los. Haviam lhe sobrado ainda alguns recursos, dizia, e esperava que, com eles, unido com os daqueles que quisessem acompanhá-lo, comprariam uma mineradora. Assim poderiam trabalhar com minério, tão próspero naquela região.

Benedita bebia-lhe as palavras. Os olhos brilhavam de emoção.

A tristeza do reencontro ficou por conta da notícia sobre Amélia. Pedro ficou profundamente abalado, sobretudo pela forma como tudo acontecera. Logo depois, ao saber da resolução dela em permanecer cativa, tentava de todas as formas dissuadi-la do propósito. No entanto, não conseguia demovê-la. Procurou, então, respeitar-lhe a vontade, pois seria difícil lutar contra suas

141

convicções.

Ao término da conversa, pediu-lhe para que fosse ter com os trabalhadores, a fim de prepará-los, porquanto precisava ir falar com Carlos.

Enquanto Benedita reunia os ex-cativos e lhes dava a alvissareira notícia, Pedro entrava na casagrande rumando em direção ao escritório.

Encontrando a porta aberta, adentrou, surpreendendo Carlos. Sem mais delongas, falou que estava deixando a fazenda e levando com ele os trabalhadores. Carlos com seu característico ar de zombaria retrucou:

Poupa-me o trabalho de demiti-lo! Espero que saia o quanto antes destas terras, carregando junto consigo essa corja que meu pai abrigou, pois acabo de vender a fazenda para Januário.

Pedro procurou manter a calma. Olhando firme, responde:

O que chamas de corja foram os amigos fiéis com que teu pai sempre pôde contar. Estás longe de saber o valor de uma verdadeira amizade. Porque aquele que se diz ser teu amigo e para quem vendes as terras que teu pai tanto amou não passa de um reles assassino.

Dizendo isto deixou o escritório. Nesse ínterim, do lado de fora, os trabalhadores felizes e satisfeitos com a proposta de Pedro colocavam seus pertences nos carroções.

À tarde, quando o sol sumia no horizonte, deixaram a fazenda. Ao atingirem a estrada principal, foram interceptados pelos quilombolas. O chefe destes viera despedir-se do amigo, que no decorrer dos anos inúmeras vezes os socorrera.

Pedro, em breves palavras, relatou o motivo de estarem partindo. O sentimento que ficava, dizia o quilombola, era

142

de tristeza, porquanto nada puderam fazer em favor do coronel, e agora, pelo amigo que partia. Mas, continuariam sempre lembrados nas oferendas e pedidos aos orixás. Após abraços afetivos de despedida, a caravana seguiu em direção às novas terras.

O sol já havia perdido o brilho. O véu da noite descia lentamente por sobre a fazenda.

Benedita, procurando espantar a tristeza, foi para seu pequeno refúgio no jardim. Era um caramanchão, construído por seu pai, José. Era ali que se refugiava, quando queria meditar. Naquela época do ano, estava todo florido de rosinhas trepadeiras, as quais exalavam agradável perfume. A noite que chegava nunca lhe parecera tão lúgubre. O silêncio era um convite a reflexões. Entrou no pequeno abrigo sentando-se em tosco banco. Passou a recordar da difícil conversa que tivera com Tobias.

Este, ao saber que ela não seguiria com a caravana, recusava-se a deixá-la, ameaçando rasgar a alforria. Benedita conversou com ele, com o intuito de

fazê-lo mudar de opinião. Conforme ela falava, Tobias rebatia todos os argumentos. Até que em dado momento, sem conseguir se conter, declarou seu amor. Crescera, dizia-lhe, convencido de que um dia construiriam um lar e seriam felizes. Ela procurou refrear seu argumento dizendolhe sutilmente:

O amor, Tobias, tem ramificações variadas. Desperta nossos sentidos, para que compreendamos melhor a vida, conhecendo a nós mesmos. Cada um de nós tem uma tarefa diferente. Dessa forma, compreendi também que os compromissos assumidos com minha consciência, no caminho que ora transito, não é o de formar um lar. Entretanto, dizer que não o amo, seria renegar os ensinamentos os quais tenho recebido. O amor que começa a nascer em meu íntimo é um embrião divino que une as criaturas num todo. É este o amor que quero compartilhar com os irmãos de cativeiro. Sei também que trará

143

sofrimentos, mas, não importa, se estiver trilhando o caminho de minha redenção.

Benedita se calou, esperando que Tobias se manifestasse, mas ele se mantinha calado e cabisbaixo. Apenas as lágrimas denunciavam o fim de suas esperanças. Ela, então, retomou a palavra:

Gostaria de sabê-lo casado, pois o ideal do homem é formar um lar. Siga com Pedro para essas novas terras. Abra seu coração para um novo amor, que logo encontrará. Use sua liberdade para trabalhar, formar um lar e ser feliz.

Não pense em mim. Tive a oportunidade de escolher. Preciso ficar. Ficar e servir. Peço-lhe, em nome do seu amor para comigo, que não insista para que meu coração não fraqueje. Conservarei comigo a doce lembrança do irmão querido e companheiro de folguedos. Quem sabe, um dia, em nova vivência, voltemos a nos reencontrar, e, então, seremos felizes.

Tobias levantou a cabeça enxugando os olhos. Tomou as mãos de Benedita entre as suas, respondendo-lhe serenamente:

Lembra-se quando em criança contava-me das conversas com seu amigo invisível? Pois bem! Inúmeras vezes, rindo, duvidei, quando dizia, empolgada, que éramos imortais e que renascíamos de tempos em tempos para aprender na escola da Terra. Mas agora senti que nossas vidas já se entrelaçaram em existência pregressa. Sendo assim, continuarei acalentando a esperança de nos unirmos novamente em existência nova. Vou respeitar sua decisão, por saber que há pessoas que nascem para servir, e só assim são felizes. Porém, jamais vou esquecer da querida irmãzinha que deixo nestas paragens. Entre nós, não haverá adeus apenas um até-breve.

Ao lembrar das palavras de Tobias, duas lágrimas rolaram. Sentiu-se feliz por saber que ele havia compreendido.

144

Em seguida, saiu de seu pequeno refúgio. Olhou para o céu salpicado de estrelas. A escuridão havia se dissipado. A Lua mostrava sua presença estendendo um manto de luz por sobre a Terra.

Lembrou das sábias palavras de Amaru: “Não deixe que a escuridão tome conta de seu coração, pois nele deverá conter a luz para iluminar seus passos”.

Sentiu saudades do amigo ausente. Pensou consigo: “Onde estará? Por que não sinto mais sua presença amiga?”

Porém, Amaru não a havia abandonado um só instante. Estava sempre junto dela; mas não poderia interferir em suas decisões. Tinha ciência de que começava para ela uma caminhada em meio a dificuldades e sofrimentos. Mas, confiava na preparação que Benedita havia feito no Plano Espiritual, quando decidira que chegara a hora de dar um passo a mais na escalada evolutiva.

Amaru acercou-se da pupila, trazendo-lhe o abraço confortador. Ela sentiu o corpo arrear-se. Pensou ser devido ao sereno que começava a cair. Esfregando os braços, adentrou a casagrande rumando em direção ao quarto.

No dia seguinte, logo após o desjejum, Carlos se fechou no escritório. Abria as gavetas da escrivaninha separando papéis e documentos importantes, os quais levaria para Portugal.

Benedita, atarefada com os serviços da casa, de vez em quando olhava pela janela. Uma ruga de preocupação começou a estampar-se em sua face. A movimentação que via ao longe era dos quilombolas rondando a fazenda. Embora soubesse do respeito que sempre tiveram pelo coronel Gregório, temia pela vida de Carlos.

Os quilombolas não podiam se esquecer de que haviam sido acusados injustamente da morte de Gregório, assim

145

como da represália sofrida.

Januário, a fim de dar maior veracidade à tosca mentira, instigara Carlos a exigir das autoridades punição para os responsáveis. Quanto à participação de Pedro no referido crime, aconselhara a manter segredo, por lhes faltarem provas para o acusar. As autoridades, através de denúncias, chegaram ao quilombo, destruindo-o. Só não houve chacina porque Pedro, ao saber da pretensão deles, aconselhara os quilombolas a fugirem.

Pois bem! Carlos sem saber que estava sendo vigiado, continuava absorto em sua tarefa.

Em dado momento, encontrou um envelope com seu nome sobrescrito. A letra era de seu pai. Acomodando-se na poltrona, procurou inteirar-se do conteúdo. Era uma carta elucidativa. Conforme lia, a face ruborizava.

Entre outras coisas, Gregório contava para o filho as ameaças sofridas ao longo dos anos por Antônio, e agora, pelo filho.

Fazia-o saber da visita de Januário e da afronta sofrida. Esclarecia que, por pressagiar um triste desfecho para tais ameaças, é que estava passando a fazenda em nome de Pedro e dos demais trabalhadores. Não queria deixar ao desamparo os amigos de tantos anos. Pedia-lhe, também, para respeitar

sua decisão, uma vez que o pecúlio, que deixava, permitiria, tanto a ele como à mãe, viverem com conforto.

Terminava a carta abençoando o filho e entregando Amélia a seus cuidados.

Carlos ficou pensativo, perdido nas evidências dos fatos. Ali em suas mãos estava a prova do crime perpetrado por Januário. Assim como a oportunidade de reverter a situação, fazendo valer a justiça e respeitar a última vontade do pai.

Mas, Carlos, coração empedernido, só pensava em seus

146

interesses. Por desconhecer o valor da amizade sincera, recriminava o pai por querer deixar a fazenda em nome de estranhos.

Quanto à mãe, o fim trágico não o abalara; pelo contrário, na situação em que a encontrara, pensou, seria um fardo pesado demais para carregar. Queria estar livre para usufruir da fortuna que possuía. Não teve por seus genitores um só pensamento de amor.

Foi com pressa que guardou os últimos pertences. Queria sair logo dali e apagar da mente todas as lembranças. Dali para frente, iria aproveitar a vida sem dar satisfação a ninguém.

Pensando assim, chamou por Benedita. Ao vê-la chegar, foi logo dizendo: Arrume seus pertences, pois à tarde, quando Celestino vier para levar-me à Capital, ao retornar, irá levá-la para a fazenda de Januário. Você não aceitou a liberdade, servirás a outro patrão!

Ela nada respondeu, apenas abaixou a cabeça, retirando-se para o quarto.

Ao chegar, sentou-se no leito. Ficou a pensar que logo mais deixaria aquele quarto, cujas paredes foram testemunhas inertes de suas lágrimas e de suas preces. Dali a poucas horas, estaria indo para o destino que lhe era reservado. Januário era conhecido na região como cruel e impiedoso.

O ferro em brasa logo a identificaria como objeto de sua propriedade. Sentiu um arrepio de medo percorrer-lhe a espinha. As lágrimas teimavam em cair dos olhos. Pensou ainda haver tempo para ir ao encontro de Carlos e implorar-lhe para que lhe devolvesse a alforria. Mas, se assim o fizesse, o que faria de sua vida e de seus ideais? Ajoelhando-se em frente ao leito, procurou na prece a coragem que faltava:

Pai de Infinita Bondade e Misericórdia!

147

Recorro ao Teu amparo divino, porque o medo desvanece as forças onde encontrei coragem para renegar a alforria. Ajuda-me a compreender os deveres diante de minha consciência.

Meu espírito anseia por liberdade, mas, essa liberdade, sei que preciso conquistar.

Conhecendo Teu Amor, compreendi que, ao renascer subalterna, foi com a finalidade de reabilitar-me perante Tuas sábias e justas leis.

Sei que o destino me reserva uma parcela de sofrimentos. Ajuda-me a superá-los.

Concede-me a luz do entendimento, a fim de que possa tomar minha cruz e seguir sem medo.

Ao me deparar com os sofrimentos de meus irmãos, desperta em mim o amor. Esse amor que auxilia e ampara.

Que, no presente, prestando assistência aos que sofrem, consiga conquistar a felicidade futura.

Pai!...sei que sou peregrina nas estradas da vida. Auxilia-me a caminhar com firmeza em Tua direção. Abençoa-me, para que consiga discernir o certo do errado. Mas, acima de tudo, que Tua soberana vontade se faça sempre presente em minha vida.

Ao terminar, sentiu a fé renovando suas forças. A paz novamente tomou conta de seu coração.

Em seguida, entrou seus parcos pertences com um sorriso nos lábios.

No meio da tarde, na hora aprazada, Celestino viera buscar Carlos. Logo mais, pelo rumor da charrete, soube que estavam a caminho de Salvador.

Horas mais tarde retornava. Não esperou que a chamasse, indo ao seu encontro.

Celestino levou a charrete para a cocheira, substituindo-a pela carroça.

Benedita, mantendo-se serena, acomodou-se sobre o chão do veículo.

148

Conforme se distanciava, sentia o coração em paz. Soube-se anos mais tarde que Carlos, após dez anos desses lamentáveis episódios, teve sua corrigenda no catre da dor. A lepra visitou-lhe a figura, fazendoo desencarnar em ínfima miséria e abandonado pelos amigos de boemia, enquanto Pedro e os demais trabalhadores prosperavam com as jazidas de minério.

Tobias casou-se e teve quatro rebentos. Conservou em seu coração, a doce lembrança de Benedita. Viveu feliz preparando os filhos para os embates da vida.

149

Pensou no Grande Artesão Divino, que vestira a natureza de tão belas cores...

## CAPÍTULO 12 SUPLÍCIOS E PROVAS

Era tardezinha, quando finalmente chegam à fazenda de Januário. Logo que transpõem os portões, Benedita surpreende-se ao ver a plantação de algodão. Era, sem dúvida, um espetáculo deslumbrante. Os raios que refletiam a luz do sol faziam o algodão assemelhar-se a pequenas nuvens

multicoloridas, que bailavam ao sabor do vento. Pensou no Grande Artesão Divino, que vestira a natureza de tão belas cores. A tez negra dos cativos misturava-se à brancura do algodão, num contraste encantador. Sentiu com maior esplendor a grandeza de Deus.

Enquanto sorvia absorta aquele espetáculo, não se dera conta de que o veículo saíra da estrada principal, enveredando por um caminho estreito e passando entre os escravos.

Benedita assustou-se, quando Celestino gritou para o feitor parando a carroça.

152

Enquanto lhe entregava algumas sacas que trouxera da cidade, ela olha fascinada as hastes do algodão. Imagina como deve ser agradável sentir nas mãos, entre os dedos, a maciez daquelas plumas brancas.

Atendendo o desejo de seu coração, um escravo idoso se aproxima, traz nas mãos calejadas um punhado de algodão que lhe oferece a sorrir.

Todavia, não consegue realizar seu intento, a chibata do feitor desce-lhe no dorso nu, já marcado por cicatrizes. No rosto triste e envelhecido, o suor mistura-se às lágrimas. Sob o estalido do chicote, foi novamente reconduzido ao trabalho. O enlevo do momento havia sido cortado pela desumanidade do feitor.

Logo mais retornam à estrada principal. Mais alguns minutos e eis que surge a casagrande. Pela aparência envelhecida e malcuidada, entendia-se o motivo que levava Januário a querer transferir a sede da fazenda.

Ao chegar em frente, a carroça circunda a casa entrando por um caminho estreito e pedregoso, avançando aos solavancos. Logo mais, surgem os primeiros casebres de pau-a-pique. Pelo aspecto deprimente e malcheiroso do lugar, não se podia dizer que fossem habitadas por seres humanos. A marcha prossegue lenta. Em dado momento, o caminho se alarga, indo dar em uma enorme clareira. Ali havia muitas casas, onde, posteriormente, Benedita veio a saber tratar-se das moradias dos capatazes e feitores. Em

meio ao terreno, encontrava-se um pau fincado no chão contendo uma enorme argola. Era o temido tronco, instrumento de suplício tão usado pelos senhores de escravos.

Em instantes, o veículo estaciona em frente à senzala. Era um imenso barracão de plidasau-a-pique. Celestino faz um sinal para que desça. Benedita obedece, descendo abraçada a sua pequena trouxa de roupa. Aguarda em silêncio sem

153

saber o que fazer.

Em seguida ele se aproxima, pegando-a pelo braço. Aos empurrões leva-a para o interior da senzala. Jogando-a ao chão, lhe diz sarcasticamente:

Eis aqui sua nova moradia! Acabou-se a vida de princesa. Aqui terá de fazer por merecer a comida de cada dia. Logo depois, adentrando um compartimento, retorna trazendo-lhe uma esteira suja e desfiada.

Esta é sua cama de hoje em diante. Tenha cuidado para que não a roubem, pois é a única que terá. Dizendo isto, se retirou.

Benedita, sob forte constrangimento, sente vontade de chorar. Levanta-se, querendo sair dali o mais depressa possível. De repente, sente uma mão tocar em seu braço. Era Otília, uma simpática velhinha de cabelos alvos como a neve, compleição miúda, vergada pelos anos. Olhando-a com carinho, alertou:

Não pense em fugir, filha! Logo estaria voltando sob a chibata do feitor. Veja as cicatrizes que trago no corpo, foram adquiridas na mocidade, devido às fugas empreendidas.

De nada me valeu buscar a liberdade. Só ficaram as marcas dos dentes dos cachorros e do ferro em brasa.

Benedita se comoveu com as palavras, pronunciadas em tom de lamento.

Avançou instintivamente abraçando a boa velhinha. Beijou-lhe as faces enrugadas e flácidas. A emoção tomou conta das duas. Nunca, em sua vida escrava, Otília recebera tanto carinho. Era o encontro de duas almas afins.

Otília, enxugando os olhos, volta a falar: Ah! filha, para nós que vivemos degredados de nossa família, como nos faz falta uma palavra, um gesto de carinho. Nem sequer recorde quando foi que recebi um

154

abraço, quarenta anos... cinqüenta... nem sei mais. No cativeiro perdemos a noção do tempo, porque deixamos de sonhar. Nossa realidade é feita de suor e lágrimas.

Querida Otilia. Sei que enfrenta uma vida muito difícil. Por esse motivo, fala com tanta amargura. Mas nós nunca devemos deixar de sonhar. Os sonhos nos ajudam a enfrentar as vicissitudes da vida. Quando sonhamos, somos livres. Os sonhos nos ajudam a ter esperanças. O cativeiro mais terrível é o daqueles que deixaram de sonhar.

Tem razão! Mas me diga: como veio parar aqui? Não tem aparência de escrava!

Benedita relatou em poucas palavras os motivos e a escolha que fizera. Ao terminar, Otília diz:

Jamais pensei encontrar alguém com esse desprendimento. Mas, prepare-se, aqui não encontrará as regalias que o coronel Gregório proporcionava a seus cativos. O tratamento aqui é desumano. Poucos conseguem envelhecer. Se permaneço nesta terra e nesta senzala, deve ser porque Deus assim o quer. Gostaria de lhe fazer outra pergunta: Tem algum conhecimento de plantas e ervas?

Tenho! Minha mãe ensinou-me ainda em criança a conhecer as propriedades medicinais das plantas e das ervas, assim como seu manuseio. Dizia sempre que um dia poderia me ser útil. Na fazenda, tínhamos um lugar próprio para seu cultivo, com isso, obtínhamos cura para diversos males.

Otília não consegue impedir que lágrimas desçam. Benedita, sem saber o motivo do pranto, indaga surpreendida:

Otília! O que houve? Retendo suas mãos entre as suas, esclarece comovida: Não se impressione querida, minhas lágrimas são de agradecimento a Deus. Sua vinda é a resposta às minhas súplicas. Há muito esperava alguém para substituir-me. Estou velha e muito cansada. Sinto que, dia a dia, minhas

155

forças me abandonam. Creio que minha jornada está para findar. Minha maior preocupação era deixar meus irmãos de cativo sem o amparo de uma mão amiga que mitigasse suas dores. As plantas e ervas são os únicos medicamentos que temos a nosso dispor. Portanto, sei que agora posso ir tranqüila, pois ficará em meu lugar.

Enquanto conversam absortas, um alarido se forma. Eram os escravos que voltavam das lidas diárias.

Otília olha em redor apreensiva e levanta-se dizendo: Preciso apressar-me, a conversa estava tão boa que não percebi as horas passarem. Tenho que preparar as ervas.

Dizendo isto se dirigiu rápida para os fundos da senzala. Preso a um tripé de ferro, o tacho de ervas fumegava sobre o fogo de chão. Com cuidado retirou-o do fogo. A seguir, tritura algumas ervas no pilão que está ao lado.

Nesse ínterim, os escravos entram na senzala. Estão cansados e suarentos. Uns deitam-se no chão buscando um pouco de repouso, outros aproximam-se de Otília, com os olhos marejados, procurando aliviar suas dores através das ervas preparadas.

Logo Benedita se engaja na sublimada tarefa. No primeiro momento, os cativos, desconfiados, não deixam que ela se aproxime. Mas logo a seguir, Joaquim, o escravo que encontrara no algodoal, o qual havia sido açoitado pelo feitor ao oferecer-lhe o algodão, dela se aproxima. Pedelhe gentilmente que cuide de seus ferimentos. Benedita sem se dar conta começa a soluçar. As lágrimas correm soltas ao ver tamanha crueldade. O dorso do escravo

está coberto de cicatrizes profundas causadas pelo chicote assassino do feitor. Jamais havia se comovido tanto, nem sentido tanto afeto por um escravo como este, de quem cuidava com carinho extremo. Ao terminar, o cativo lhe agradece beijando-lhe as mãos. Ele também havia se

156

comovido, os vestígios das lágrimas o denunciavam. Ela afaga-lhe a carapinha branca, com ternura.

Anos mais tarde, ao ser chamada à Pátria Espiritual, Benedita veio a saber que o cativo, em cujos braços encontrou conforto e carinho nas horas extremas de sofrimento, conhecido pela alcunha de pai Joaquim, era, na verdade, seu avô, pai de Jhana, ou melhor, Ana. Ele havia sido o guerreiro da tribo de Zimbo, que desaparecera ao sair em busca de caça e não mais retornara.

Prossigamos com a história. Otília sentese feliz ao observar com que destreza Benedita manipula as ervas. Mostrava, com isso, ser uma excelente herborista.

Estão todos devidamente medicados quando soa o sino. É Rosa, que está chegando com a comida. Precisamos nos apressar, senão ficaremos sem o que comer! exclama Otília para Benedita.

Os escravos aglomerados na porta da senzala recebem pequenas cabaças, onde Rosa lhes coloca o parco alimento. Ao chegar a vez de Benedita, a negra sente uma antipatia imediata pela nova cativa. Passa por ela diminuindo-lhe a ração com o cenho franzido.

Ao lado de Rosa, uma entidade<sup>14</sup> feminina, ao deparar-se com Benedita, grita alucinada:

Maldita! Enfim te reencontro! Esperei séculos por isso. Jurei vingar-me do que fizeste! Maldita! Mil vezes maldita. Colocaste fogo em nossa aldeia! Mataste minha família! E, não satisfeita, aprisionaste a minha única filha entregando-a nas mãos assassinas de teus vassalos.

Dizendo isto pulou sobre Benedita querendo estrangulá-la. ” Mas havia uma barreira intransponível.

14 Entidade - Espírito

157

Barreira essa que nossa personagem foi erguendo através de reencarnações sucessivas, ao buscar melhorar-se, com a finalidade de se reajustar perante as leis do Criador. Portanto, havia adquirido, com isso, ascendência moral sobre o Espírito sofredor<sup>15</sup> ” Mas Lavínia, encarcerada no ódio, perdera séculos de oportunidades redentoras. Percebendo que nada podia contra sua vítima, ficou ainda mais revoltada. Em meio a improperios, esbravejava:

Não perdes por esperar, maldita... Se nada posso contra ti, encontrarei alguém para influenciar. Teu sofrimento e tuas lágrimas serão a minha vingança...

Por alguns momentos, Benedita ficou desorientada. Sentiu a alma contaminada por vibrações insólitas, maléficas. Fechou os olhos pedindo auxílio às entidades superiores. Daí a instantes, estava completamente refeita. Nem mesmo o olhar colérico de Rosa a perturbou.

Rosa causava admiração por sua formosura. Embora cativa, possuía um porte de nobreza, corpo esbelto, rosto lindo, perfil encantador. Vivia na casagrande como concubina de Januário. Ele era casado com uma prima. Enlace esse motivado por interesses financeiros. Nos primeiros anos de consórcio, esperara que sua mulher, Jtília, lhe desse filhos. Entretanto, os anos passavam e nada de virem os herdeiros. Os médicos diziam-lhe que, pelo fato de serem parentes consanguíneos e devido à frágil saúde da esposa, era melhor que não os tivessem. Com o tempo se conformara, mas ficara a decepção.

Januário, anos atrás, ao se deslocar a Salvador para as compras, fora até o mercado de escravos, com o intuito de

15 Foi trocado o adjetivo vingador por sofredor, por se acreditar que,

Todo Espírito, quer encarnado ou desencarnado, ao buscar vingança, não deixa de ser um Espírito sofredor.

158

adquiri-los para seu plantel de reprodutores. Logo ao chegar, deparou-se com Rosa ainda adolescente, sendo leiloada. Não titubeou, queria aquela negrinha para ele, nem mesmo regateou o preço. Trouxera-a levando de imediato para a casagrande. A partir desse dia fizera dela sua concubina.

Júlia enchera-se de ciúmes fazendo tudo para prejudicar a escrava. Mas Lavínia, sempre por perto, não deixava que nada de mal lhe acontecesse. Em contrapartida, influenciava Januário para cada vez mais enamorar-se da filha. Embora a escrava fosse bem tratada e tivesse regalias, seu coração guardava um segredo. Ela era apaixonada por um cativo, que morava num dos casebres de pau-a-pique à beira da estrada. Nessas pequenas casas, moravam os escravos reprodutores. De certa maneira, eram bem tratados, a comida mais farta, os trabalhos mais leves. A única finalidade deles era a reprodução. O sentimento de Rosa era recíproco. Toda tarde ao passar para levar comida até a senzala, o cativo ficava à espreita para vê-la. Era esse o único contato que tinham, mas em seus corações conservavam a esperança, de um dia, quem sabe...

Voltemos à senzala. Após ser distribuída a comida, Rosa retorna à casagrande. Benedita estende a esteira em um canto próximo de Otília. Fica a observar a vivência dos cativos no interior da senzala.

Lamentavelmente constatava que entre eles não havia união, muito pelo contrário, a discórdia era reinante. O trabalho forçado, o parco alimento e a chibata do feitor, tornara-os embrutecidos.

Entretanto, compreendia ser reflexo da vida que levavam. Nem bem haviam se deitado, eis que o sino volta a tocar. Desta feita, o som estridente e contínuo avisa que algo de

159

anormal está acontecendo. Levantam-se de chofre, atropelando-se uns aos outros.

Do lado de fora, um intenso clarão avermelhado e a fumaça trazida pelo vento, indicava haver um grande incêndio nas redondezas.

Benedita, ao sair da senzala, logo constata que provém da fazenda que fora de Gregório. Num repente, lembra-se dos quilombolas que havia visto pela manhã rondando a propriedade. Aquilo só poderia ser obra deles, pensava. Conhecendo-os, sabia que não iriam deixar Januário sair impune das trapaças que criara.

Logo, chegam os capatazes e feitores conduzindo as carroças. Entre gritos e açoites, ordenam que os escravos subam. Em seguida partem velozmente.

Na senzala, ficam apenas as mulheres, crianças e velhos. Os veículos em disparada, tendo Januário à frente, ganham estrada, logo atingindo os limites da fazenda. Mais um pouco e transpõem os portões.

O incêndio é de grandes proporções. Conforme se aproximam da sede, encontram as lanças dos quilombolas fincadas ao longo do caminho. Dessa maneira registravam sua passagem como autores do delito.

Para desespero de Januário, nada mais restava. A casagrande, o engenho, a senzala, a casa dos capatazes, enfim, tudo havia sido consumido pelo fogo.

Em frente aos escombros da casagrande, onde restara apenas as paredes em pé, ele pulava e saracoteava, reboleava o chapéu na cabeça jogando-o ao chão. Em seguida curvava-se para apanhá-lo reiniciando o saracoteio.

Enquanto Januário se desespera ante o prejuízo, os quilombolas por detrás das árvores e arbustos, regozijam-se com o feito.

Nada havia para salvar. As chamas em pouco tempo destruíram seu maior e mais recente patrimônio. Deixaralhe apenas como herança, um débito, que sua consciência

um dia iria lhe cobrar. Restava agora apagar as chamas que lambiam o capim seco, a fim de que não se estendesse aos limites de sua fazenda.

Na senzala, deitada sobre a esteira no chão duro, Benedita virava-se de um lado para o outro. Os acontecimentos do dia não a deixavam conciliar o sono. Olhou para Otília, que ao seu lado ressonava. Sentiu o coração se oprimir, ao pensar que aquela anciã nunca soubera o que é deitar-se em um leito macio.

Quantos anos teria? Os cabelos brancos que o tempo alvejara, o corpo frágil, arqueado, denunciava que a vida para ela estava sendo longa.

Havia lhe perguntado a idade. Esta respondera não saber. Os dias, dissera-lhe, são todos iguais para nós, escravos. Os anos passam, não percebemos. O tempo só nos traz sofrimentos. Para que contá-los? Os sonhos, que porventura tivemos na mocidade, também se perderam.

Benedita pensou no sonho acalentado desde a infância, ao ouvir sua mãe falar de um continente distante de além mar. A querida África, cantada e lamentada na alma saudosa dos cativos. Como deveria ser linda a terra onde havia sido gerada!

Sua aspiração era ver os animais correndo soltos nas pradarias, o toque da brisa sobre as savanas. Sentir sob seus pés desnudos a relva macia. O bailado do vento no trigal espargindo o cheiro do trigo maduro.

Ah! pensava Como é bom sonhar... Lágrimas descem-lhe pelas faces. Agradece a Deus a liberdade que dera aos filhos e que ninguém poderia tirar. A liberdade de sonhar.

A madrugada já ia alta, quando escuta o vozerio dos escravos que retomavam.

Nem bem haviam se deitado, quando novamente são despertados. Era o início de um novo dia incessante de trabalho.

Benedita acompanha-os para fora da senzala. O transporte logo chega para levá-los às plantações. No momento em que procura um lugar para acomodar-se, Celestino intervém. Manda-a de volta à senzala, dizendolhe para ficar lá e aguardar.

Enquanto isso, no interior da casagrande, Januário, como fera enjaulada, caminha de um lado para outro. Está completamente aturdido pelo acontecimento da noite anterior.

O plano bem elaborado para ficar com o patrimônio de Gregório fora reduzido a destroços.

A mente doentia buscava responsáveis, e o coração clamava por vingança.

Lavínia, junto dele, regozijava-se, por ver ali um campo propício para atuar. Esperava que ele se acalmasse para poder agir. Januário pensava reunir os coronéis dos engenhos vizinhos para juntos saírem à caça dos quilombolas. A represália desta vez seria violenta. Pensando assim, pediu para Rosa ir chamar Sebastião. Em seguida dirigiu-se para o escritório. Ao chegar, sentou-se, esperando apaziguar a mente. Era o momento aguardado. Lavínia se aproximou. Com sutileza, foi emitindo pensamentos, os quais Januário captava com facilidade:

” Os quilombolas não agiram sozinhos. Alguém deve ter dito a eles quando a fazenda estaria desguarnecida.”

Januário entredizia: ” É verdade! Como poderiam saber que não haveria ninguém? Terá sido Pedro quem os avisou?”

Na seqüência do diálogo, que pensava ter consigo mesmo, Lavínia conduzia seus pensamentos:

” Não poderia ter sido Pedro, pois, quando foi embora, ainda permaneceram na fazenda Carlos e Benedita. Carlos jamais faria isso. Portanto, só resta...

Benedita... gritou Januário, levantando-se. Maldita! Só pode ter sido ela! Mancomunada com os

quilombolas. Como não havia pensado nisso antes! Mas ela irá pagar pelo que fez! Juro que irá pagar vociferou Januário. Nesse ínterim, Sebastião abre a porta. Encontra o patrão completamente enlouquecido de ódio. Este, ao vê-lo, ordena-lhe:

Leve Benedita imediatamente para o galpão disciplinador. Faça-a confessar que esteve acumpliciada com os quilombolas. Não tenha piedade, pois terá de pagar de alguma forma o prejuízo que me causou.

Deixe comigo, patrão! Esta negra terá o castigo que merece respondeulhe, prazenteiro.

Saiu imediatamente para cumprir as ordens, tendo Lavínia por companhia.

Era com satisfação que levava os cativos para o dito galpão, ainda mais ao se tratar de escravas.

Logo mais, estavam adentrando a senzala. Não demorou para que ele a encontrasse. Levou-a aos empurrões porta afora. Otília saiu às pressas querendo saber para onde ela estava sendo levada. Vendo que o feitor enveredava para os lados do galpão, temeu pela sorte da amiga.

Lá dentro, o ferro em brasa a aguardava. Ao receber a marca no dorso nu, cerrou os olhos sem emitir um gemido. Lavínia, em total conluio com Sebastião, emitia pensamentos de crueldade. A chibata descia sobre Benedita sem lhe dar tréguas. Entre gritos para que ela confessasse o que não tinha feito, a brutalidade e a desumanidade se fazia presente, na simbiose de dois Espíritos agregados no mesmo sentimento maléfico.

Durara horas o nefando castigo. Fora submetida a todo tipo de atrocidade. Quando percebeu que ela estava inerte, sem dar sinais de vida, levou o corpo ensangüentado para a senzala. Ao chegar, jogou-o aos pés de Otília, dizendo:

Mande jogar o corpo no mato. Os animais hoje terão carne fresca.

Dizendo isto, se retirou. A velhinha, com o coração dilacerado, debruçou-se sobre o corpo da amiga aos prantos.

Durara tão pouco aquele convívio, pensava, mas como fora gratificante. De repente, para sua surpresa, Benedita se mexeu. Havia naquele corpo disforme, resquícios de vida. Acomodou-a da melhor maneira que pôde, indo em busca de suas ervas. Enquanto isso, no interior da casagrande, Januário conversa com Celestino:

Vá até às fazendas vizinhas convocar os coronéis para uma reunião. Peça-lhes para virem logo no começo da tarde. Diga-lhes também que o assunto pede urgência e que preciso da ajuda deles.

Está bem, patrão! Vou agora mesmo. Mas creio que eles sabem de antemão por que estão sendo chamados. A notícia do ocorrido já deve ter chegado até mesmo à Capital.

De qualquer maneira, mesmo que eles perguntem, não os faça saber a pauta da reunião. Agora pode ir e não se demore. Precisamos resolver isso ainda hoje.

Ao sair, deixa Januário a sós, arquitetando mil maneiras de vingar-se da ousadia dos negros.

Realmente, a notícia havia corrido como rastilho de pólvora. E não poderia ser de outra forma, porquanto essa não era uma característica dos negros fugitivos. Jamais haviam atacado fazendas, sem outra finalidade que não fosse para libertar os escravos.

Coronel Juvêncio havia se antecipado. Logo ao clarear do dia, mandara convidar os coronéis, para juntos discutirem o motivo que levara os quilombolas a agirem daquela maneira. Desde o assassinato de Gregório, guardara para si um fato o qual poderia modificar a versão dada por Januário para aquele dia fatídico.

Após estarem todos reunidos, passou a contar-lhes que,

no dia do assassinato, passara muito cedo pelo local. Reconhecera ser Tino o negro morto ao lado da estrada. Junto dele havia uma arma, que ele, Juvêncio, havia vendido alguns meses atrás para Januário. Não havia também, dizia, marcas de sangue no local. Isto significava que Gregório e Pedro ainda não haviam passado.

Portanto, creio que esta tocaia não foi preparada pelos quilombolas. Todos nós sabíamos do grande apreço deles pelo coronel. Da mesma maneira, os negros sabiam que fora Januário o autor dessa barbaridade. Comecei a desconfiar da trama, ao saber que ele estava negociando com Carlos a compra da fazenda.

A certeza dizia veio ontem, ao tomar conhecimento do que estava ocorrendo na propriedade que fora de Gregório. Creio que fica claro para todos nós ter sido esse episódio vingança dos quilombolas, por terem sido acusados por Januário de um crime do qual são inocentes.

Os coronéis responderam em uníssono que Juvêncio estava com a razão.

Nesse ínterim, chega Celestino dizendo que fora informado da reunião e que viera convidá-los para estarem com Januário no começo da tarde. Em seguida, após dar o recado, monta o cavalo, retornando para a fazenda.

Nas primeiras horas da tarde, vamos encontrar Januário no escritório, em preparativos para receber os coronéis. As cadeiras distribuídas, as bebidas preparadas, os argumentos para convencê-los a ajudá-lo, na ponta da língua. A última providência foi mandar Celestino abrir os portões. Agora, era só esperar que chegassem.

Para sua decepção, o único a chegar, como porta-voz dos outros coronéis, é Juvêncio.

Ao adentrar o escritório, Januário, todo solícito, convida-o: Sentese, por favor. Precisamos aguardar os outros membros para a reunião. Eles não devem demorar.

Juvêncio, sem ao menos olhar para a cadeira que lhe indicara, foi taxativo:

Eles não virão, estou aqui também em nome deles. Apenas quero dizer que, de agora em diante, não conte conosco para nada. Resolva os problemas que criou devido à sua ganância da forma que quiser. O fato ocorrido ontem nos trouxe a certeza do que desconfiávamos. Se tivermos de escolher entre o coronel e os quilombolas, certamente ficaremos com eles. Creio que nada mais há para dizer, somente que se mantenha longe deles e de nós, para não se arrepender.

Em seguida se retirou. Januário ficou pasmo. Não podia crer no que ouvira. Estava hirto na poltrona. Haviam descoberto toda a trama. Mas, como? Se fora tudo tão perfeito?

Januário começava a compreender que o crime não compensa; pelo contrário, via-se agora em situação complicadíssima. Dali para frente, precisaria tomar cuidado com seus desmandos. Acabara de perder o respeito e a amizade dos coronéis. Sem o respaldo deles, teria de colocar as barbas de molho. Ficou fechado no escritório durante o resto do dia, remoendo sua derrocada.

Enquanto isso, na senzala, Otilia, com os medicamentos que a mãe Natureza oferecia, procurava ganhar a batalha contra a morte. Cuidava de Benedita com esmero e dedicação. Juntou-se a ela nesta luta pai Joaquim, revezando-se dia e noite. Foram dias, semanas, em que a febre persistente fazia-a delirar.

Uma noite em que estavam ao lado da enferma, após uma convulsão, acreditaram que haviam perdido a batalha.

benezaladita sentiu-se transportada para um lugar inundado de luz. O jardim que se apresentava a sua frente era de uma beleza ímpar. Havia um banco no qual sentou-se, a fim de usufruir daquele eflúvio de paz. Estava deslumbrada com as maravilhas que captava, quando viu, junto de si, Amaru..

O querido amigo ali estava, sorridente, diáfano. Pegando em sua mão, disselhe, com brandura:

Precisa voltar, Benedita. A missão que escolheu, ao reencarnar, ainda demorará alguns anos. Não se esqueça de que é um Espírito em busca de reabilitação. O sofrimento que ora tem início é o ressarcimento de débitos milenares. A guerreira que disseminou sofrimentos e dores precisa se transformar na ,guerreira da paz. As cicatrizes que ostentará no corpo serão retiradas de sua alma. Na senzala, que tem como abrigo, está o seu povo. O mesmo povo que comandou nas guerras de conquistas. Tem para com eles uma dívida que pede ressarcimento.

Gregório reabilitou-se perante seus comandados e as leis maiores, ao exemplificar em cada ato praticado. Assim também deverá acontecer com você. Precisarás estar acima das crueldades Inumanas, pois, dentre todos, foi a mais cruel.

Benedita escutava as palavras de Amaru, derramando lágrimas em profusão. O amigo continuava elucidativo:

Foram séculos de preparação e lutas na Terra, a fim de reunir todos sob o mesmo teto. No momento aprazado deverá disseminar entre eles amor, respeito, compreensão, sobretudo perdão para os seus algozes.

Vai, Benedita, vá cumprir sua missão de amor. Estarei sempre com você. Também estou reabilitando-me perante as Leis do criador. Mas, para isso, preciso de seu concurso como medianeira. Abraçaram-se comovidos e Benedita despertou na

senzala. com a voz embargada pela emoção vivenciada, chamou oília. Foi o primeiro sinal de recuperação. conforme os dias passavam, ela se fortalecia, enquanto januário tinha de arcar com os danos. Da rica fazenda de gregório restara-lhe apenas as terras, assim mesmo, improdutivas. Devido ao prejuízo, não sobrara recursos financeiros para a compra de escravos. A propriedade que alardeava, orgulhoso, transformara-se em destroços. em contrapartida, as fazendas vizinhas progrediam em

ritmo acelerado. Havia um nobre motivo. Após os quilombolas serem acusados injustamente pela morte de Gregório, os coronéis começaram a respeitá-los.

Da mesma forma, os escravos, em suas fazendas, passaram a ter melhores condições de vida. Os troncos foram derrubados, instrumentos de tortura proibidos, os grilhões abertos, pois não existiam mais fugas. Adotaram também uma prática de Gregório. De vez em quando, deixavam víveres do lado de fora da porteira, para que os quilombolas viessem buscar à noite. A região, enfim, vivia em clima de paz.

Gregório, do Plano Espiritual, sentia-se venturoso, ao ver que sua morte não fora em vão.

Amaru a seu lado dizia: O mal, quando nos atinge, é o bem que está nascendo. Gregório e Amaru, pai e filho, unidos por afetos seculares, acompanhavam esperançosos a trajetória de Benedita.

## CAPÍTULO 13 O TESTEMUNHO MAIOR

Corre o ano de 1850. Nesse ano, através da Lei Euzébio de Queirós, punha-se fim ao tráfico negreiro. Na casagrande, nascia o filho de Januário com a cativa Rosa. Embora ansiasse pela chegada de um rebento, não reconheceu sua paternidade, devido à cor mulata.

Para Benedita, vários anos de amarguras haviam passado, desde que chegara à fazenda. O corpo estava marcado por cicatrizes, mas a alma límpida. Cada açoite, Cada padecimento limpava as manchas perispirituais que carregara durante séculos.

Apenas o rosto não fora marcado pelo chicote do feitor. conservava ainda a beleza herdada da mãe. Durante anos encontrara em Otília e pai Joaquim o amparo ao sofrer os agulhões da dor. foi pelas mãos abençoadas desses

dois amigos que conseguiu se adaptar à sua nova condição. não fora a presença deles, talvez

169

tivesse sucumbido.

A vida na senzala era muito difícil. A promiscuidade e a falta de pudor era sem limites. No suicídio encontravam a porta para fugirem dos maus-tratos e do trabalho sem tréguas. Era para eles uma prática corriqueira. Não havia também amizade entre eles. Cada um procurava prejudicar o outro, desde que, com isso, caísse nas graças dos feitores.

Há alguns anos, Otilia e pai Joaquim haviam retornado a Pátria Espiritual. Benedita sentia profundamente a ausência deles. Desde que se haviam despedido das lutas terrenas, ficara cada vez mais difícil sua vivência no ambiente em desalinho.

Ao rechaçar as investidas dos negros, era perseguida e delatada por ações que não praticara. Recebia, sem lamentos, os açoites que não merecia.

Lavínia também não lhe dava tréguassurgira na região,não se sabe como, um boáto.. Fizera dos feitores seus verdugos.

Os olhos profundos refletiam a tristeza, por nada poder fazer, para modificar aquela vida desregrada. À noite, ao tratar de seus ferimentos, convidava-os para se unirem através da prece. Recebia, da parte deles, escárnio e zombaria. Por mais que tentasse, não conseguia chegar aos seus corações.

Entretanto, não esmorecia, confiava nos desígnios da providência,Conforme o tempo passava, mais amor sentia dentro de si por aquelas criaturas.

Seu trabalho era na plantação de cana. Acordava toda manhã antes de o sol nascer, só retornando quando o véu da noite encobria a fazenda.

Quanto a Januário, tivera de conformar-se e arcar com os prejuísos,quando do incêndio que destruíra o ambicionado patrimônio de greggório. Apenas

lhe restara as terras, as quais estavam improdutivas. Dois eram Os motivos: primeiro porqui não possuía condições financeiras para fazê-las produzir; segundo,

não conseguira vendê-las pois

desce da carroça e se aproxima de Benedita:

Você precisa ir até à casagrande. Sinhá Júlia não passou bem a noite. A dor de cabeça, que há tempos não a atormentava, voltou-lhe de forma violenta. Passou entre lamentos a madrugada toda.

Está bem! Vou providenciar algumas ervas e irei em seguida.

Enquanto sai à procura de seus medicamentos, Rosa entra no compartimento onde estão as esteiras.

Ao retornar, Benedita assusta-se ao dar de encontro com a cativa saindo do local. Esta, de forma que não lhe é peculiar, fala educadamente:

Estava a sua espera, para juntas irmos até a casagrande. Então vamos, já peguei as ervas necessárias. Vamos depressa, pois teremos de percorrer um longo caminho.

Saíram as duas. Ao longo da estrada, poucas palavras trocaram. Rosa nunca escondera a antipatia que sentia por Benedita. Meia hora após, chegavam à sede. Sem demora foi conduzida aos aposentos de Sinhá Júlia. Esta a aguardava entre lamentos. Ao vê-la, implorou:

Por misericórdia! Tire de mim esta dor. Não agüento mais, creio que vou enlouquecer...

Benedita se acerca do leito. Coloca a mão na fronte da patroa, fazendo uma pequena prece a meia voz.

Júlia imediatamente sentese melhor. Abre os olhos, dizendo:

Sintome perfeitamente bem! Não sei qual o poder que você tem, pois basta aproximar-se para me restabelecer.

É o poder da fé, sinhá!...Onde vigora o amor, ela está presente. Desse modo, podemos auxiliar nossos semelhantes.

Na verdade, o mal, de que sofria Júlia, era causado por Lavínia. Quando Benedita se aproximava, ela perdia o poder. A prece proferida modificava o ambiente servindo

172

## GRAÇA LEÃO

de escudo por um longo período. Os chás auxiliavam, por conter relaxantes, fazendo adormecer.

Passado algum tempo, em doce sonolência, Júlia lhe diz: Vai, Benedita... Vai cuidar do seu jardim e de suas flores. Em seguida, entrega-se ao sono. O jardim, a que ela se referia, começara a ser cultivado desde a primeira vez em que fora chamada para atender a lia troa. Júlia, querendo mostrar-se agradecida, solicitara que ela lhe fizesse um pedido. Benedita, sentindo-se saudosa do aroma das flores; pedia-lhe:

O que mais desejo, sinhá, é cultivar um jardim aqui ao lado da casagrande, como tínhamos na fazenda do meu antigo sinhô.

Júlia era uma boa alma. Não só lhe dera permissão como, nas tardes de domingo, dia de descanso dos escravos, passava as tardes junto de Benedita, auxiliando-a no cultivo.

Conversando, passaram a se conhecer melhor. A patroa começara a perceber que a cativa trazia conhecimentos extraordinários da vida. Esses conhecimentos muito a auxiliaram a suportar a indiferença do marido. Diversas vezes rogara a Januário que permitisse trazer Benedita para morar na casagrande. Porém, seu pedido era sempre rechaçado. Tivera de conformar-se em vê-la apenas nos domingos. Agora vamos encontrar Benedita junto de suas flores. As rosas, ainda em botão, parecem conhecer sua cultivadora. Ao seu toque, exalam perfumes inebriantes. O dia passa rápido nesse recanto de paz.

À tardinha, Benedita caminha estrada afora. Pensa, Mntisfeita, que no dia seguinte será domingo e estará novamente junto de suas flores.

Durante a noite, após uma briga entre dois escravos, não consegue conciliar o sono. Seus companheiros de cativo

O. SOL NASCE PARA Tomos

173

ficavam cada dia mais violentos.

Só mais tarde consegue finalmente dormir. Logo ao acordar pela manhã, dirige-se ao canteiro de ervas que cultivava atrás da senzala. Distraída, coloca terra nas tenras plantinhas quando escuta um tropel de cavalos e o barulho característico da carroça.

Imediatamente vai ver do que se trata. Seu coração pulsa forte, imaginando alguma desgraça. Sebastião desce do veículo segurando Rosa pelo braço e leva-a aos safanões para dentro. Logo atrás vem Júlia, aos gritos, chamando-a de ladra. Januário apeia do cavalo, seguindo-os. Benedita fica com pena de Rosa. Sabe o que significa uma mucama roubar sua sinhá. A marca do ferrete em brasa na face irá marcá-la para sempre como ladra.

De repente, lembra da cativa saindo do compartimento das esteiras no dia anterior. Num ímpeto, corre até lá, revirando tudo. Até que, em dado momento, encontra um anel. Não pensa duas vezes, tendo-o nas mãos, corre até o galpão. Ao chegar, a primeira coisa que lhe chama atenção é o ferrete junto às brasas. Sem pestanejar e quase sem fôlego pela corrida, ajoelha-se diante de Júlia abrindo a mão. Com olhos suplicantes, confessa:

Não foi Rosa, sinhá! Fui eu que o roubei ontem, quando estive na casagrande.

Júlia fica perplexa. Conhecendo Benedita, sabia não ter sido ela quem lhe surrupiara o anel. Mas nada poderia fazer para livrá-la do castigo.

Rosa estava boquiaberta. Jamais imaginara tanto desprendimento numa criatura a quem sempre tratara mal. Lavínia tentara de todas as formas tirar a filha da enrascada que se metera. Contudo, não lograra êxito. E agora ela, a sua maior inimiga, assumia diante de todos uma culpa que não lhe pertencia.

174

## GRAÇA LEÃO

Januário mantinha-se cabisbaixo, não conseguia olhar para a cativa ajoelhada diante de Júlia. Estava ciente de sua inocência.

Até mesmo Sebastião, ao se aproximar para erguê-la, olhou-a com respeito. Mas o castigo precisava ser ministrado. Levou-a até onde estava o ferrete, marcando-a na face.

Benedita perdera a beleza, mas a alma resplandecia. Seus olhos não puderam ver a cena comovedora. Lavínia beijava seus pés, pedindo-lhe perdão. As lágrimas vertidas lavavam o coração do ódio acumulado durante séculos.

Neste momento, duas mãos se estendem em sua direção auxiliando-a a se levantar. Era Amaro. Lavínia, então, pedelhe para tirá-la dali.

Terminara a perseguição. Eis o ato de amor transformando as criaturas! Dentro daquele galpão disciplinador, de uma maneira ou outra, todos receberam sua disciplina. Mas esta era diferente de todas as outras, porque estava embasada no Amor.

Ao saírem, Júlia abre a mão, olha para o anel e entrega a Rosa. Compreendera que a lição recebida valera mais que aquela jóia.

Benedita saiu do barracão com o rosto desfigurado. No coração empedernido de Januário, havia sido plantada a primeira semente de bondade. Olhando-a, diz:

Nos próximos dias, não precisa ir trabalhar. Permaneça na senzala até ficar recuperada.

Logo mais retomavam à casagrande em profundas reflexões.

Durante a noite, Benedita se debatia. A dor da queimadura era insuportável. Não conseguia nem mesmo coordenar os pensamentos, a fim de buscar alento na prece.

Amam então se aproxima. Coloca a mão em sua fronte fazendoa adormecer. O corpo adormecido, o espírito libera-se. Dentro de instantes ela está ao seu lado.

Sorrindo, o querido amigo lhe fala com brandura:

O SOL NASCE PARA TODOS

175

Benedita, enfim chegou o momento tão esperado. Você saiu vitoriosa ao passar pela última prova. Portanto, movimenta suas mãos agora no trabalho construtivo, em favor desses irmãos, os quais lhe foram subordinados no passado. Tem deveres para com eles diante de sua consciência. A liberdade dessas almas depende do que irá ensinar, fazendo que desabroche o perdão em seus corações. Ajuda-os a compreender as Verdades Espirituais.

No momento oportuno, ao sentir minha presença, abra sua mente para que eu possa auxiliá-la. Deverá empenhar-se para que eles construam uma nova vida baseados na compreensão, na fraternidade, na paz e sobretudo no perdão para com seus senhores. ‘

Quantos séculos esperou para tê-los junto com você. A hora é chegada, a hora de se redimir perante o seu povo.

Que Jesus abençoe o caminho que começa a palmilhar. O caminho da Verdade e da Vida.

Quando Benedita começou a despertar pela manhã, estranhou o silêncio na senzala. Os escravos haviam ido para o trabalho sem o alarido costumeiro.

Abriu os olhos devagar, deparando-se com Rosa. O sorriso da cativa era um convite ao diálogo:

O que faz aqui, Rosa? Vim ver como você passou a noite e saber por que se acusou, livrando-me do castigo merecido.

Foi com voz serena que lhe respondeu: Creio que, ao pegar o anel da sinhá, você não fez por mal. Não precisavam impingir-lhe um castigo tão brutal. É muito moça ainda para carregar o peso desta marca. Perderia com isso as regalias que tem com seu filho na casagrande. Mas você não pensou que estaria carregando este estigma sem o merecer? perguntou-lhe Rosa.

Quem poderá dizer que não merece algo? Nada sabemos de nosso passado comprometedor. A vida é uma caixinha de surpresas, que vamos abrindo aos poucos. Hoje

176

## GRAÇA LEÃO

acordei sentindo-me bem e com o coração em paz. Não sinto mais a ardência da queimadura. Portanto, não se preocupe comigo, e enxugue suas lágrimas.

Rosa olhava para Benedita com carinho e admiração, continuando a falar:

Perdoe-me por todas as vezes em que a maltratei. Hoje tenho consciência do que fiz e sei que você não merecia. Por isso, peço a oportunidade de me redimir deixando-me ser sua amiga.

Benedita, tomando as mãos de Rosa entre as suas, responde-lhe:

Ontem nada possuía, mas hoje já acordo tendo uma amiga ao lado. Só me resta agradecer a Deus pelo selo de nossa amizade.

Lavínia, ao lado da filha, sentia-se feliz e em paz. Aproximando-se de Amaru, pediu:

Leve-me daqui, preciso reaprender a amar. Ele, pegando-lhe pela mão, reconduziu-a às Esferas Espirituais.

Quando Rosa saiu da senzala, a tarde já ia avançada. Benedita levantou-se para ir em busca das ervas. Precisava deixar preparadas as poções medicamentosas para os escravos.

À noite, quando eles retornam do trabalho, ela surpreende-se com a transformação ocorrida. Eles aproximavam-se tímidos, perguntando-lhe como estava. Percebeu que o ambiente se tornara mais ameno.

O ponto crucial da transformação ocorrida foi no momento da prece que sempre fazia antes de medicá-los. Mostraram-se respeitosos, acompanhando cabisbaixos, até que terminasse. Benedita, com lágrimas a deslizar pela face, compreendera a abertura que aquele estigma divino lhe trouxera.

Começava, assim, a transformação de seu povo.

177

## CAPÍTULO 14 TRANSFORMAÇÃO MORAL

Após os últimos acontecimentos, começava para Benedita uma longa e árdua tarefa. Libertar aquelas mentes escravizadas no ódio e na revolta, para a compreensão e fraternidade. Precisava fazê-los compreender que a escravidão do corpo era a porta pela qual libertariam o espírito. Que os sofrimentos pelos quais passavam, eram processos evolutivos que obedeciam a leis maiores. Sentindo-se livre por conhecer a verdade, seu dever agora era libertá-los. Sabia não estar só nesse empreendimento, pois há vários meses sentia a presença constante de Amaru.

De certa forma, já conseguira dar um passo importante, ao aceitarem as preces, as quais fazia inspirada pelo amigo tutelar. Era com respeito e lágrimas nos olhos que escutavam as palavras revestidas de luz. Através delas, o ambiente antes tenso e sombrio tornara-se calmo e sereno.

Benedita havia retornado ao trabalho, que agora era no

## GRAÇA LEÃO

engenho. A mudança fora devido ao pedido que Rosa fizera a Januário. A dificuldade de locomover-se, devido à idade e ao inchaço nas pernas, causado pela erisipela<sup>16</sup>, impossibilitava-a de trabalhar na plantação.

Contudo, estava feliz, pois percebia que os escravos, ao voltarem da labuta, cercavam-na sedentos pelas palavras consoladoras das preces.

Com o passar dos dias, um fato veio confirmar que estavam diante de algo para eles desconhecido. Amam, aproximando-se da pupila de forma mais ostensiva, modificara suas feições. O rosto de Benedita estava mais cheio, a marca terrível da face direita deixara de existir. Esse fenômeno, tão bem descrito em O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, é chamado transfiguração.

A voz calma, serena, dominava a todos. A mensagem, que trazia, exortava-os a trabalharem pela transformação interior. Esclarecia-os de que a condição de cativos era um processo educativo necessário, o qual não deveriam desperdiçar em lamentações e revolta com os senhores. Deveriam perdoar-lhes, dizia, pois o perdão traria a paz aos corações.

- Não condenem os que assim agem; antes, procurem compreendê-los. Também terão a devida corrigenda no momento oportuno. Todo poder na Terra é temporal, tanto o poder da riqueza, como o poder sobre as criaturas.

A paz, a solidariedade e a fraternidade devem ser o farol a nos conduzir pelas sendas evolutivas.

A sementeira no solo terreno é vasta. Sejamos os semeadores da paz, porque um dia colheremos os frutos sazonados de nossos atos, e que sejam saborosos e não amargos. Pois, o amargor que causarmos aos outros, retornará em novos sofrimentos.

A Terra é o Educandário Divino. Jamais devemos sair dessa

16 ERISIPELA - Moléstia cutânea de caráter infeccioso.

O Soi. NAtiCli PARA Topos

179

escola esgueirando-nos pelas portas do suicídio, porque, os que assim agem, depõem as armas no campo da luta individual, gerando conflitos maiores.

A vida na Terra nos prepara para que, um dia, despidos de nossos erros, possamos agir como coadjuvantes da Criação. A herança a nós legada abrange a humanidade inteira, ricos ou pobres, brancos ou negros, porque emana de Deus, Pai de todas as criaturas. Essa herança se chama Amor. E só o Amor cobre a multidão de pecados.

Os escravos absorviam hipnotizados aquelas palavras, como sedentos, fartando-se na fonte divina.

Naquela senzala, o ambiente era de serenidade e respeito. Recebiam a primeira lição: a de romper as barreiras da ignorância, libertando o coração para sentimentos maiores. As lágrimas banhavam-lhes as faces, deixando-os com as almas cheias de esperança.

Quando Amaru terminou sua primeira prédica, Benedita saiu do transe mediúnico e retornou ao estado de vigília. A imensa cicatriz se faz visível outra vez, repuxando-lhe o rosto, mas os olhos brilham de emoção.

E assim, nos dias subseqüentes, amparada pelo amigo espiritual, retomava o comando de seu povo. Começava, para eles, novas guerras de conquistas. A conquista da libertação.

Após retornarem da labuta diária, cercavam-na ávidos pelas exortações sublimes no valoroso aprendizado. Com respeito, magnetizados pela fé que nascia em seus corações, despiam-se da agressividade de uns para com os outros, disciplinando-se para um feliz convívio.

Dia a dia, a mudança se fazia visível. As brigas constantes e os suicídios, que até então eram práticas comuns, deixaram de existir.

A transformação começou a causar estranheza nos feitores e até mesmo em Januário. Os escravos estavam mais dóceis. Na plantação e no engenho, o trabalho

180

## GRAÇA LEÃO

progredia. Com isso, a fazenda voltara a prosperar.

Certo dia, cavalgando por suas terras, Januário surpreendeu-se ao escutar o canto dos cativos.

Retornando à casagrande, mandou chamar Sebastião. Este, ao chegar, cumprimentou-o perguntando:

Bom dia, patrão! Mandou me chamar? Queria que me explicasse o que está acontecendo com os escravos. Há pouco escutei uma cantoria vindo da plantação. É a primeira vez que isso acontece. Vejo que estão felizes e o trabalho tem progredido a olhos vistos, proporcionando-me quitar as dívidas acumuladas no decorrer dos últimos anos.

Essa transformação, que causa estranheza ao coronel, para nós, que vivemos próximos à senzala, traz medo e preocupação. À noite, não há mais brigas e discussões. Em vez disso, apenas o silêncio impera. Estivemos reunidos com os capatazes e chegamos à conclusão de que esses negros estão arquitetando alguma revolta. A calma com que agem nos últimos meses é apenas para nos enganar. Precisamos ficar atentos e de vigília, a fim de que não nos peguem desprevenidos. Januário pensou por uns instantes. Não conseguindo achar resposta convincente para toda aquela mudança, pediu-lhe: A partir de hoje, procurem ficar à espreita do lado de fora da senzala, a fim de escutarem o que estão tramando. Não creio que seja alguma revolta, pois há alguns anos esta região vive em paz. Mas é sempre melhor prevenir do que remediar.

Está bem, patrão! Assim será feito. Se houver alguma novidade, será o primeiro a saber.

Dito isso, retirou-se, retornando ao trabalho. Ao chegar a noite, Sebastião, em companhia dos demais feitores e capatazes, aguardava próximo à senzala. Passado algum tempo, tudo ficou silencioso. Era o momento

## O SOL NASCE PARA TODOS

181

propício para agirem. Foram chegando mansamente. Com os ouvidos apurados e olhos atentos, procuravam descobrir o que se passava naquele recinto.

Alguns instantes depois, a voz calma de Benedita se fez audível. Convidava os irmãos de cativeiro para se unirem em pensamento através da prece. Com a sensibilidade que lhe era peculiar, conforme proferia as palavras, saturava o ambiente de eflúvios de paz. Em certo momento, a voz foi ficando diferente, chamando a atenção daqueles que estavam do lado de fora.

Através das frestas da parede e da luz bruxuleante do fogo de chão, Sebastião conseguiu ver o exato momento em que Amaru, aproximando-se da pupila, modificava suas feições. Espantado com o que acabara de presenciar, apurou ainda mais os ouvidos.

O Espírito amigo, sabendo de antemão que estaria sendo ouvido, foi conduzindo a pré-dica da noite, de forma que suas palavras tivessem ressonância naqueles corações empedernido.

Dissertando sobre os tesouros espirituais que aguardava os que bem se conduzem na vida terrena, despertava-os para o milagre da transformação. A felicidade que todo indivíduo busca como meta, dizia, só poderá ocorrer com paz na consciência. No primeiro momento, aquelas palavras caíam-lhes como lanças no coração. A vontade era fugir, mas estavam imantados ao solo. As pernas não obedeciam ao comando da mente. Era como estar ante um tribunal. Seus sentimentos mesquinhos e cruéis estavam expostos de forma a desvendar seus corações. Dos olhos ressequidos, lágrimas brotavam ao constatarem a pobreza de seus sentimentos.

Ao término da exposição salutar, Amaru convida-os a não desperdiçarem o tempo que lhes é dado pela

## GRAÇA LEÃO

Misericórdia Divina:

Aproveitem-no para melhor se conduzirem pelas veredas da vida. Desta forma, ao chegar o dia de fecharem os olhos físicos nesta vivência pela qual ora transitam, possam vislumbrar as maravilhas que os aguardam nas muitas moradas da Casa do Pai. E que a morada seja de paz, por terem cumprido a Lei do Amor na convivência com o próximo.

A voz de Benedita foi retomando o tom característico. As feições próprias voltaram à fisionomia da escrava. O silêncio tomou conta do ambiente...

Aos poucos, foram se aninhando uns próximos dos outros.

Sebastião e os demais saíram dali cabisbaixos. Pensavam na cama macia e aconchegante que os aguardava.

No dia seguinte, logo cedo, Januário manda chamar o feitor, para que venha ao escritório.

O empregado chega, toma assento em frente ao patrão. Este não se fez esperar e foi logo interpelando-o:

E então! descobriu alguma coisa?... O que os negros estão tramando? Alguma revolta?

Sebastião fica em silêncio por alguns instantes, sem saber como expor o acontecido. Logo depois diz:

Coronel! Falar sobre o que aconteceu, foge do meu entendimento. Só posso lhe afirmar que o fato presenciado e a lição recebida trouxeram-me outros valores. Minha alma insensível transformou-me em verdugo desses escravos. Os desmandos que cometi, não posso modificá-los. Contudo, doravante quero transformar-me em um novo homem, a fim de retratar-me perante minha consciência. Sendo assim, a partir de hoje, a chibata deixa de

ser minha ferramenta de trabalho. Deixarei esta fazenda, fortalecido pela vontade de modificar o rumo de minha existência.

Januário surpreende-se. Não conseguia ver diante de si o feitor de outrora, temido pelos escravos. O homem diante dele, demonstrando uma vontade férrea de transformação,

## O SOL NASCE PARA TODOS

não era o mesmo. Quem o visse, não o reconheceria.

Sebastião prossegue: Perdoe-me, coronel! Não leve a mal minhas palavras, e, se o desapontam, peço que me desculpe. Como já lhe disse, sou outro homem, com outros valores. Nada daquilo que pensamos possuir tem real valor. Somente carregamos o que fizemos de bom ou de mal. Espero que Deus possa me perdoar, dando-me uma nova chance. Só me resta agradecer sua amizade e pedir-lhe que me compreenda.

Embora sem nada entender, Januário argumenta, tentando tranquilizá-lo:

Procure acalmar-se! Não sei o que ocorreu, mas peço não deixe a fazenda. Crescemos juntos e sempre o considere um irmão. Se não pode detalhar-me o ocorrido, pelo menos dá-me tempo para me inteirar da situação. Nos próximos dias estarei ocupado devido à visita de meu sogro, mas, logo que for embora, irei pessoalmente à senzala para saber o que está sucedendo.

Erguendo-se da poltrona, aproximou-se de Sebastião, tocando-lhe ó ombro:

Vai até a plantação e acompanhe o trabalho dos escravos. Mantenha a calma até resolvermos esta situação.

O empregado saiu cabisbaixo, com vestígios de lágrimas nos olhos.

Januário volta a sentar-se. Esfregando a mão na fronte, pensa: O que terá levado esse homem a modificar-se? Sempre foi um dos melhores feitores da fazenda. As ordens dadas, assim como os castigos, cumpria à risca. Agora me vem com essa novidade!

Quanto mais pensava, mais curioso ficava. Entretanto, teria de aguardar até poder desvendar o mistério.

Ao cair da tarde, recebe a esperada visita. Seu sogro, próspero cafeicultor, morava em Vassouras, na antiga província do Rio de Janeiro. Apesar de Júlia ser

184

## GRAÇA LEÃO

sua única filha e estar viúvo, raramente vinha visitá-los. O motivo de sua vinda fora a carta que recebera. Júlia lhe pedia que a viesse buscar, não suportava mais a maneira que era tratada em seu próprio lar. Preocupado viera em socorro da filha.

Com o passar dos dias, viu que a filha estava certa. Januário, não conseguindo disfarçar a predileção que tinha por Rosa, passava as noites em seu quarto. Ao ser repreendido pelo sogro, nada dissera, pois, perante a evidência dos fatos, não havia argumentos.

E Júlia foi embora, indo morar definitivamente com o pai. Na despedida, não houve lágrimas. Apenas a triste constatação de que a união por interesse está fadada ao fracasso.

Enquanto isso, Sebastião e os demais trabalhadores assalariados, compenetrados pela nova realidade, passaram a freqüentar as reuniões na senzala.

Primeiramente ficavam do lado de fora. Queriam entrar, mas não sabiam como proceder.

Benedita, sempre solícita, ao saber da presença deles, convidou-os a participar. Sem vacilar, aceitaram o convite.

Dia a dia, aprendiam novas lições que os conduziam a uma vida mais serena. Aquelas reuniões abriam-lhes espaços até então ignorados. Mais conscientes dos reais valores da vida, deixaram de castigar os escravos.

Estes, por sua vez, trabalhavam de comum acordo, fazendo com que o serviço prosperasse.

Alguns dias após Júlia ter deixado a fazenda, Januário lembrou-se da conversa com Sebastião. Pensou em chamar o feitor e informar que à noite iria à senzala. Mas mudou de opinião. Seria melhor que ninguém soubesse.

À noite, montado em seu cavalo, circundou a casagrande tomando o caminho que levava à senzala.

Chegando nas proximidades, deixou o animal

## O SOL NASCE PARA TODOS

185

amarrado. Fez o percurso que faltava a pé, esgueirando-se por entre as árvores, tomando cuidado para não ser visto. Procurou um lugar junto à parede, onde as frestas lhe dessem condições de ver o que se passava.

Ao olhar para o interior, surpreendeu-se com a presença dos feitores e capatazes, sentados sobre os calcanhares junto aos escravos. Conversavam amigavelmente em voz baixa.

Logo a seguir, surge Benedita. A voz clara, serena, se fez ouvir dando início à prece.

Desde o primeiro momento, sentiu-se fortemente atraído pelas palavras que estavam sendo proferidas.

Foi com assombro que viu sua transfiguração, ao mesmo tempo em que via pequenas luzes que iam e vinham em graciosos movimentos, percorrendo toda a senzala, detendo-se ora em um, ora em outro dos participantes.

Ao término da prece, postados em posição de respeito, ansiosos, aguardavam para ouvi-la.

Amaru, utilizando-se das cordas vocais de Benedita, se fez audível.

Querido irmãos. Roguemos ao Nosso Pai Celestial que nos abençoe. Estamos mais uma vez aqui reunidos para degustar o Pão Espiritual a nós ofertado pela Misericórdia Divina.

Vamos hoje falar sobre o maior dos mandamentos: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”.

Amar a Deus sobre todas as coisas significa termos deveres com Ele, pois fomos criados a Sua imagem e semelhança. Estes deveres nos levam ao Amor, pois só ele nos torna mansos e pacíficos.

Cultiva em nós a paciência, a tolerância, a compreensão e sobretudo o perdão para com os semelhantes. O compromisso com eles é o que temos conosco. Portanto, devemos amar a todos que conosco convivem, quer na figura dos companheiros de senzala, ou dos feitores ou senhores.

Não lamentem e nem culpem ninguém de seus sofrimentos. É no cadinho da dor que sorvemos o remédio amargo e necessário,

186

GRAÇA LEÃO

O SOL NASCE PARA Tonos

187

que irá nos curar para a eternidade.

Nunca estamos ou estaremos sós nas peregrinações terrenas. Se prestarmos atenção na história de nossa vida, iremos ver nas entrelinhas a mão de Deus a nos conduzir.

O sofrimento que nos visita não é por acaso, pois o acaso não existe. O que existe é a vontade do Pai Celestial, que sabe do que seus filhos necessitam.

A segunda palavra para traduzir Amor chama-se caridade. A caridade para com o próximo significa respeitar os direitos alheios, ajudando as criaturas no limite de nossas forças.

Entretanto, nem sempre é assim. Por total desconhecimento do valor da caridade, muitos levam seus irmãos ao desespero e sofrimentos desnecessários, sem saberem que não devem fazer aos outros o que não aceitam para eles mesmos. Pois, “com o mesmo ferro com que ferirem, também serão feridos”. Essa é uma lei a que todos estamos sujeitos.

Cada um de nós tem uma tarefa diferente que nos conduz ao mesmo objetivo, que é progredir sempre. O indivíduo que nesta existência, examinando o passado, melhorar-se, certamente aliviará o peso de sua cruz, no futuro. Por isso, é bom que prestemos atenção em nossos atos diários. A vigilância é necessária, para não recalcitrarmos em velhos erros.

Do lado de fora, pela mente de Januário, desfilavam, como num filme, as atrocidades cometidas.

Amaru, por meio da mediunidade de Benedita, continuava sua prédica, alertando:

Por isso, queridos irmãos, precisamos nos compenetrar de nossos deveres perante Deus, respeitando-nos mutuamente. Sejam solidários às necessidades de cada um, apiedando-nos da dor alheia. Se ajudarmos aos semelhantes, estaremos ajudando a nós mesmos, porquanto estaremos ligados por laços indestrutíveis. A humanidade inteira, sem distinção, provém do mesmo Pai. Portanto, não nos importemos com a cor que nesta existência nos cobre, porque, em essência, somos todos iguais. Deixemos que o amor seja o elo de ligação. Dessa maneira

estaremos nos ligando a Deus.

A reunião foi encerrada com uma prece sentida ao Criador. Pouco a pouco, o silêncio envolveu o ambiente. Januário, da mesma forma que chegara, retornou, sorrateiro, à casagrande.

Ao chegar, não foi para o quarto de Rosa. Dirigiu-se aos aposentos que dividira com Júlia. Precisava ficar só, queria pensar. As palavras que escutara, estavam vivas em sua mente.

Deitou-se no leito, sem mesmo despir-se. Quando o sono chegou, veio acompanhado de cenas terríveis.

Os desmandos cometidos ganhavam vida na figura dos negros morrendo no tronco, cortados pelas chibatas dos feitores. No galpão disciplinador, via a si próprio ordenando castigos cruéis. Os negros mortos levantavam-se, acusando-o de assassino. Aterrorizado, procurava esconder-se daquelas cenas dantescas; mas, umas sucediam-se às outras. Revia, com assombro, Tino caído à beira da estrada e Gregório mergulhado numa poça de sangue. Num ímpeto de desespero, montou em seu cavalo procurando fugir. Cavalgava sem saber que rumo tomar.

De repente, começou a sentir sede. A garganta estava seca. Subitamente, deparou-se com um riacho de águas cristalinas. Apeou do cavalo achegando-se para beber. A sede o estava atormentando. A água que deslizava por sua mão era límpida, fresca, mas teve medo. Poderia conter algum veneno corrosivo.

Nisto avistou do outro lado do riacho, Izidoro, seu saudoso avô. Este o convidava a beber daquela água até se fartar.

Januário despertou banhado em suor. Sentou no leito. Não queria voltar a dormir, estava alquebrado e exausto pelas cenas vivenciadas.

I

188

## GRAÇA LEÃO

Quando os primeiros raios de sol despontavam no horizonte, resolveu inspecionar o engenho. Montou em seu cavalo e para lá se dirigiu. Cavalgava melancólico, pensava no sonho e na palestra da noite anterior na senzala.

Lágrimas ardentes corriam de seus olhos banhando-lhe as faces. O remorso começava a corroer-lhe o cérebro. Num impulso de arrependimento, elevou,

súplice, o coração para o Alto. Rogou a Deus para que se condoesse de seus erros, concedendo-lhe nova oportunidade redentora.

Uma serpente atravessou seu caminho assustando o cavalo. Este corcoveou atirando-o ao solo.

Um dos feitores, que estava próximo do local, correu a fim de socorrê-lo.

É o coronel! gritou. Januário sentiu uma picada no braço e não viu mais nada; desfaleceu. O feitor chegou a tempo de ver a cobra, que continuava seu caminho. Desferindo-lhe um golpe mortal, verificou não ser venenosa.

Logo em seguida, gritou pedindo ajuda dos capatazes que estavam nos arredores. Com cuidado, conduziram o patrão desfalecido até a casagrande.

Depois de acomodá-lo devidamente, um deles foi em busca de Benedita, a fim de medicá-lo com suas ervas.

Passado algum tempo, ela chega prestimosa junto ao leito. Examina a ferida causada pelo réptil, constatando não ser grave.

Januário foi abrindo os olhos lentamente. Ao deparar-se com Benedita, queixou-se:

Não sinto minhas pernas! Parece que estão mortas! Imediatamente, ela se dirige a Sebastião. Pedelhe para ir à Capital buscar um médico. Teme que o estado de Januário seja mais grave do que parece.

Em meio à tarde, o médico chega para examiná-lo. Após algum tempo, o enfermo rompe o silêncio,

O SOL NASCE PARA TODOS

189

procurando saber: E então, doutor! Meu estado é grave? Sinto informá-lo, coronel! Mas a queda trouxe-lhe conseqüências irreversíveis. Infelizmente, fraturou a coluna vertebral.

E o que isso quer dizer? Por favor, explique, doutor!. Isso quer dizer que terá de ficar neste leito o resto de seus dias. O fato de não sentir as pernas significa que estão paralisadas. Sinto muito! Mas nada posso fazer.

Januário procurou disfarçar as lágrimas indiscretas que teimavam cair de seus olhos. Benedita, um pouco tilais distante, sentiu enorme piedade daquele homem que iniciava seu calvário. A serpente havia sido o instrumento para tolher-lhe a liberdade.

Enquanto todos se retiravam perplexos e penalizados, ele, consciente da gravidade de seu estado, pede para Benedita permanecer ao seu lado.

Ao ficarem sós, com olhos súplices, lhe fala: Perdoe-me pelo mal que lhe causei. Fique comigo e ensiname a viver. Quero reabilitar-me perante as leis do Criador. ” Extremamente comovida, responde-lhe com doçura: Assim será, pois já demonstra vontade. Sair deste leito será impossível, mas estou resignado. Terei de me conformar e, para isso, não há nada como o tempo.

Sábias palavras, coronel! O tempo é remédio salutar que sorvemos aos poucos, trazendo a cura para os males da alma.

Januário fica em silêncio por uns instantes. Depois faz um convite:

Seria bom tê-la sempre por perto. Sendo assim, gostaria que viesse morar aqui na casagrande.

Diante do inesperado convite, Benedita responde serenamente:

## 1 90

### GRAÇA LEÃO

Coronel! Sou cativa e tenho de cumprir as ordens de meu senhor. Mas não gostaria de deixar a senzala. Tenho medo que se perca o que já consegui...

Januário interrompe suas palavras: Sei a que se refere. Surpreso e ao mesmo tempo temeroso pela transformação ocorrida com os escravos, a curiosidade tornou-me de assalto. Dessa maneira, ontem, acobertado pela noite, fui ver o que estava acontecendo. Embora permanecendo do lado de fora da senzala, não perdi uma única palavra do que foi dito, assim como elas calaram-me fundo n'alma. Compreendo que sua presença entre eles é de grande valia. Portanto, deixará o trabalho no engenho, permanecendo em minha companhia durante o dia. A noite, irá para a senzala.

Obrigada, coronel, pela sua compreensão. Assim será feito. Os primeiros dias para Januário foram-lhe extremamente difíceis. Todavia, com o tempo, acostumarase à nova situação.

Os meses passavam, sucediam-se os anos...

191

### CAPÍTULO 15 O SONHO DE LIBERDADE

Chegamos ao ano de 1871. Desde 1850, quando a primeira lei foi promulgada pondo fim ao tráfico negreiro, os abolicionistas continuavam sua luta.

Nesse ano conseguiram dar um passo a mais. Através da Lei do Ventre Livre, os filhos de mulher escrava, nascidos a partir da aprovação dessa lei, estavam libertos. Os escravocratas não gostaram. Os abolicionistas, menos ainda, pois o filho da escrava continuaria propriedade do senhor até os 21 anos de idade e eles queriam a libertação total.

Mas a luta prosseguia... Na fazenda do coronel Januário, esses anos decorridos geraram profundas modificações. A fazenda havia sido remodelada em sua estrutura.

192

## GRAÇA LEÃO

A primeira providência foi demolir a antiga senzala. Dera lugar a uma nova, mais ampla, propiciando aos escravos melhor conforto. No lugar do temido tronco, viase agora uma fogueira, onde, à noite, os cativos, em companhia dos feitores e capatazes, se reuniam em derredor. Seus cantos alegres embalados pela brisa da noite chegavam à casagrande proporcionando a Januário um bem-estar indizível.

Os negros reprodutores, que viviam nas pequenas casas à beira da estrada, foram levados para a senzala. Em seus lugares foram colocados os que formavam família.

O cheiro que antigamente era insuportável dera lugar ao aroma das flores, plantadas em derredor das pequenas casinhas pintadas em cores alegres.

O galpão disciplinador não mais existia, era agora usado como depósito das sacas de açúcar. Estava sempre abarrotado, devido à produção, que crescia dia a dia, gerando lucros extraordinários.

As sementes do conhecimento, que Benedita lançava, floresciam nas consciências com o dever de tornarem-se melhores. E, assim, crescia o respeito entre escravo e senhor.

Mostrando-se agradecidos, os escravos presentearam Januário com uma liteiras' construída por suas próprias mãos. Agora não precisava ficar preso ao leito.

Pela manhã, dois escravos se apresentavam à casagrande para conduzi-lo. Com o passar do tempo, Januário foi tomado de sentimento de amor por aquele povo escravizado.

Rosa, por sua vez, transformara-se em grande amiga de Benedita. Embora respeitasse o concubinato com o patrão,

17 LITEIRA - Espécie de cadeirinha coberta, sustentada por dois longos varais e conduzida por dois homens.

O SOL NASCE PARA TODOS

193

!çara

Le o

conservava no coração a antiga paixão pelo estravo reprodutor.

A noite, ao levar o alimento na senzala, os -ik furtivos denunciavam que o tempo não arrefecera %seuss corações o sentimento do amor recíproco.

seus

No coração de Benedita, também havia alguém especial: era Dario, filho de Januário.

Logo que deixara o engenho, transferindo-se para casagrande, percebera que, embora o pequeno infante acdolasse o pai, era por ele desprezado.

Aos poucos, com palavras revestidas de sabedorld, foi

u imo. ui.uýÿuv 1 L auia6v uc )ai ivally Ullld aleNdO que COIýÿe lenta, mas, com o tempo, explodira, arrebatando,i coração.

Dario era de temperamento dócil, generoso ao extkmo. Portador de uma sensibilidade toda especial, era incapdz de uma ação má. O menino extasiava-se com as conversas simples, repletas de saber, que Benedita lhe incutia na alma. Dessa forma, ia formando o caráter firme.

Quando estava ao seu lado, fazia-lhe perguntas de tamanha profundidade, para as quais obtinha sempre respostas esclarecedoras, saciando sua ânsia de e

h de aprender.

Devido a sua precocidade, havia alguns anos fora enviado à Capital para estudar. Sentia saudades dos pais e de Benedita, a quem carinhosamente chamava de Mãe Preta.

Nas raras oportunidades em que o estudo permitia, vinha para a fazenda, sentindo-se feliz por estar junto de seu povo.

Januário sentia orgulho do filho. Notava-lhe a tenacidade bondosa e educada no trato com as pessoas.

No tempo decorrido, Dario transformara-se em um belo jovem. Era muito bem visto na Capital. Suas mães elegantes, agregadas à beleza física, balançavam os corações

194

## GRAÇA LEÃO

femininos. O fato de ser mulato não fora empecilho para que as sinhozinhas por ele se apaixonassem. Embora muito requisitado pelas moçoilas, fora Isabel, com sua delicadeza e formosura, quem conseguira arrebatado o coração do cobiçado mancebo.

Os pais de sua prometida, assim como Januário, aguardavam o feliz consórcio, que aconteceria logo que terminasse os estudos.

Com o passar do tempo, as raízes do amor entre pai e filho iam-se fortalecendo.

Dado o clima de paz que a presença de Benedita trazia, Januário iniciou-se nos conhecimentos por ela ministrados. Durante os anos de convivência, tornaram-se confidentes. Isso fortalecia o laço de amizade entre eles.

Certo dia em que conversavam, Januário sentiu-se encorajado a fazer-lhe uma confissão. Com os olhos marejados, demonstrando arrependimento, falou:

Preciso confessar um crime que trago na consciência. Sei que um dia terei de prestar contas perante Deus, mas agora me exponho ao seu julgamento. Fui o único responsável pela morte do coronel Gregório. Cego pela ganância, arquitetei o plano que culminou na morte daquele que você sempre considerou como pai. E como se isso não bastasse, tornei-me um hábil acusador. Coloquei sobre os ombros de Pedro uma culpa que não lhe pertencia.

Benedita escutava com serenidade aquela confissão. Logo depois, pegando as mãos de Januário entre as suas, respondeulhe bondosamente:

Não sofra, coronel! Confiemos em Deus, pois Ele é Pai de Amor e não nosso julgador. Sua compreensão é ilimitada. Sabendo que ninguém se perde eternamente, Deus se compadece dos que sofrem e abençoa os que ainda ignoram a verdade. O arrependimento, que demonstra, é o embrião que começa a nascer em sua consciência, abrindo caminho na conquista de novos valores. Sendo assim, é

## O SOL NASCE PARA TODOS

195

nessa conquista que deve se empenhar. E, se Deus não o julga, como poderei julgá-lo? Quanto a Pedro, a culpa que recaiu sobre seus ombros nenhum prejuízo lhe trouxe, pois ninguém carrega o peso que não lhe pertence. O único peso que carregamos é o de nossa consciência.

Tudo isso ela expôs de uma forma profunda, simples, deixando Januário perplexo.

Dessa maneira, entre colóquios esclarecedores, o tempo passava sem que eles percebessem.

Agora, vamos encontrar Benedita entre suas flores no jardim.

Os cabelos estão alvos como a neve. Devido à dificuldade em se locomover, faz uso de uma bengala. O corpo encurvado denuncia a idade avançada. Mas está feliz. É junto das flores que renova as forças, no doce colóquio com seus amigos invisíveis. Entre a senzala e a casagrande, leva sua simples vida.

Januário havia saído muito cedo pela manhã. Os escravos tinham vindo buscá-lo, para que acompanhasse os trabalhos no algodoal. Estavam em plena colheita.

Ao cair da tarde, retornava satisfeito, sentindo-se novamente integrado ao trabalho.

Pensando nele, Benedita sorriu satisfeita. Gostava de quando ele se aproximava, chamando-a de Mãe Preta. Há alguns anos, todos a chamavam assim. Ficara feliz com o cognome.

Estava absorta, cuidando das flores, quando escuta alguém a lhe chamar, aflito:

Mãe Preta! Mãe Preta! Imediatamente ela olha para os lados, sem saber quem a está chamando. Chega um escravo, mostrando na fisionomia a aflição que sente. Com palavras entrecortadas lhe diz:

196

## GRAÇA LEÃO

Mãe Preta, o coronel!...o coronel não está passando bem. Desfaleceu lá na plantação. Nós o trouxemos para a casagrande, e não dá sinais de vida.

Benedita sentiu o coração se apertar. Apoiando-se na bengala, procurou apressar o passo, apesar da dificuldade para caminhar. Chegando aos aposentos de Januário, pediu para Rosa ir buscar algumas ervas. Não demorou muito tempo para estar de volta, trazendo-lhe o tufo de ervas pedidas. Em seguida Benedita se aproximou das narinas do enfermo esperando o resultado.

Passados alguns minutos, Januário começa a entreabrir os olhos. Com dificuldades para respirar e falando com voz pastosa lhe diz:

Mãe Preta! Meu fim se aproxima. Sinto dores no peito, meu coração parece que vai explodir.

Fique calmo, coronel! Procure não se agitar. Vou mandar Sebastião ir em busca do médico. Logo mais ele estará aqui. Enquanto isso, confiemos na Providência Divina, que não nos desampara.

Orientado por Benedita, Sebastião parte, rumando para a Capital.

Ao cair da tarde, retorna, trazendo em sua companhia o doutor e Dario. Este, ao saber da enfermidade do pai, não pensou duas vezes para abandonar os estudos. Queria estar junto daquele a quem amava. Após os exames, o diagnóstico era o que Benedita já temia. A idade avançada, aliada às condições impostas pela deficiência, fora enfraquecendo o coração. Agora seria uma questão de tempo. Alguns meses, alguns dias, quem é que sabe? Foram as palavras do doutor.

Os dias foram passando. Januário definhava cada vez mais. Sulcos profundos marcavam-lhe as faces. Estava pálido e abatido. Dario não quisera sair de perto do pai.

## O SOL NASCE PARA TODOS

197

Revezava-se com Benedita nos cuidados com o doente.

Certo dia, ela surpreende o seu senhor meditativo. Abeirando-se do leito, pergunta:

Em que pensa, coronel? Assim tão absorto? Penso em tudo o que aprendi nestes últimos anos. Bendito seja o dia em que aquela serpente atravessou o meu caminho. Ela foi o instrumento que me fez usufruir de sua companhia. Creio também que nossa convivência e amizade me dão o respaldo para lhe perguntar de onde vem seus conhecimentos.

Ah! coronel, esses conhecimentos são difíceis de explicar. Decorrem de seres invisíveis que me rodeiam, transmitindo-me sábios conselhos e ensinamentos de elevada sabedoria. Quando criança, fui proibida por minha saudosa mãe de abordar o assunto, pelo total desconhecimento dos fatos que comigo se passavam. Mas, nunca deixei de prestar atenção no que me era dito, assim como procurei nortear minha vida por eles.

Agora compreendo por que você nunca aceitou a alforria. Ná verdade sempre foi livre. A mesma liberdade que comecei a usufruir quando minhas pernas não mais me levaram a lugar algum. Hoje sei que a verdadeira liberdade está no Espírito e no conhecimento das leis que nos regem.

É verdade, coronel! Um dia, a humanidade, cansada de sofrer, irá se nortear por esses princípios. Mas, até lá, temos Espíritos abnegados que nos auxiliam. Basta apenas abriremos as portas do coração para que eles possam entrar.

Januário, olhando com ternura para Benedita, continua seu desabafo:

Quero agora lhe contar o sonho que tive na noite anterior à minha queda. Sei que, no princípio, as cenas terríveis vivenciadas foram geradas pela minha consciência devedora. Mas, em determinado momento, ao empreender a fuga do local onde as cenas aconteciam, senti muita sede. Avistei um riacho de águas cristalinas. Embora a sede me

198

## GRAÇA LEÃO

consumisse, senti medo. Pensei que, naquelas águas límpidas, poderia haver algum veneno corrosivo. Mas vi do outro lado do riacho o meu avô Izidoro, que, entre gestos, me convidava a beber.

Os anos se passaram, e jamais me esqueci da limpidez daquelas águas. Hoje sei que bebi daquela água, porque provinha de uma fonte divina. O veneno que continha matou em mim o homem velho, fazendo nascer um novo homem.

Januário, entre soluços, continua: Quero lhe agradecer, Mãe Preta, pelo novo homem que sou. Quando chegar o momento de minha partida para a Pátria Espiritual, irei tranquilo. Os ensinamentos que me deu, levo-os em mim, como um tesouro que a traça não corrói e a ferrugem não consome. E, com certeza, nortearão minha caminhada futura.

Benedita derramava lágrimas comovidas. Em seguida, Januário abre os braços, pedindo-lhe: Vem, Mãe Preta! Deixe-me abraçá-la. Quero também beijar esta marca em sua face. Foi através dela que recebi minha primeira lição.

Ao curvar-se, as lágrimas que lhe banhavam as faces se misturaram às de Januário. Nas lágrimas que se confundiam nas faces, esses dois Espíritos selaram o afeto que iria perdurar pelos séculos afora.

Na sala contígua ao aposento em que se encontravam, Dario também secava as lágrimas. Em determinado momento, indo fazer companhia ao pai, deparou-se com esse colóquio. Não quisera interromper, antevendo ser esta uma despedida.

\*\*\*\*\*

A noite chegou, o dia amanheceu, e Januário não fazia mais parte deste mundo. Desencarnara durante a noite. Deixara não só os familiares, mas também os escravos,

O SOL NASCE PARA TODOS

199

mergulhados em profundo pesar.

Após os funerais, a vida precisava seguir seu curso. Os dias se passavam e Dario sofria com a morte do pai. Benedita via, na bondosa Isabel, alguém que poderia ajudá-lo a superar a dor.

Embora inconformado, voltou para a Capital, a fim de concluir os estudos.

Enquanto isso, Sebastião tomava as rédeas dos negócios gerados na fazenda. Benedita transferiu-se definitivamente para a casagrande. Desde a morte de Januário, a alimentação dos escravos era preparada na senzala. Mas, à noite, Rosa acompanhava Benedita, para que estivesse presente nas reuniões. O alimento espiritual continuava sendo distribuído nas palavras vibrantes de fé, transmitindo a todos as mensagens de esclarecimento e orientação que tanto benefício traziam.

Sempre que Rosa ia à senzala, Felício, o escravo reprodutor, seguia-lhe todos os movimentos com o olhar terno dos apaixonados.

Aquele amor oculto não passava despercebido da Benedita.

Foi assim que resolveu ajudar os corações enamorados. Certo dia, Dario chegara da Capital e escutara de sua Mãe Preta a história daquele amor que perdurara com o tempo.

Dario, coração bondoso, comovera-se com o relato. Depois de muito pensar, foi ter uma conversa com a mãe.

Em certo momento, encontrando-a sozinha e tristonha, aproximou-se. Olhando-a nos olhos perguntou:

Então é verdade que ama alguém e esconde no fundo do coração?

Rosa não respondeu. Duas lágrimas caíram dos seus belos olhos e correram lentamente pelas faces.

Dario compreendeu a resposta.

200

## GRAÇA LEÃO

A seguir, convida a mãe para acompanhá-lo até a senzala. Ao chegar, conversa com Felício, abençoando aquela união.

Enfim chegava para aqueles corações sofridos um feliz desfecho do sentimento escondido durante anos.

Ficara acertado entre eles que, tão logo terminasse os estudos e se consorciasse com Isabel, Rosa e Felício passariam a residir numa das antigas casinhas que havia sido remodelada.

Sua preocupação agora ficava por conta de Mãe Preta. Ela havia dito que, após seu enlace, voltaria para a senzala. Todavia, nas condições em que se encontrava, muito idosa, com dificuldade de se locomover, sabia ser esse desejo impossível.

Procurava uma solução, quando, de repente, emerge de sua memória, um fato revelador.

Certa ocasião, ao levar Mãe Preta atrás da senzala para apanhar algumas ervas, esta lhe confidenciara:

Olha, filho, que lugar encantador! Sempre que meus afazeres o permite, é aqui que me refugio. O perfume balsâmico dessas flores suaviza meu coração. Essas árvores frondosas proporcionam sombra acolhedora. Escuto no canto dos pássaros e na brisa a doce melodia da Natureza. Às vezes, em devaneio, vejo-me aqui, tendo como abrigo uma linda casinha. Quando acordo, não fico triste, o que me conforta, é saber que ainda consigo sonhar.

Ao lembrar esse diálogo, uma idéia lhe surgiu. Mandou chamar Sebastião, a fim de que viesse com urgência até o escritório. Queria lhe falar.

Bom dia, patrãozinho! Alguma ordem? Com ar de zombaria, Dario lhe responde: Bom dia! Em primeiro lugar, aqui não há patrão e empregado, e sim amigos. Esqueceu-se das palavras de Mãe Preta? Que cada um de nós tem uma tarefa específica e devemos trabalhar de comum acordo em benefício de

O SOL NASCE PARA TODOS

201

todos?

É verdade, pat... Ou melhor, Dario. Em seguida, riram-se à solta. Passado o momento de descontração, Dario diz:

Sebastião, preciso de sua cooperação. Como é de seu conhecimento, daqui a poucos meses concluirei os estudos e, em seguida, irei me casar com Isabel. Sendo assim, antes de regressar a Salvador, preciso tomar algumas providências. Ficou acertado que minha mãe e Felício irão residir numa das casinhas à beira da estrada. Minha maior preocupação é com a Mãe Preta. Creio ser chegada a hora de dar-lhe o devido descanso, proporcionando-lhe uma vida mais tranqüila. Tive uma idéia, mas, gostaria de discuti-la, para saber se é viável.

Em poucas palavras, relatou seu projeto. Gostaria de construir atrás da senzala uma casinha para Mãe Preta. Se possível, debaixo daquelas frondosas árvores. De maneira que seus canteiros de flores e ervas não sofram prejuízo.

No final, Sebastião disse: Ótima idéia! Não só é viável, como me sentirei feliz colocando-a em prática. Hoje mesmo irei ao local, para fazer o projeto. Ficarei apenas aguardando sua ordem para darmos início. Minha ordem, já a tem! Quando quiser, pode começar a construção. Mas não se esqueça de que deve ser de chão batido. Mãe Preta sempre diz gostar de sentir a terra sob seus pés.

Pois então, está combinado. Amanhã iniciaremos o trabalho.

Passados alguns dias, Dario retomava os estudos. Enquanto isso, aos poucos, a casinha de Bened i ta ia sendo erguida.

Quando Rosa soube, não conseguiu se conter, foi ao seu encontro levando-lhe a alvissareira notícia.

202

## GRAÇA LEÃO

Nossa personagem julgou estar sonhando. Abraçada a Rosa, derramou lágrimas de felicidade. Jamais imaginara que seu sonho se tornaria

realidade.

Meses mais tarde, Dario concluía os estudos e, num esplendoroso dia de sol claro e brilhante, uniu-se a Isabel.

Passados alguns dias, retomava com sua meiga esposa para a fazenda. A casagrande fora toda preparada para receber o feliz casal. Após os abraços esfuziantes de boas-vindas, Rosa foi definitivamente para seu novo lar. De agora em diante, iria viver com Felício, o grande amor de sua vida.

Enquanto isso, Benedita, ao lado de Dario, o filho do seu coração, seguiu para seu pequeno recanto.

Era um lindo dia. Nos canteiros bem-cuidados, o sol realçava a beleza das flores dando um toque a mais no colorido. Os perfumes misturavam-se nos ares. Os pássaros saltitavam aqui e ali nos galhos das árvores, entoando sonoro cântico.

Dentro da humilde casinha, Benedita tenta controlar a emoção que ainda repercute em sua alma.

Dario emocionou-se ao ver a felicidade de sua Mãe Preta. Era com dificuldade que continha o pranto. Despediu-se dela com os olhos brilhando pelas lágrimas.

Logo depois, sentada em tosco banco, ela eleva o seu pensamento ao Alto, na sentida prece de agradecimento ao Criador. O tempo passava...o sofrimento ficava para trás...

203

## CAPÍTULO 16 ÚLTIMA LTLTIMA PROVA

O calendário da Terra marcava o ano de 1885. Nesse ano, mais uma lei era promulgada. A Lei dos Sexagenários declarava livres os escravos que chegassem aos 65 anos de idade.

Os escravocratas gostaram dessa lei, já que, após os 65 anos, o escravo era um “peso morto”. Para os abolicionistas, foi uma brincadeira de mau gosto.

Todavia, a campanha pela libertação da escravidão no Brasil deixava de ser um movimento apenas de políticos, poetas, escritores que combatiam o regime escravocrata pelos jornais, tribunas e partidos políticos, passando a ser um movimento popular, no qual as populações das grandes cidades apoiavam a libertação do homem negro.

Entretanto, na visão dos escravos, essa foi uma terrível lei. Muitos procuraram através do suicídio sua liberdade. Doentes e debilitados pelos trabalhos incessantes, os que haviam chegado a essa idade temiam a fome e o abandono

204

G«AÇA LEÃO

na poeira das estradas.

Enquanto os cativos eram amedrontados com leis que lhes traziam sofrimentos cada vez maiores, os abolicionistas continuavam a luta pela libertação total...

Na fazenda de Dario, a vida continuava seguindo seu curso. As notícias que chegavam da Capital, colocando-os a par das transformações ocorridas, não interferiam na rotina diária. Os poucos escravos que tinham atingido essa idade já haviam sido recolhidos à senzala fazia muitos anos. Eram bem alimentados, usufruindo de uma vida agradável.

Benedita, mente lúcida, tinha ciência de que, até a libertação total, muitos sofrimentos ainda viriam.

Suas preleções não mais eram feitas na senzala devido a sua fragilidade. Era portadora de várias enfermidades, dentre as quais a degenerativa dos ossos. Mas continuava esclarecendo-os nas reuniões agora realizadas em seu pequeno recanto sob a luz do luar.

Os escravos sofriam, vendo o sofrimento de sua Mãe Preta.

Quando inquirida sobre os sofrimentos, respondia-lhes sabiamente:

Compreendo o sofrimento, não como uma prova imposta às criaturas, mas como forma natural de depuração para se atingir a perfeição. Dessa forma, precisamos aceitá-los, para que no futuro tenhamos uma vida mais amena.

Essas palavras eram absorvidas não só pelos escravos, mas por duas criaturinhas que ficavam ao seu lado, atentas às lições recebidas. Eram os filhos de Dario.

Com o passar dos anos, Isabel dera-lhe um casal de filhos, os quais eram a alegria de Benedita. Via-se em seus pequenos gestos e na convivência com os cativos que esses espíritos não traziam em seus corações o germe do preconceito. Suas artes e folguedos eram de comum acordo com os filhos dos escravos.

Dessa maneira, Mãe Preta continuava levando sua

## O SOL NASCE PARA TODOS

205

simples vida...

Ao cair da tarde, usufruindo da sombra amiga daquelas belíssimas árvores, Benedita falava ao Criador.

A oração era o lenitivo para aquele coração. Através das rogativas ao Alto, sentia o alívio que só a prece concede. E assim o tempo ia passando...

\*\*\*\*\*

Janeiro de 1888. Mãe Preta já havia alguns dias sentia-se ausente. Pensamentos estranhos de saudade a assaltavam. Recordava seus entes queridos, sentindo o coração revolver-se em doces lembranças que lhe afloravam à mente.

Vamos encontrá-la admirando os últimos reflexos do sol, que cobrem suas flores, dourando-as maravilhosamente. Sentese invadida por estranha melancolia. Sente ímpetos de chorar e dá vazão ao pranto.

Quando a noite chega, os escravos percorrem o caminho que os leva até o recanto de Benedita. Recebem nesse dia preciosas lições. A noite já vai alta quando dela se despedem. É com dificuldades que se levanta de seu tosco banco, indo lentamente para o interior de sua humilde casinha.

Ao chegar, vê sob a trempe do fogo de chão o tacho de ervas a fumegar. Aproxima-se a fim de tirá-lo do fogo.

Nesse momento, uma acha de lenha incandescente tocou-lhe as vestes. Mãe Preta nada pôde fazer, o fogo subia pelo seu corpo. Naquela hora suprema, envolta em chamas, ergueu os olhos para o Alto em doce rogativa. Em meio ao fogo que a consumia, surpreende-se ao ver a imagem de sua mãe, com as mãos estendidas, a chamar:

Vem, filha. Você venceu a sua prova! Benedita, então, desligando-se definitivamente do fardo

206

## GRAÇA LEÃO

físico, deixa extravasar a ânsia de libertação, por tantos séculos acalentada.

Em seguida parte em companhia de Ana e Amaru, o amigo invisível que tutelara sua caminhada no mundo terreno, em direção à África.

Logo sobrevoava a Pátria onde havia sido gerada. Olha fascinada os animais correndo soltos nas pradarias. Conservando ainda as impressões da matéria, demonstra vontade de pisar naquele solo. Quer sentir sob seus pés a relva macia e sentir o cheiro do trigo maduro.

Algum tempo depois, sua mãe a convida: Vamos, filha. Voltemos ao lar espiritual, uma das muitas moradas da Casa do Pai.

Seu lar é a Colônia dos Reeducandos. De lá saiu para cumprir a programação no educandário terreno e agora retorna, vitoriosa. Rejubilemos, agradecendo ao Pai a vitória alcançada.

No dia seguinte, os escravos, consternados ante a tragédia, correram a chamar Dario.

Este, deparando-se com o triste episódio, ajoelhou-se perante os restos mortais de sua querida Mãe Preta, chorando desconsolado.

Quem realmente era Dario? Dario havia sido o único filho de Ástria e Silos. Quando os pais morreram nos campos de luta, assumira o comando deixado por eles.

Esse valoroso Espírito ostentava no coração a bandeira branca da paz. Daquele dia em diante acabavam-se as guerras de conquistas e começava para aquele povo novos tempos...

Como podemos verificar, o Amor é a base fundamental de nossa existência. Faz com que os amores do passado venham em nosso socorro.

O S(i), NAscV I',vH,1 TODOS

207

Da mesma forma que a marca do ferrete na face de Benedita, deixando que Rosa conservasse sua beleza, foi o elo de Amor interligando as duas criaturas. Dario havia renascido através do ventre daquela cativa, que em existência pregressa havia sido prejudicada por Astria. Sendo assim, não só se reconciliava com Lavínia e Rosa, mas também lhe proporcionaria conviver com o filho de outrora. Dario, vencendo as barreiras do tempo, viera em seu socorro, a fim de lhe proporcionar uma velhice tranqüila.

Benedita, por outro lado, desencarnara tragicamente, expiando o último ato violento de seu passado longínquo. Seu ideal havia sido o das grandes almas já cansadas de sofrer.

E foi assim que desenvolveu sobremaneira a sua capacidade de amar.

Apaga-se a tela do passado, registra-se no livro a história.

Treze de maio de 1888. O Brasil amanheceu bafejado pelo hálito divino. Pelas mãos da princesa Isabel, os escravos recebiam a tão sonhada

liberdade.

No Plano Espiritual, Espíritos que haviam passado pela experiência do cativeiro estavam reunidos. Cantavam em homenagem a Isabel, a Redentora.

Entre eles estava Benedita, a Mãe Preta, como até hoje é conhecida. Abençoava, do Mundo Maior, o filho querido, Dario. Enfim, a liberdade nascia para todos. Restava agora aguardar que a humanidade, através dos séculos afora, libertasse o Espírito da chaga do preconceito, na sublime compreensão de que, em essência, somos

208

## GRAÇA LEÃO

centelha divina proveniente do mesmo Criador.

A Lei Áurea, nº 3.353, continha a seguinte redação: Art 1º - É declarada extinta, desde a data desta lei, a escravidão no Brasil.

Art 2º - Revogam-se as disposições em contrário. Na verdade, o Governo libertara os escravos para não perder a monarquia.

Mas, como eram os escravocratas que sustentavam a monarquia, a abolição apressou também o fim do Império.

Essa história termina aqui, mas a vida continua ininterruptamente...